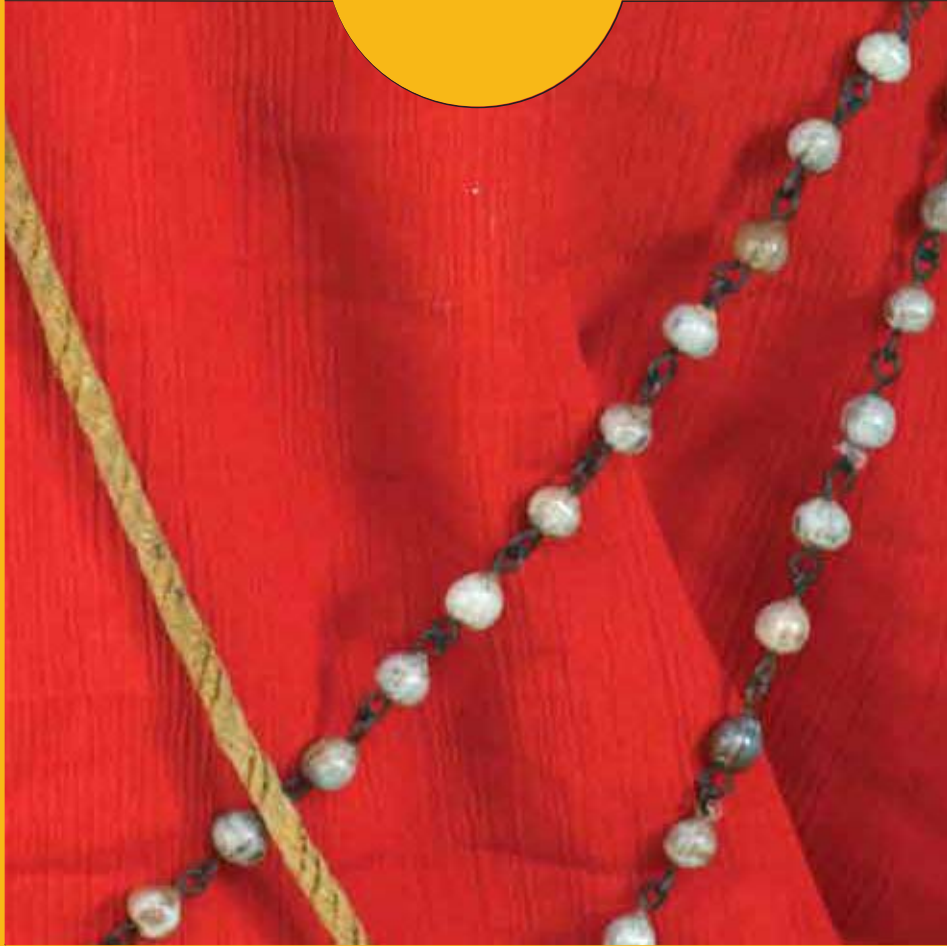


Fotografias
Marcelo Feijó
Diana Landim

Talita Viana
Sebastião Rios

Na
Angela
tem

MOÇAMBIQUE DO TONHO PRETINHO



Na
angola
tem

MOÇAMBIQUE DO TONHO PRETINHO



Na
angola
tem

MOÇAMBIQUE DO TONHO PRETINHO

Talita Viana
Sebastião Rios

Fotografias
Marcelo Feijó
Diana Landim



GRÁFICA
Copiart
EDITORA

Tubarão, 2016

© 2016, Talita Viana, Sebastião Rios, Marcelo Feijó e Diana Landim

Revisão

Joana Abreu e Marcelo Feijó

Projeto gráfico e diagramação

Luisa Malheiros

Ficha Catalográfica

V66 Viana, Talita, 1987 -
Na Angola tem : Moçambique do Tonho Pretinho /
Talita Viana, Sebastião Rios ; Fotografias Marcelo Feijó e Diana Landim.
- - Tubarão : Copiart ; [Goiânia] : Faculdade de Ciências Sociais/UFG, 2016.
208 p. : il. color. ; 21 cm. + 1 CD + 1 DVD

ISBN 978.85.8388.077.6

1. Cultos afro-brasileiros - Minas Gerais. 2. Patrimônio imaterial. 3. Moçambique (Dança) - Minas Gerais. I. Rios, Sebastião. II. Feijó, Marcelo. III. Landim, Diana. IV. Título.

CDD (22. ed.) 299.6098151



Realização

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN

Presidente do IPHAN

Jurema Machado

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial

TT Catalão

Coordenação Geral de Identificação e Registro

Mônia Silvestrin

Coordenação Geral de Salvaguarda

Rívia Ryker

Coordenadora de Identificação

Sara Santos

Coordenadora de Convênios e Prestação de Contas

Andressa Araújo Durães

Superintendente do IPHAN – MG

Célia Maria Corsino

Técnica – Patrimônio Imaterial SE/MG

Vanilza Rodrigues

Projeto Salvaguarda do patrimônio cultural imaterial relacionado à música, canto e dança de comunidades afro-descendentes na América Latina, coordenado pelo Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina – CRESPIAL / UNESCO

Consultor CRESPIAL/IPHAN – Brasil

Marcos da Costa Martins

Universidade Federal de Goiás**Reitor**

Orlando Afonso Valle do Amaral

Vice-Reitor

Manoel Rodrigues Chaves

Pró-reitor de Graduação

Luiz Mello de Almeida Neto

Pró-reitor de Pós-Graduação

José Alexandre Felizola Diniz Filho

Pró-reitora de Pesquisa e Inovação

Maria Clorinda Soares Fioravanti

Pró-reitora de Extensão e Cultura

Giselle Ferreira Ottoni Candido

Pró-reitor de Administração e Finanças

Carlito Lariucci

Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos

Geci José Pereira da Silva

Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária

Elson Ferreira de Moraes

Faculdade de Ciências Sociais – FCS**Diretor**

Dijaci David de Oliveira

Vice-Diretora

Janine Helfst Leicht Colaço

Fundação de Apoio à Pesquisa – FUNAPE**Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília**

Moçambique do Tonho Pretinho

Antônio Lázaro Cândido da Silva (Tio Adão)
Adílio Rodrigues Silva
Adriano Ferreira Santos (Tinico)
Aldair Rezende Santos
Aline Silva Santos
Ana Elisa Rodrigues Souza
Anésio Rocha Silva
Antônia Roberta dos Santos
Antônio da Cruz Mota (Baio)
Antônio Geraldo do Nascimento (Tonho Pretinho)
Camila Pereira Gonçalves
Catarina Maria da Silva
Charles Aparecido
Conceição Etelvina Borges
Davi Andrade
Divina Maria Pereira
Edna Aparecida Silva
Eduardo Lívio d'Alessandro Almeida (Du)
Estenio Silva Rosa
Francisco Ézio Martins (Chicão)
Geovani César Nascimento
Geraldo Rodrigues
Gustavo Henrique Santos Oliveira
Irene Silva Nascimento (Lena)
Jacinto Antônio dos Santos (Baiano)
Joana Darc Silva Santos
José Alvelar da Silva
José Luzia dos Santos Filho (Deco)
Jucilene Fátima Araújo
Jurandir Rodrigues
Kêmerson Rodrigo Oliveira Pinto
Maria de Lourdes Martins
Luiz Otaviano
Marcelo Silva
Marcos Vinícius Lima Nascimento
Maria Almerinda Oliveira (Lia)
Maria Esmeralda Silva (Esmeraldina)
Maria Etelvina de Araújo (Fia)
Maria de Lourdes Afonso (Nenzinha)
Maria de Lourdes Dutra
Marina Vieira Rosa

Marli Mendes Silva
Nildo Antônio Santos
Rafael Sávio Santos
Ricardo Heleno Nogueira Oliveira
Rogério Ernani dos Santos Silva
Rogério Silva Nascimento
Sildéa Aparecida Santos (Deia)
Valdeci Gonçalves (Cicinho)
Vitor Gabriel Santos Silva
Viviane Mascarenhas
Wagner Marcos de Araújo Júnior
Wallace Henrique Santos
William Flint Silva

Rainha e Rei Congo do Reinado da Boa Viagem

Marcelina Tibúrcio da Silva e Luiz Maria (Mudo)

Diretoria do Reinado da Boa Viagem**Presidente**

Carlos Alberto Silva

Vice-presidente

José Antônio Filho (Seu Dico)

Secretária

Shirlene Aparecida Souza

Capitão-mor

Antônio Vicente Ferreira

Capitão suplente

Sebastião Vicente Ferreira

Capitão regente

Joaquim Souza Rezende

Tesoureiro

Cecílio Lopes da Fonseca

Apoio

Geraldo Francisco Rabelo, Vânia de Sá Rabelo,
Rachel de Sá Rabelo Silva, Patrícia Oliveira

Projeto Memórias e cantos do Moçambique do Tonho Pretinho

Coordenação

Sebastião Rios

Extensão e pesquisa

Sebastião Rios

Talita Viana

Marcelo Feijó

Diana Landim

Carlos Silva

Transcrição de entrevistas

Edna Silva

Natália Durães

Paulo Victor Silva de Paula

Rafael Sávio Santos

Vitor Gabriel Santos Silva

Wallace Henrique Santos

DVD

Direção

Talita Viana e Sebastião Rios

Direção de fotografia e montagem

Diana Landim

Roteiro

Talita Viana e Juliana Saenger

Cinegrafistas

Diana Landim e Marcelo Feijó

Oficina de vídeo

Rogério Neves

Assistentes de câmera (participantes das oficinas)

Edna Silva

Rafael Sávio Santos

Vitor Gabriel Santos Silva

Wallace Henrique Santos

Arte gráfica

Luísa Malheiros

Consultoria

Jimi Figueiredo

Direção musical

Sebastião Rios

Captação de áudio

Sebastião Rios e Talita Viana

Sound designer e mixagem

Andrés Artesi (Andy Costa) / Zen Studios

Produção

Cinema Cinema

CD

Direção musical

Sebastião Rios

Captação de áudio

Sebastião Rios e Talita Viana

Produção executiva

João Fernandes

Masterização

Andrés Artesi (Andy Costa) / Zen Studios

Livro

Faculdade de Ciências Sociais – FCS

Diretor

Dijaci David de Oliveira

Vice-Diretora

Janine Helfst Leicht Colaço

Conselho Editorial

Carlos Liberato – UFS

Daniel Bitter – UFF

Jessé Souza – UFJF

Jordão Horta Nunes – UFG

(presidente)

Lara Amorim – UFPB

Mauro Victoria Soares – UFPE

Sérgio de Sá – UnB

Fotografias

Marcelo Feijó

Diana Landim

Fotografias adicionais

Rafael Sávio

Vitor Gabriel

Fotos de acervos pessoais (p. 170 – 175)

Transcrição musical

João Fernandes

Edição de partituras

José Reis de Geus – Zé do Choro

Revisão da edição de partituras

Paulo Guichenev





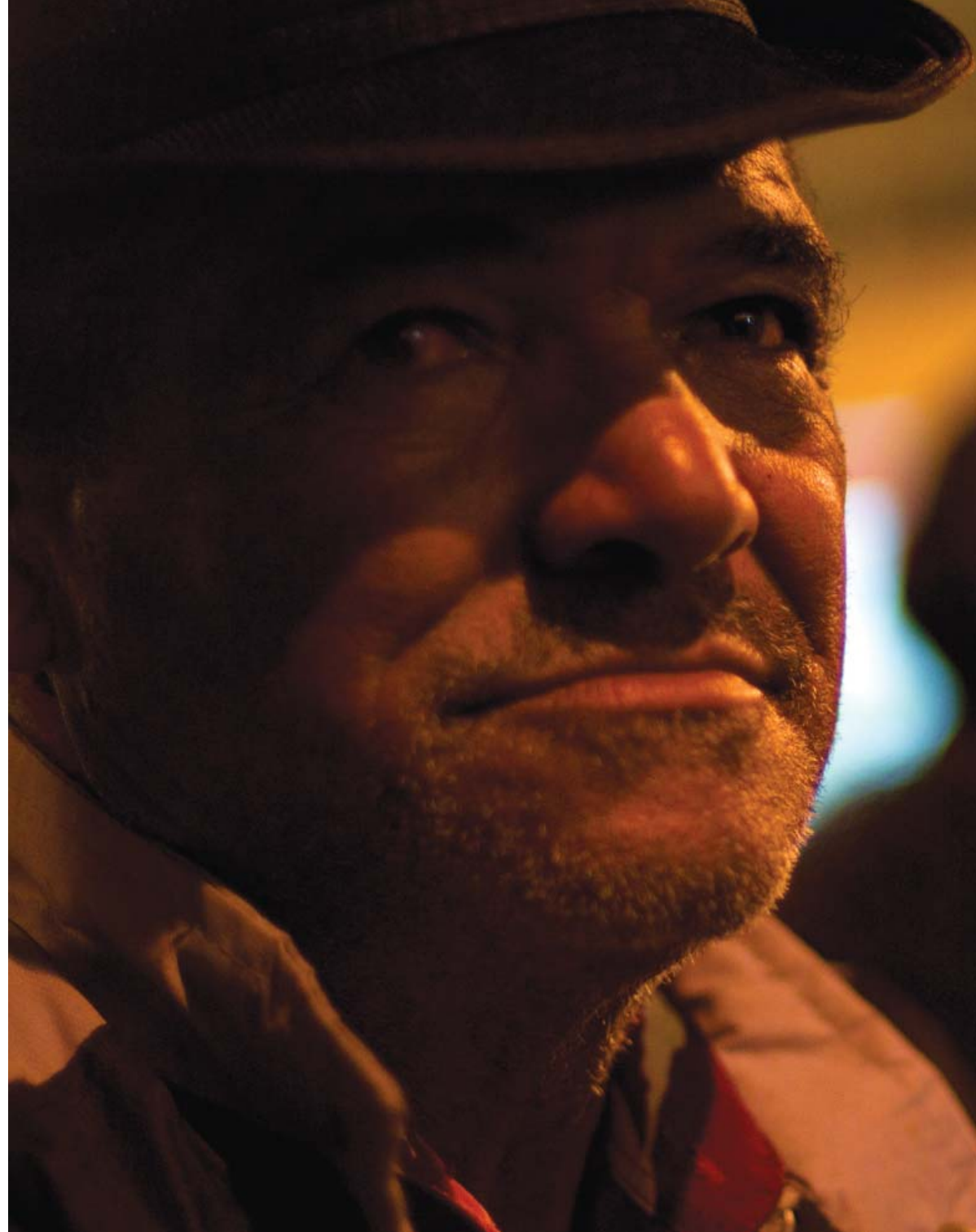


Agradecimentos

A toda Proteção Divina

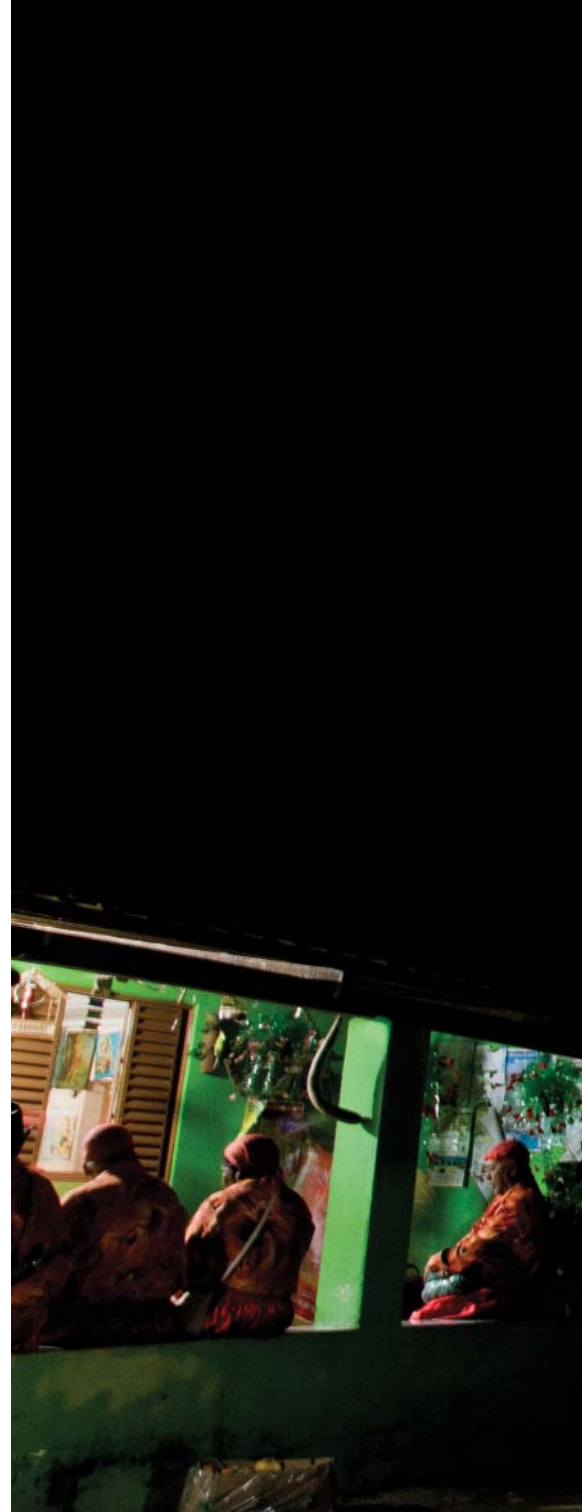
Agilberto Edison de Melo Júnior
Alan Ferreira
Alice Boianovsky Rios
Ana Claudia Cavalli de Sousa
Ana Luiza Azarias
Alberto Ribeiro do Carmo
Antônio Hermógenes da Silva
Aparecida Donisete Junqueira Ribeiro
Bruna Junqueira Ribeiro
Cláudia Costa
Cláudio Gonçalves Silva
Dalila Sousa
Daniel Caixeta
Daniel Lima Nascimento
Eliane Gonçalves
Elvira Silva
Evandro Mesquita
Fausto Menezes
Fellipe Marcus Vasconcelos
Fernanda Aparecida Silva
Flávia Cruvinel
Gabi (Gabriela Andrade)
Helena Schmidt-Rios
Henirdes Batista Borges
Iêda Meira Pereira
Iran Pereira Veiga Júnior
Irani Ferreira da Silva
Isabel Mesquita

Ivoneide Brito
Janila Betânia de Oliveira
José de Souza Filho (Zezinho)
Laís Lopes Menezes Stival
Lara Luiza
Larice Chaves
Luciane Moraes Viana
Luiza Medeiros
Magdalena Haidegger
Maria Ione Veiga Rios
Maria Lázara Rodrigues
Maria Nascimento
Nádia Junqueira Ribeiro
Nayra Lima
Nilo Ferreira Borges
Olívia Viana Neves
Rafael Matos
Raíssa Aparecida Silva Dutra
Renata Lima e Núcleo de Dança Coletivo 22
Renato Ribeiro (TV UnB)
Ricardo Guilherme e família
Rômulo Silveira Neves
Sebastião José Nascimento (Bastião Preto)
Sebastião Rios Corrêa
Sophia Ransmayer
Teodoro José de Oliveira
Terno de Congo de São Benedito – Capitão Antônio Geraldo
Vânia Denise Pereira
Vitória da Silva Campos Cândido





TONHO PRETINHO







V A gunga raiou, eu já tô no meio dela. Não aguento ver uma gunga malhar sem eu estar no meio dela, nem que seja pra ver. Eu gosto dos ternos tudo. Eu brinco nos ternos tudo. Brinco no terno do Vilão. Brinco no terno de Congada. Brinco em tudo, mas o meu chegado é o Moçambique. O meu preferido é ver a gunga do Moçambique malhar. Eu sou fã do Moçambique. Sou fã de Nossa Senhora. E sou fã das Proteção Divina. //

Tonho Pretinho

O MOÇAMBIQUE DO TONHO PRETINHO foi instituído em 1972, por ocasião do levantamento do Reinado de Nossa Senhora do Rosário no bairro da Boa Viagem, em Itapecerica – MG. O terno foi fundado pelo capitão Bastião Preto e, por volta de 1976, seu sobrinho, Tonho Pretinho, assumiu o comando da guarda. Apesar de sua data recente, a festa da Boa Viagem é herdeira e tributária de uma tradição forte e enraizada na região, que remonta ao ano de 1818, quando foi criada na cidade a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. A atuação de Tonho Pretinho também se insere numa linhagem mais extensa. Além do tio Bastião, fundador do terno, seu pai, Geraldo Nascimento, foi o primeiro rei congo da festa da Boa Viagem e seu avô havia sido capitão-mor na festa de Lameus, distrito rural da cidade.

O terno, embora mais conhecido pelo nome do seu capitão – afinal são 40 anos à frente do grupo –, conta ainda, desde seu início, com a atuação central de Dona Lena, esposa de Tonho, no suporte espiritual e na organização e, mais recentemente, de Deco, segundo capitão e pessoa chave no desempenho das funções rituais, bem como dos demais capitães e integrantes.

Este livro, que inclui documentário, CD, edição de partituras e fotografias, é resultado do projeto *Memórias e cantos do Moçambique do Tonho Pretinho* e cons-

titui uma amostra da atuação da guarda. O projeto foi realizado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Goiás. A ação é uma das representantes do Estado brasileiro no projeto “Salvaguarda do patrimônio cultural imaterial relacionado à música, canto e dança de comunidades afrodescendentes na América Latina”, coordenado pelo Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina – CRESPIAL / UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Desse projeto, participam treze países da América Latina e Caribe, comprometidos com a execução de experiências-piloto de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial afrodescendente em suas abrangências nacionais, compreendendo ações de produção de conhecimento, de documentação audiovisual, de apoio e fomento e de promoção e difusão dos bens culturais identificados.

O edital do IPHAN/CRESPIAL vetava a participação de projetos relacionados a bens culturais de natureza imaterial que já tivessem sido alvo de ação de patrimonialização do IPHAN. Este aspecto, somado à exigência de que a referência cultural deveria ser praticada e transmitida há mais de 75 anos, possuindo continuidade histórica e relevância para a memória e identidade de seus detentores e produtores, fez com que a seleção

do IPHAN priorizasse três ações referentes aos congados, envolvendo atividades de mapeamento, pesquisa, produção bibliográfica e audiovisual; ações educativas, formação, capacitação e transmissão de saberes; apoio à organização e à mobilização comunitária.

O eixo articulador das atividades propostas em cada projeto era a contribuição para a continuidade da existência do bem cultural imaterial e/ou para a gestão participativa e autônoma da preservação de práticas tradicionais referenciais dos grupos escolhidos. No caso específico do projeto *Memórias e cantos do Moçambique do Tonho Pretinho*, as várias ações convergiram para a salvaguarda e divulgação das concepções religiosas e das práticas culturais próprias dos descendentes de africanos na América, que constituíram os congados; concepções e práticas muitas vezes obliteradas pela maior visibilidade de elementos do catolicismo nos espaços públicos.

Nesse aspecto, o projeto visou explicitamente enfrentar um problema muito comum com respeito às percepções externas sobre o congado, que terminam por deixá-lo “sem lugar no mundo”. Desconfiado da ortodoxia do culto, o clero apostólico romano, muitas vezes, vê o congado como uma religião sincrética e não entende que ele seja suficiente ou puramente católico. No lado oposto, alguns segmentos do movimento negro, geralmente vinculados ao candomblé ketu / nagô reafricanizado, não percebem o congado como religião

afro-brasileira por entender que ele seria católico, logo, da religião do colonizador europeu. Pessoas que têm acesso apenas às funções públicas dos congados também costumam considerá-lo estritamente católico. Na somatória dessas percepções externas, temos a situação esdrúxula e paradoxal de o congado não ser visto por uns como católico, por ter elementos de religiões africanas, e de não ser visto como religião de matriz africana pelos outros, por ser ou ter elementos da religião católica.

Nesse passo, releva observar que, embora o cristianismo tenha se tornado religião oficial do império romano com Constantino e, a partir daí, uma instituição com poder temporal na Europa, ele tem origem oriental e não europeia. Além disso, no seu processo de expansão pela Europa, o cristianismo entrou em contato com outras crenças – celtas, germânicas / nórdicas, que têm pontos de contato interessantes com as religiões antigas e tradicionais da África e da Ásia –, das quais alguns elementos permaneceram residualmente e como arcaísmo no cristianismo, não obstante toda a luta milenar do clero romano por sua completa extirpação.

Esta não é, entretanto, a questão central aqui. Interessa, antes, enfatizar a presença das forças da natureza, da ancestralidade e das entidades e divindades africanas, que comparecem nos congados – sobretudo na figura do preto velho – e que permitem, sim, iden-

tificá-los como uma religião afro-brasileira; em alguns casos, com diferenças marcantes em relação ao catolicismo romano. A cosmologia predominante no Moçambique do Tonho Pretinho é marcada pela influência do plano espiritual no equilíbrio e harmonia do mundo físico, da esfera cotidiana do trabalho e de sustentação material da vida. A presença da ancestralidade e da espiritualidade de matriz africana na atuação do Moçambique, marcando seu compromisso com a tradição e com os fundamentos dos congados, foi o que nos atraiu para a realização deste projeto com o grupo.

Os congados ou reinados de Nossa Senhora do Rosário surgiram nas irmandades religiosas leigas de devoção negra, como as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de São Benedito, de Santa Ifigênia e de Nossa Senhora das Mercês. A abrangência e longevidade dessas irmandades durante o período colonial e imperial seriam impensáveis se elas não cumprissem funções que eram de interesse tanto da classe senhorial como de negros e pardos, escravos, forros e livres. Daí não ser muito apropriada qualquer dicotomia que perceba nas irmandades negras, alternativamente, um instrumento da classe senhorial para domesticar escravos, ou um espaço de resistência cultural. Mais profícua é a percepção de um encontro de povos diferentes que, em dado contexto de dominação social, econômica e política, produziu manifestações culturais mestiças.



Seguindo a intenção de divulgação e salvaguarda das concepções religiosas e das práticas culturais próprias dos descendentes de africanos presentes no Moçambique do Tonho Pretinho, no livro, no documentário e no CD apresentamos um pouco de seu comprometimento com a tradição das danças, dos ritmos e dos sentidos dos cantos presentes no reinado, onde o rosário e os tambores compõem lado a lado. E essa tradição, esses ritmos e esses sentidos dos cantos, embora ligados à memória ancestral que os reconecta com a África, se atualizam em cada edição da festa, que celebra as forças, ancestrais, entidades e divindades africanas e afro-brasileiras e os santos católicos.

O livro *Na Angola tem: Moçambique do Tonho Pretinho* traz percepções, memórias, cantos e cosmologias dos integrantes do grupo. Aos textos, soma-se o registro em áudio dos cantos e documentário do Moçambique, ademais de registro fotográfico. O trabalho com o Moçambique foi realizado em uma perspectiva transdisciplinar que, além de envolver profissionais de distintas áreas como ciências sociais, história, música, artes, fotografia e audiovisual, incorpora também as dimensões sensível / artística e intuitiva / espiritual do conhecimento. A tiragem do livro é de dois mil exemplares, voltados para distribuição educativa e cultural e para constituição de acervos de pesquisa e de documentação do patrimônio imaterial brasileiro. O livro será doado para as escolas e bibliotecas de Itapeverica – MG e região e para instituições culturais e de pesquisa na área de estudos afro-brasileiros, cultura popular e patrimônio imaterial no Brasil e no exterior.

De acordo com a linha de ação definida no projeto, o documentário *Na Angola tem* (38 min.) enfatizou também a centralidade das concepções religiosas de origem africana na atuação do Moçambique do Tonho



Pretinho; concepções perceptíveis nas funções rituais do reinado em que o Moçambique ocupa papel de relevo. Ao apresentar a dança, os cantos, as expressões gestuais e a performance dos capitães e dançadores, o filme explora a simultaneidade e a indissociabilidade do louvor aos ancestrais, às forças da natureza, às entidades e divindades afro-brasileiras e aos santos católicos; simultaneidade que marca o caráter híbrido dessa festa assaz merecedora do título de bem cultural do país.

A música e os cantos são fundamentais na manifestação e exercem papel central na devoção e na intermediação com o plano do sagrado. Por meio deles, Tonho Pretinho e seu Moçambique acessam a esfera do divino, louvam os santos e se comunicam com os espíritos dos ancestrais e com as entidades protetoras. Também é por meio dos cantos que o capitão se comunica com os reis e rainhas do congado e com os demais festeiros e devotos. Assim, o registro em áudio dos cantos no CD *Moçambique do Tonho Pretinho* ajuda a compreender o mosaico dos saberes e significados que permeiam as práticas do grupo. Os cantos incluídos no CD e no documentário, entretanto, constituem apenas uma pequena mostra da variedade e multiplicidade dos cantos executados nas festas.

Além do livro com o documentário, o CD e o registro fotográfico, o projeto *Memórias e cantos do Moçambique do Tonho Pretinho* desenvolveu ainda outras ações voltadas para a preservação da memória do grupo e para a transmissão dos saberes às gerações mais novas, visando contribuir para sua continuidade; o que, tecnicamente, é denominado salvaguarda do bem cultural.

Em consonância com os objetivos institucionais do Departamento do Patrimônio Imaterial – DPI/ IPHAN, os integrantes da equipe do projeto atuaram como mediadores culturais junto aos integrantes do Moçambique para a definição e implementação



GRAVAÇÃO DO CD NA ANTIGA SENZALA DA FAZENDA PALESTINA, OUTUBRO DE 2014





das medidas de salvaguarda. A primeira medida de salvaguarda foi fazer com que as ações do projeto fossem incorporadas pelos integrantes do terno e integradas a seu esforço pré-existente de preservação da memória do grupo e de transmissão dos conhecimentos às novas gerações; o que, tradicionalmente, se dava pela transmissão oral, observação e participação nas atividades do terno.

Isso possibilitou que o projeto fosse realizado em diálogo com os moçambiqueiros, que participaram da elaboração dos roteiros de captação de imagem e também do roteiro de gravação de áudio e da seleção das faixas do CD. Além disso, numa tentativa de minimizar uma tendência de afastamento dos adolescentes, a partir de oficinas de registro de bens culturais, de fotografia e conservação de acervo fotográfico e de audiovisual, os integrantes mais jovens do grupo atuaram como assistentes de pesquisa na elaboração do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, como fotógrafos nas festas da região e como assistentes de captação de imagem para o DVD.



FOTO DE RAFAEL SÁVIO



Esse trabalho, eu vi ele pra mim como uma oportunidade de aprender mais sobre o terno do Moçambique. Além de tá aprendendo mais, eu tô ajudando vocês a montarem nosso DVD, ajudando o terno do meu vô, posso dizer assim, 'tombar' o terno do meu vô, não deixar acabar.

Eu fiz a oficina sobre como manusear as câmeras, controlar foco, olhar a qualidade da luz, ver se tá bem iluminado ou não. Também fiz algumas entrevistas, com meu vô, o Antônio Pretinho, com a Marina, com o Cicinho. Eu gostei muito de fazer, porque nas entrevistas eles comentam mais sobre o terno, eles dão mais detalhes, coisas que eu não sabia eles falavam. Não sabia, por exemplo, que ele já passou na mão de outras pessoas antes do meu vô. Pra mim era o meu vô que tinha fundado o terno. Já aprendi mais sobre as guias, os objetos, os instrumentos. //

Rafael Sávio

Uma segunda medida foi a promoção da visibilidade da ação por meio da devolução do conhecimento produzido pelo projeto ao Moçambique, aos demais ternos integrantes das festas e à população em geral. Para tanto, foram organizadas exposições de fotografias em Brasília (Galeria da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes) e em Itapeperica (Vila dos Sonhos) e testes de audiência do documentário no Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, em Brasília, e no Cine UFG, em Goiânia.

A abertura da exposição de fotografias e as sessões de exibição do documentário foram precedidas por cortejos do Moçambique. Na noite da abertura da exposição, 1º de junho de 2016, o terno saiu do Conjunto Nacional e caminhou até a Faculdade Dulcina, no CONIC. Na tarde do dia seguinte, o grupo foi recebido pelo Diretor de Direitos Intelectuais do Ministério da Cultura, Marcos Alves de Souza, que, ao lado da coroa congá e do rei perpétuo de São Benedito, acompanhou o cortejo para o Museu Nacional da República, passando pela Catedral. Em Brasília, o terno realizou ainda uma visita à sede do IPHAN, onde foi recebido pelo Diretor do Patrimônio Imaterial, TT Catalão, e demais servidores do órgão.

Em Goiânia, as atividades foram concentradas na Universidade Federal de Goiás. O grupo foi recebido, na reitoria, pela professora Flávia Cruvinel, coordenadora de cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFG. Dalí, passou pela Escola de Música e Artes Cênicas e parou para uma visita na Faculdade de Ciências Sociais, onde foi recebido pelas professoras Janine Helfst Leicht Colaço, vice-diretora, e Eliane Gonçalves, com a presença de outros colegas, estudantes e técnicos administrativos. Depois de um lanche e um descanso, o grupo seguiu para a exibição do filme no Cine UFG.



MINISTÉRIO
MEIO AMBIENTE
CULTURA





OFICINA COM MOÇAMBIQUEIROS NA UFG, JUNHO DE 2016





A ampliação da visibilidade da atuação do Moçambique tem impacto no reconhecimento e na valorização da trajetória de pessoas que herdaram essa tradição de seus pais e avós, muitas vezes enfrentando preconceitos e restrições à liberdade de expressar sua religiosidade. De extrema relevância para esse reconhecimento é ainda a abertura da universidade brasileira para o conhecimento dos mestres da cultura popular. Na viagem a Brasília e Goiânia, Chicão, Wagner e Vitor conduziram oficina de música, canto e dança com estudantes da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília – DF. Em Goiânia, Deco, Tinico, Edna e Ana Elisa conduziram a oficina para o Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22, composto por estudantes e professores dos cursos de Artes Cênicas e de Dança da Universidade Federal de Goiás.

Essa ação pequena e pontual se insere, todavia, no movimento mais amplo do projeto Encontro de Saberes – projeto estruturante do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa –, que busca inserir mestres da cultura popular no quadro de professores das universidades. A oferta de disciplinas regulares conduzidas pelos mestres, com viés transversal, já vem ocorrendo nas universidades federais de Minas Gerais, do Pará, do Sul da Bahia, de Juiz de Fora, na Universidade Estadual do Ceará e na Universidade de Brasília, com coordenação geral do professor José Jorge de Carvalho.







W Eu comecei cantando e depois batendo patangome e mais tarde eu comecei a bater caixa com o Tinico e o Deco, que me ensinaram a bater caixa. Eu sempre pegava e de vez em quando errava e o tio Tonho dava uma olhada assim! Nós víamos que estávamos errados e consertava. Parava e consertava de novo. O Rafael também no início foi muito difícil, não foi fácil. Pegava, batia e errava. E parava e batia de novo. Ensinar é uma coisa assim, a pessoa tem que pegar e ficar praticando, senão não tem como aprender. //

Edna

W Eu comecei a dançar acho que já vai fazer dois anos. Quem me trouxe foi o meu avô. Quando eu não dançava, eu sempre via os ternos passando na rua e eu falava pro meu avô: “Meu sonho é dançar”. Um dia surgiu a oportunidade e aí eu dancei. Eu aprendo as coisas muito rápido. Todo mundo fala isso. Aí eu ficava olhando eles dançarem e eu fui tentando, tentando, até que um dia eu aprendi. Eu aprendi a dançar gunga olhando, prestando atenção no que eles faziam. //

Ana Elisa

O Moçambique do Tonho Pretinho é o principal responsável pela preservação dos mistérios e dos fundamentos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Boa Viagem (bairro rural de Itapecerica). E participa também, como convidado, de outros reinados da região. Em descompasso com sua relevância, porém, o grupo tinha uma lacuna nos registros fotográficos, em áudio e de imagens em movimento. Devido à dificuldade de acesso e ao alto custo desses registros no passado, os integrantes do grupo quase não dispõem de fotografias ou filmagens dos seus antepassados na festa. E os registros mais recentes – dos últimos trinta anos –, incluindo fotos, fitas VHS, fitas cassete e alguns registros digitais, geralmente feitos com aparelhos celulares, eram poucos e quase sempre precários. Nesse contexto, o registro fotográfico profissional acrescenta um suporte à memória do grupo.

A exposição de fotografias *Na Angola tem: memórias e cantos do Moçambique do Tonho Pretinho* conta com fotografias de Marcelo Feijó e fotografias adicionais de Diana Landim, Rafael Sávio e Vitor Gabriel; os dois últimos, participantes das oficinas de fotografia e conservação de acervo fotográfico e de fotografia e vídeo ministradas, respectivamente, por Marcelo Feijó e Rogério Neves. A curadoria e projeto expográfico é de Carlos Ferreira, que também realizou uma oficina de montagem de exposição para integrantes do terno, em Itapecerica. Essas ações foram potencializadas pela entrega da íntegra do registro em áudio e

imagem para o grupo e pela circulação da exposição de fotografias, que já tem agenda em outras localidades.

Por sugestão do próprio grupo, os jovens moçambiqueiros que fizeram as oficinas participaram também, como estagiários, da pesquisa do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, que é a metodologia estabelecida pelo DPI/IPHAN para identificação, registro e salvaguardada de bens culturais no país. Na condição de bolsistas do projeto, os estagiários participaram da realização de entrevistas, do registro fotográfico, da pesquisa dos cantos e das danças, fazendo convergir o registro da atuação do grupo e de suas memórias com a transmissão de conhecimentos e saberes às gerações mais novas.

Durante a realização da pesquisa do INRC, além do cotidiano dos integrantes do próprio Moçambique, a equipe do projeto acompanhou o Moçambique do Tonho Pretinho nas seguintes festas: Reinado do Rosário da Boa Viagem, Itapecerica – MG (segundo domingo de maio, em 2014, 2015 e 2016); Reinado do Rosário de Itapecerica – MG (segundo domingo de agosto, em 2014 e 2016); Reinado do Rosário do Quilombo, Carmo da Mata – MG (meados de setembro, em 2014 e 2015). Os estagiários do projeto acompanharam ainda as festas de Lameus e Inácio Caetano (distritos de Itapecerica) e do município vizinho de Camacho – MG.





OS CONGADOS SÃO FEITOS PELOS reinadeiros ou congadeiros, que são os integrantes, homens ou mulheres, dos ternos: capitães, músicos, dançadores, meirinho – gerente – e bandeireiro. Vencendo longos percursos a pé, cumprem as obrigações de devotos cantando, tocando e dançando nas ruas e nas casas para os santos e suas cortes. Durante a evolução dos ternos – moçambique, catopé, vilão, congo, marinheiro etc – o capitão puxa os versos e os demais componentes respondem em coro um refrão proposto pelo capitão. Esta estrutura do canto é a modalidade mais comum da forma “canto solo / resposta coral” e uma marca distintiva das tradições de origem africana, presente também no jongo, no samba de roda, no partido alto.

Imersos na música por vários dias, os capitães vão tirando os versos para as variadas funções da festa – visita aos festeiros, busca dos mordomos para o levantamento dos mastros, cortejo de reis e rainhas e da princesa Isabel, que, em Itapeverica, também é homenageada como a principal responsável pela abolição da escravidão.

Como parte da herança recebida de mão africana, o ritmo ocupa, nos reinados, lugar de destaque, conduzindo, pela música e pela dança, a experiência religiosa. Daí a importância das caixas, gungas e patangomes como elementos sagrados, portadores de linguagem igualmente sacralizada. Seus toques e batidas possuem, em si, dimensão expressiva e significativa (LUCAS, 2003) e a eles se faz frequentemente referência nos cantos.

O ritmo absorvente e dominante faz a conexão com o mundo espiritual. Assim como o tambor no jongo e no candombe, as caixas do moçambique remetem à ancestralidade. Nos candombes – presentes em alguns reinados da região metropolitana de Belo Horizonte – os tambores constituem, aliás, abrigo dos antepassados. Os sentimentos em torno da ancestralidade guiam, assim, a performance musical nos congados; que constitui, em si mesma, uma prática cultural contra hegemônica.



DECO. FOTOGRAFIA DE RAFAEL SÁVIO

Embora concentrado no capitão, o poder do canto depende também, em grande medida, da união de todos, para que a sintonia do grupo possibilite o fluxo da energia que firma a corrente, os elos do rosário. A prática musical coletiva sincroniza os tempos internos das pessoas pelas marcações dos instrumentos de percussão e pelo canto coletivo. Os sentidos devem estar atentos para perceber os acontecimentos, orientando as tomadas de decisão a cada instante. Tonho Pretinho, quando precisa passar alguma informação importante para os integrantes do terno ou chamar atenção para alguma situação, com frequência se dirige aos moçambiqueiros com os dizeres “põe sentido”. No livro *Cantando e reinando com os Arturos*, comparece uma definição lapidar da frase. “Por sentido é, portanto, correr os olhos sobre tudo o que acontece ao redor para que nada atrapalhe; é aguçar a percepção para que o corpo capte e interprete, sob a forma de arrepios e outras sensações, a natureza das energias que se aproximam, e é também se colocar pronto para o recebimento de intuições, de sopros nos ouvidos que indiquem, como que por encanto, a cantiga certa a ser tirada no momento (COMUNIDADE NEGRA DOS ARTUROS, 2006 p. 13 e 14).



DONA LIA E TONHO PRETINHO

Na folia você tem que ter a voz certinha, não pode ter a voz fora, né!? Cada um tem a sua voz. Agora, no reinado, não. No reinado, a maioria canta de um jeito igual. Toda vida desde quando começamos a dançar reinado junto que nós duas fica de parilha: eu mais a dona Nenzinha. Só que eu canto mais alto e ela canta mais baixo.

Dona Lia



CICINHO, TINICO E JOSÉ

V Tem que ser tudo arrumadinho. Tem que ter o guia. O Marinheiro tem dois guias. Enquanto eles não pegam, ninguém atrás não pega. Eu era o guia do Marinheiro, era eu e um outro colega meu. O capitão acabava de cantar, nós já entrávamos. Aí já passava pra trás. Porque às vezes tá lá atrás e a pessoa nem vê o capitão; às vezes tem um terno perto e você não ouve o capitão cantar. //

Cicinho



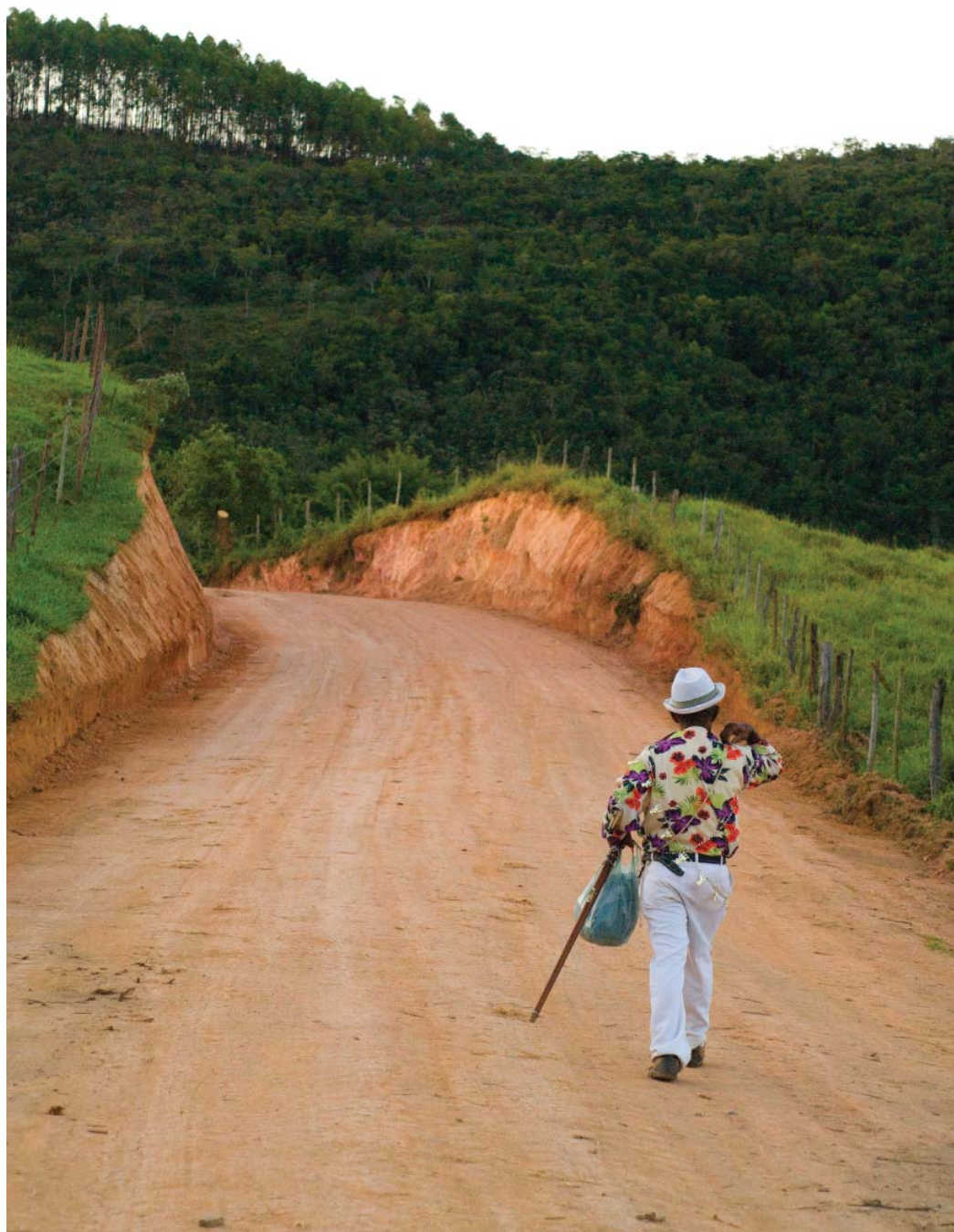
DONA NENZINHA



FIA, TIA LITA, DONA NENZINHA E DONA ROBERTA — GRAVAÇÃO DO MOÇAMBIQUE DO OLIVÉRIO, 2004.

As nossas vozes davam certo, eu com minha tia (Lita) e minha sobrinha (Fia). A gente combina assim: se o tom de voz delas é mais fino, o meu é mais grosso, sabe!? É onde nossa voz dá tudo certinho. E sempre a minha voz deu com a da Dona Lia aqui da Boa Viagem. Aí as nossas vozes dão certo. Mas é aquela irmandade, aquela beleza, que tão tudo ali cantando, as vozes vão entrosando umas nas outras e dá tudo certo, né!? É uma companheirada de verdade. //

Dona Nenzinha



Esse negócio da pessoa ver aquilo que está acontecendo, isso não está na gente, não. Principalmente a pessoa que vai cantar uma música no reinado, tem hora que ele está cantando, com pouco vem aquele outro verso na cabeça dele para ele poder cantar e ele vai e canta aquele verso. Então, isso vem é de repente assim. Porque é pelos guias que a gente tem que vem o reforço pra gente, dá aquela demonstração pra gente. Então, aquilo vem pelo dom. O dom da sabedoria, o dom que Deus dá para ele e o dom que os pretos velhos e os caboclos dão pra ele. Porque, se ele não tiver o dom, ele não faz nada.

Juranda

V Eu gosto mais de puxar festeiro.
É melhor. Porque você estando sozinho,
cantando pra ninguém, você não acha ver-
so. Agora, você olhando pra pessoa na sua
frente, aí você cria um verso daqui, cria
outro dali. Quando o festeiro tá alegre,
rindo, brincando, aí você acha verso nem
sei de onde //

Chicão

**Pois olha que beleza / a coroa tá na
mão / ponho o meu joelho em terra /
quero a sua proteção**





DONA MARIA DUTRA



Os congadeiros precisam “por sentido em tudo” que ocorre à sua volta e um capitão experiente tem que ter recurso para responder cantando as situações que encontra em seu trajeto, especialmente eventuais adversidades no plano espiritual. Deste modo, em suas atuações, os capitães precisam buscar os cantos apropriados para cumprir as funções rituais de acordo com os preceitos e os fundamentos dos congados. E, neste caso, a definição do que é apropriado se dá, antes, pelo sentido do que pela melodia do canto, de tal forma que uma letra entoada em melodias diferentes é considerada um mesmo canto, ao passo que a mesma melodia, com letras diferentes, é considerada canto distinto.

Os versos são tirados na energia do momento e dependem das relações e interações ativadas. Apropriados para cada situação, eles estão, entretanto, além do improvisado.

Esses cantos relacionais envolveram inclusive a própria equipe do projeto durante a captação de áudio e imagem. Mesmo que Diana Landim estivesse, por exemplo, filmando um fechamento do terno, Tonho Pretinho e Deco faziam com ela a mesma sequência de rituais pela qual devem passar todos os integrantes do Moçambique; o que incluía, naquele momento, a equipe de filmagem, fotografia e captação de áudio. Isso fica bastante visível em alguns trechos do documentário em que os planos vão ficando cada vez mais próximos. Noutros momentos, Tonho Pretinho cantou

versos abençoando Diana e seu trabalho de filmagem, assim como havia feito referência às gravações em todas as situações de captação de áudio para o CD. Numa dessas passagens, o trabalho de Sebastião, em 2009, comparece como fruto de desígnios superiores:

Ora viva seu doutor / ai de mim o que será / ele veio de Aruanda / ele veio para gravar

Ele veio bem de longe / ele veio pra gravar / pra deixar recordação / nós aqui nesse lugar.

Os cantos dão ensejo ainda à performance corporal dos capitães. Ao começar a cantar, seus corpos adquirem uma ginga especial, um balanceio, e eles dominam o espaço. Tonho Pretinho, encumbucado, de certo está tirando um canto na linha de Angola, dos pretos velhos.





NA FESTA DA BOA VIAGEM, os principais santos homenageados são Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia, Nossa Senhora das Mercês – os oragos mais frequentes da devoção negra em Minas Gerais – e Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro. Os santos têm sua corte composta por rainha e rei congo e rainhas e reis eletivos. Rainhas e reis congos – e também os reis perpétuos em outras festas – herdaram a coroa e a missão de dar continuidade à tradição do reinado de seus ancestrais. Eles são, geralmente, negros, e fazem parte da comunidade dos reinadeiros. São os principais da festa; sem eles não pode sair o Reinado.

Muita gente acha que a coroa grande é aquela do rei grande, agora no meu ver a coroa maior do reinado é a coroa conga. Porque os pretos quando fundaram essa festa no Brasil, o primeiro rei, a primeira rainha, a primeira coroa que caiu no rosário foi a coroa conga. Foi a coroa conga que veio primeiro, pra fazer essas festas dos negros, pra cumprir todas as missões.

Tonho Pretinho

Reis e rainhas eletivos, chamados festeiros, são escolhidos anualmente. Os de maior importância são os da corte de Nossa Senhora do Rosário, chamados de rei e rainha da coroa grande, em Itapecerica. No mesmo grau de importância, aparece a princesa Isabel, normal-

mente representada por uma jovem. Os festeiros são os principais responsáveis pela sustentação material da festa, o que se dá por meio de uma contribuição chamada jóia. Também arcam com a alimentação dos ternos. Uma promessa pode estar na origem do oferecimento para integrar a corte do santo como festeiro, mas não é condição necessária. Crianças também compõem a corte dos santos como princesas e príncipes.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário da Boa Viagem acontece no segundo fim de semana de maio. A abertura da festa se dá com o levantamento das bandeiras dos santos padroeiros, na sexta-feira, mas algumas semanas antes desta cerimônia, os ternos já estão em atividade, visitando a realza conga, mordomos e festeiros, tocando, cantando e dançando no interior de suas casas. Durante as visitas, é servido um lanche para os ternos.

Eu sinto um gosto bom demais. Aquilo ali, meu pensamento está só em Nossa Senhora, naquilo que eu estou fazendo ali. Então, a melhor hora que eu acho é aquela hora em que eu estou cantando ali, pensando em o que que eu tenho que fazer ali. Então, cantar bonito pro rei, cantar bonito pra rainha, cantar bonito para as princesas, cantar bonito para o rei perpétuo... Então, o melhor momento da vida da gente é aquela hora em que a gente está cantando e está só pensando naquilo ali e na Nossa Senhora e no São Benedito.

Juranda

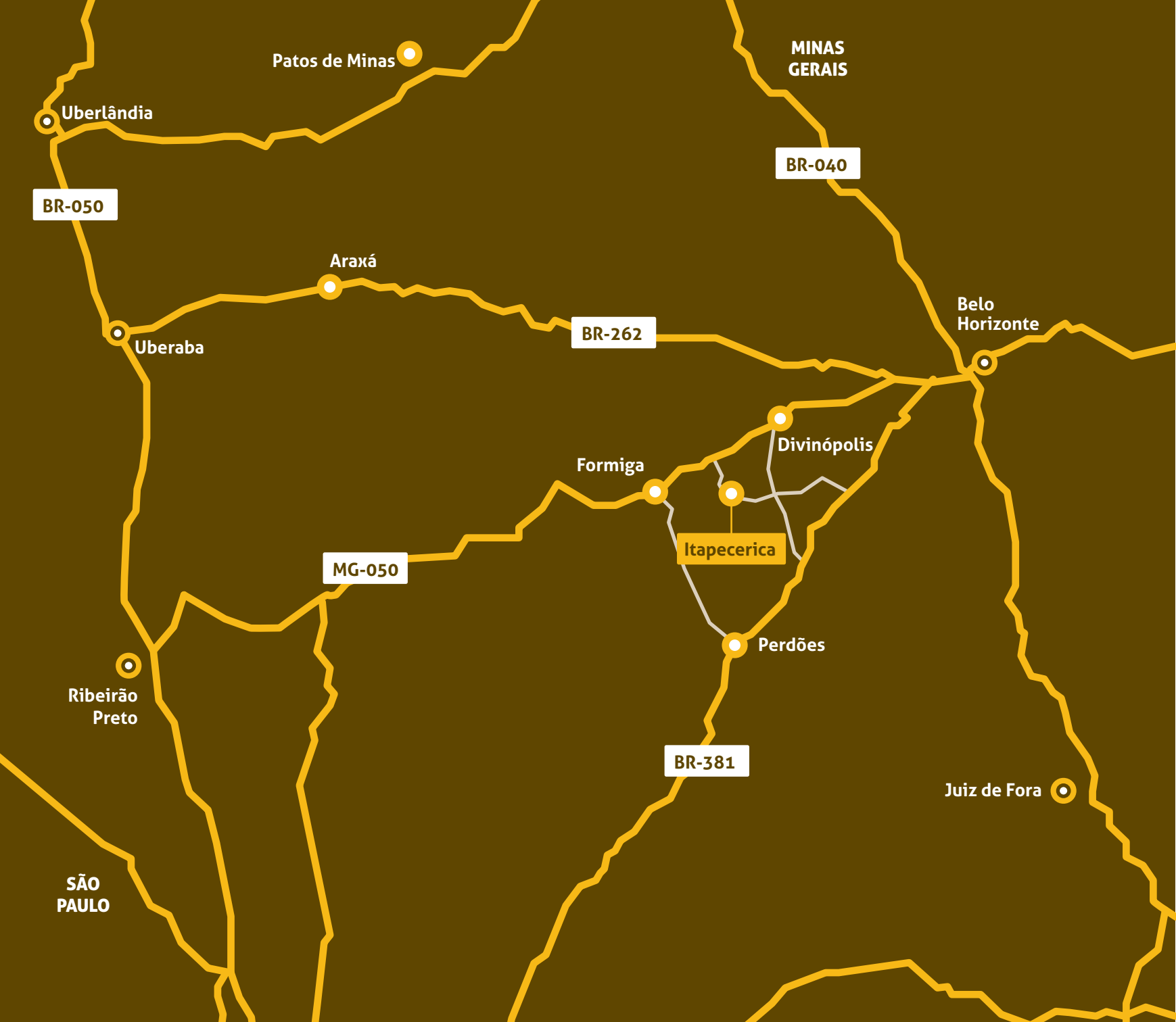
Antes de cada saída para a rua, os ternos realizam uma cerimônia interna de fechamento de sua corrente, para evitar qualquer adversidade nas funções que irão realizar. E isso vale também para o período das visitas.

No levantamento dos mastros, os ternos saem pela primeira vez fardados. Os mordomos e mordomas se reúnem no convento, de onde os ternos os levam em cortejo até o largo em frente à Igreja de Nossa Senhora Aparecida, onde fica o palanque. Os registros com as imagens dos santos são trazidos pelos mordomos do convento até o palanque e dali, de um em um, acompanhados por um terno, são encaixados nas pontas dos mastros que serão levantados. As bandeiras no alto do mastro instituem a ligação do céu e da terra e marcam o tempo da festa: um período especial em que os santos derramam sua benção e a presença do sagrado é potencializada.

Em torno de uma hora da tarde do sábado, cada terno se reúne em sua sede. Depois de seu fechamento, se dirigem para o almoço, que é dado por um dos reis. Terminado o almoço e feito o agradecimento, os ternos vão buscar os integrantes da corte de São Benedito e de Santa Ifigênia, a princesa Isabel e os festeiros de Nossa Senhora do Rosário, no convento. Dali, saem todos os ternos em um único cortejo, com pequena distância entre eles, em direção ao largo da Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Cada terno puxa os integrantes de uma das cortes. No palanque, eles são apresentados e homenageados e entregam um envelope com sua jóia.

No domingo, repete-se o mesmo esquema, mas com o reinado de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora das Mercês. Os festeiros de Nossa Senhora do Rosário – reis da coroa grande – e a princesa Isabel participam dos dois dias. No domingo, saem ainda a rainha e o rei congo, que fazem a transmissão das coroas para os festeiros do ano seguinte, no palanque.

Na segunda-feira à noite, forma-se novamente o cortejo com os mordomos e mordomas, mas desta feita para a cerimônia de descida dos mastros. Depois da retirada do registro das bandeiras, essas são levadas pelos mordomos, acompanhados de todo o reinado, para a igreja, onde é realizada a missa conga. Na missa, que encerra a festa, os ritos são acompanhados, alternadamente, pelo coral da igreja e pelo Moçambique.



Patos de Minas

MINAS
GERAIS

Uberlândia

BR-040

BR-050

Araxá

BR-262

Belo
Horizonte

Uberaba

Formiga

Divinópolis

Itapecerica

MG-050

Perdões

Ribeirão
Preto

BR-381

Juiz de Fora

SÃO
PAULO





A COROAÇÃO DE RAINHAS e reis congos nas festas das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de outros santos de devoção negra – notadamente, São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês – é documentada a partir do segundo quartel do século XVIII, em Minas Gerais. A festa é mais conhecida no país pelo nome de congado. Em Minas Gerais, a denominação Reinado de Nossa Senhora do Rosário ou, numa formulação mais simples, Reinado do Rosário, também é bastante difundida. Apesar de próximos, estes termos não são exatamente sinônimos. Terno, guarda ou corte são os grupos de dançadores, instrumentistas e seus capitães. Congado significa a festa religiosa de que participam as guardas, podendo estar reunidas ou não em irmandades, vinculadas ou não a um reinado. Já este representa uma estrutura simbólica mais complexa, com ritos que incluem não só a presença das guardas, mas uma série de atos litúrgicos e cerimoniais. Na região metropolitana de Belo Horizonte, esses atos se

referem, especialmente, à instauração do reino ou império. Em Itapecerica, ao cortejo com os reis congos, perpétuos e eletivos de cada santo, procedendo os reis congos e perpétuos à troca de coroa dos reis eletivos.

Em 2017, Dona Marcelina Tibúrcio da Silva completa trinta anos com a coroa conga no Reinado da Boa Viagem. Seu pai, José Camilo, é um dos fundadores da festa, que inteira 45 anos de existência, e seu filho, Beto, é o atual presidente da Associação do Reinado da Boa Viagem. Seu irmão, Gaspar, foi mordomo em 2015 e, em 2016, voltou a ser mordomo, dessa vez acompanhado por mais dois irmãos: Joaquim e Tiãozinho. A nora, Larice, e os netos, Marcos Túlio, Marllon Ythalo e Cláudio, já cumpriram promessas como festeiros. Além disso, Dona Marcelina também tem relações de parentesco com integrantes do Moçambique. Sua filha, Deia, é casada com Deco, segundo capitão do terno, e o filho deles, Wallace, é caixeiro no grupo. Luiz Maria, mais conhecido por Mudo, é o rei congo junto com Dona Marcelina.







Eu acho uma beleza. Eu adoro que ele chegue assim cantando. Eu gosto que ele canta é o Sabiá: "Ô Sabiá / essa gunga me faz chorar". Eu adoro o Sabiá.

Eu fico assim no ar, um ar tão bom. Eu saio cá do convento e vou até lá no palanque dançando, dançando com a coroa na mão.

Dona Marcelina



DONA MARCELINA, DEIA E WALLACE

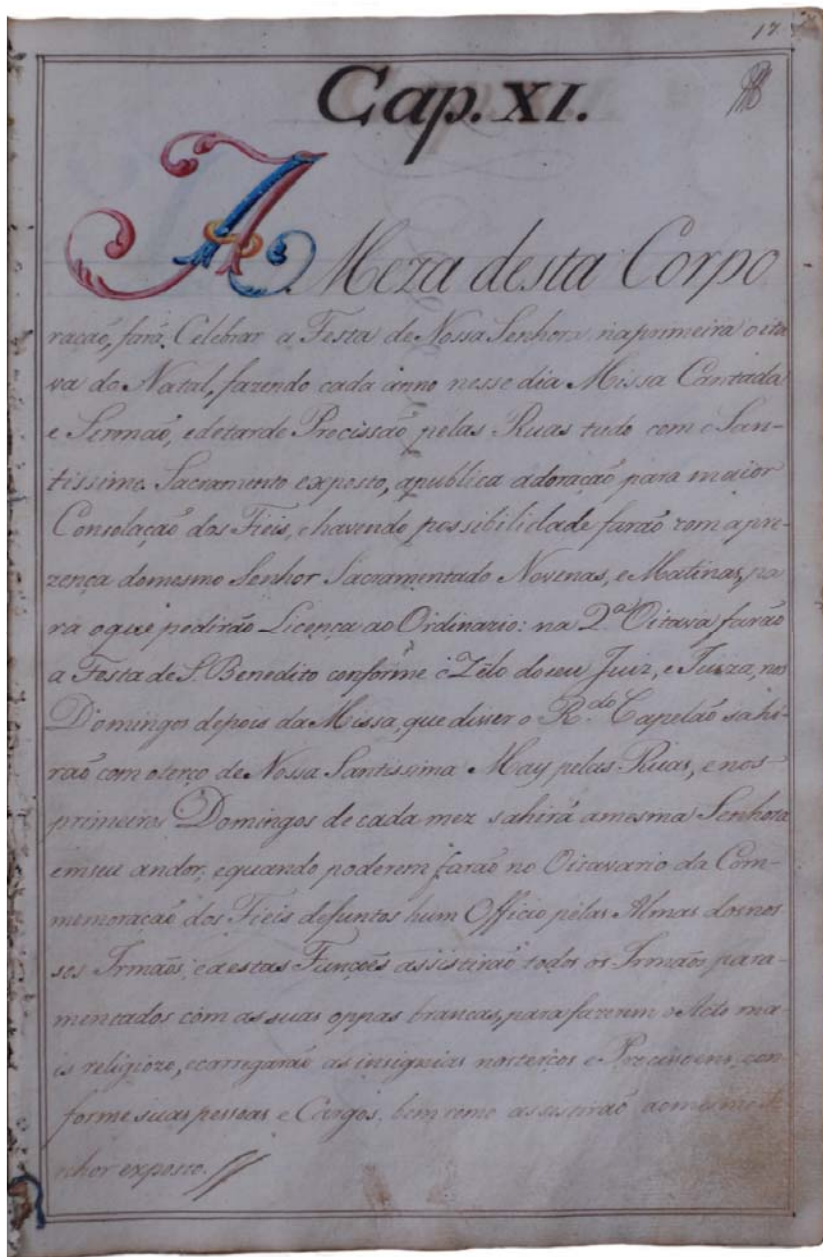


DEIA COM A COROA DE DONA MARCELINA NO MINISTÉRIO DA CULTURA, EM BRASÍLIA

Embora com variação regional considerável, no geral, as cerimônias dos reinados / congados de Minas Gerais têm origem no cruzamento das cerimônias da realeza em Portugal – e, posteriormente, no Brasil, com as coroações de D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II – com os rituais religiosos e políticos da África Centro-Ocidental, principalmente aqueles ligados à história da conversão ao catolicismo do Reino do Congo.

A documentação histórica das irmandades em Minas Gerais – compromissos, livros de receita e despesa, livros de ingresso de irmãos e livros de termos da mesa – propicia uma noção razoável a respeito da morfologia antiga da festa e de suas mudanças ao longo do tempo. A festa começa a apresentar elementos que apontam na direção de características próximas das atuais na virada do século XVIII para o XIX, com despesas crescentes com pagamento de músicos para missa e procissão, com compra de óleo para iluminar a cerimônia de levantamento do mastro com a bandeira do santo, com compra e reparo de caixas e outros instrumentos. Esta tendência, com música e dança nos cortejos que conduzem rei e rainha conga para a coroação, vai se consolidando a partir da segunda metade do século XIX, coincidindo com a expansão da festa para áreas de agropecuária, e atinge o ápice entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

O Reinado do Rosário de Itapecerica é, provavelmente, um pouco anterior a 1818, ano da ereção da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de São Bento do Tamanduá. O compromisso – estatuto – da irmandade cita como um de seus objetivos a realização das festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito.



Cap. XI.

A Meza desta Corporação, fará Celebrar a Festa de Nossa Senhora na primeira oitava de Natal, fazendo cada anno nesse dia Missa Cantada e Sermão, e de tarde Procissão pelas ruas tudo com o Santíssimo Sacramento exposto, a publica adoração para maior consolação dos fieis, e havendo possibilidade farão com a presença do mesmo Senhor Sacramentado Novenas, e Matinas, para o que pedirão licença ao Ordinário: na 2a oitava farão a Festa de São Benedito conforme o Zelo do seu Juiz, e Juíza, nos domingos depois da Missa, que disser o Reverendo Capelão sahirão com o terço de Nossa Santíssima May pelas Ruas, e nos primeiros domingos de cada mez sahirá a mesma Senhora em seu andor, e quando poderem farão no oitanario da commemoração dos Fieis defuntos hum Officio pelas Almas dos nossos Irmãos, e destas Funções assistirão todos os Irmãos paramentados com as suas oppas brancas, para fazerem o acto mais religioso, e carregarão as insignias nos terços e procissoens, conforme suas pessoas e Cargos, bem como assistirão ao mesmo Senhor exposto.

As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos estiveram presentes em todo o território da América portuguesa desde os primeiros séculos da colonização e sua existência está documentada também em São Tomé e na região do Congo e de Angola (ALENCASTRO, 2000; POEL, 1999). As irmandades leigas, aliás, eram uma instituição presente em todo o império português e havia instituições congêneres na América espanhola. Nessas irmandades, os africanos e seus descendentes garantiram a sociabilidade possível nas condições da América portuguesa escravista, reconstruindo laços de solidariedade e de identidade rompidos pelo tráfico. Confrontados com valores estranhos a sua concepção do mundo – impostos, na maior parte dos casos –, os negros assimilaram os elementos e padrões europeus de devoção de acordo com suas próprias concepções religiosas e desenvolveram distintas manifestações, espalhadas praticamente por todo o país.

No caso dos congados, no culto aos santos católicos, foram ativadas práticas culturais africanas – que deram forma e sentidos à festa em louvor à santa – no interior de instituições com estatuto europeu, controladas pela igreja católica e pela administração colonial portuguesa. Neste processo, as práticas culturais africanas, ligadas a saberes, valores, crenças e ritos de origem, mantiveram seu lugar estrutural central, mas foram ao mesmo tempo alteradas pelo fato de se manifestarem em uma festa de devoção católica. Os tambores, que

não podiam ser tocados nas igrejas, soavam na rua nos dias de festa, invocando de um modo africano – com música e dança – os santos católicos, mas também as forças da natureza, os antepassados, as entidades e divindades afro-brasileiras; e nesse caso, o modo africano de invocação inclui a incorporação mediúcnica como forma de contato entre o mundo físico dos vivos e o outro mundo, das forças espirituais. Deste modo, esta manifestação híbrida do catolicismo negro de raiz banta no Brasil conferiu ao culto aos santos católicos outros desdobramentos e novas significações, criando esta manifestação singular que é a coroação de reis congos na festa de Nossa Senhora do Rosário.

Cumprir lembrar que a conversão ao catolicismo foi justificativa ideológica da escravização de africanos, uma vez que os livraria do paganismo. A polaridade paganismo / evangelização serviu para legitimar o recebimento, pelos portugueses, de escravos pagãos entregues pelos traficantes mouros em troca dos muçulmanos capturados nas guerras do expansionismo marítimo português no norte e na África Ocidental; tratadas como nova cruzada pelo papa Nicolau V, após a queda de Constantinopla, em 1453. Destarte, embora escravos – um mal menor –, eles estariam salvando sua alma em Cristo – um bem maior. Luiz Felipe de Alencastro (2016) mostra como o argumento edificante se converte em doutrina religiosa e norma do direito internacional ao ser endossado pela bula papal *Romanus pontifex*, em 1455.





DONA ESMERALDINA



Essa justificativa aparece, de forma lapidar e cristalina, no Sermão XIV do Rosário, pregado pelo Padre Antônio Vieira à irmandade dos pretos de um engenho da Bahia, no ano de 1633.

“E verdadeiramente quem vir na escuridade da noite aquelas fornalhas tremendas perpetuamente abertas: as labaredas que estão saindo a borbotões de cada uma pelas duas bocas, ou ventas, por onde respiram o incêndio: os etíopes, ou ciclopes banhados em suor tão negros como robustos que subministram a grossa e dura matéria ao fogo, e os forçados com que o revolvem e atiçam; as caldeiras ou os lagos ferventes com os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando escumas, exalando nuvens de vapores mais de calor, que de fumo, e tornando-os a chover para outra vez os exalar: os ruídos das rodas, das cadeias, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo sem momento de tréguas, nem de descanso: quem vir enfim toda a máquina e aparato confuso e estrondoso daquela babilônia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança de inferno. Mas se entre todo esse ruído, as vezes que se ouvirem, forem as do Rosário,

orando e meditando os mistérios dolorosos, todo esse inferno se converterá em paraíso; o ruído em harmonia celestial; e os homens, posto que pretos, em anjos.”

E convém não esquecer, igualmente, que a posição contrária à escravização dos povos autóctones da América pelo iminente jesuíta – e também por seu predecessor dominicano Bartolomeu de las Casas – é inconcebível sem a correspondente substituição, na empresa colonial, desta mão de obra pela dos africanos escravizados.

Ao argumento da salvação da alma se soma, posteriormente, a agitação do espectro da antropofagia, apresentando a salvação do próprio corpo como mais uma justificativa para a escravização tanto dos povos autóctones da América como dos da África negra, uma vez que a conseqüente conversão ao catolicismo que se segue à escravização os livraria da barbárie do canibalismo. Segundo esse argumento ideológico, ao serem capturados ou inseridos como escravos na civilização portuguesa na América, eles estariam salvando seu corpo e sua alma em Cristo.

Sem olvidar esse violento processo de imposição cultural presente em sua origem, os congados puderam, entretanto, preservar em alguma medida conteúdos religiosos dos antepassados africanos escravizados. Neles, os elementos europeus de devoção – efetiva ou apenas simuladamente assimilados pelos negros – foram vivenciados a partir de suas próprias práticas

culturais; práticas que se mostram vigentes e atuantes em vários contextos atuais.

A comparação – assumidamente anacrônica – entre o momento de constituição da festa e algumas situações atuais permite iluminar reciprocamente os dois processos. Releve o leitor, portanto, esses saltos temporais. O trabalho com o Moçambique do Tonho Pretinho, por exemplo, mostra a presença marcante de elementos e conteúdos de origem africana em suas festas, sem prejuízo de sua dimensão católica. E, no caso específico deste Moçambique, não estamos pensando em uma tática de dissimulação que permitiria, à sombra do culto aos santos católicos, o culto de divindades, entidades e ancestrais africanos e a manutenção de seus processos de iniciação religiosa. A participação no Moçambique não é condicionada à declaração de fé e menos ainda a juramento de obediência a qualquer ortodoxia. O terno, não obstante, é formado, em sua maioria, por católicos sinceros e praticantes. As concepções religiosas presentes, entretanto, aproximam os moçambiqueiros mais do catolicismo popular e do catolicismo negro – ou cristianismo africano –, cujos conteúdos e práticas religiosas nem sempre coincidem com as da Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano.

O catolicismo popular e o catolicismo negro são mais *animados* – tanto no sentido de alegre e vibrante como no sentido da concepção do universo prenhe de entidades espirituais e de forças da natureza providas de alma. Em função, entre outras, da forte influência dos africanos na formação do mundo atlântico, a partir do século XV, essas duas vertentes do catolicismo têm basicamente as mesmas características no Brasil, embora nosso catolicismo popular apresente ainda elementos do catolicismo popular ibérico arcaico (BOSI, 1992) e de crenças dos povos autóctones da América; esses últimos, por sua vez, compartilhando com os africanos bantos a centralidade do culto aos ancestrais.

Vo terno me dá vontade de dançar demais. Acho que Deus me dá uma força de dançar demais. Parece que eu vou rodando assim... Eu sinto uma energia muito grande quando eu tô em festa. //

Dona Divina

DONA DIVINA



Essas diferenças de entendimento e de práticas religiosas motivou, como era de se esperar, uma série de conflitos entre párocos e irmandades. Marcos Magalhães de Aguiar (1997) mostra que esses conflitos são antigos e estão documentados, em Minas Gerais, desde o século XVIII. E continuam, na atualidade. Em 2009, assistimos, em Niquelândia – GO, um impasse entre os Congos de Santa Ifigênia e o pároco local, por ocasião do levantamento do mastro. O padre insistia em fazer a benção das bandeiras durante a missa, mas isso implicaria em levantar o mastro à noite, o que os congos relutavam em aceitar, porque, de acordo com sua concepção, o mastro precisa ser levantado na luz do dia. Já começando a escurecer, vendo que o impasse não se resolvia, seu Satiro, do alto de seus mais de oitenta anos, declarou peremptório: a missa é dele; o mastro é nosso. E convocou os congos para levantar o mastro à revelia do padre. Este, vencido, acabou fazendo a benção dos mastros antes da missa e fora da igreja, mas desancou os congos durante a missa e reclamou da “desorganização da festa”; festa, aliás, que ocorre na antiga São José do Tocantins, ininterruptamente, desde 1753, ao passo que ele, padre, estava na frente da paróquia havia apenas dois anos e foi transferido para outra localidade no ano seguinte.

A existência de conflitos, entretanto, não corrobora, necessariamente, a ideia da simulação do culto católico para dissimular ritos de origem africana ou ameríndia. Numa manifestação diversa e plural como os congados – espalhados por 317 municípios mineiros, além de uns outros 20 em Goiás e algumas manifestações em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul –, é de se esperar a coexistência de concepções diversas e até mesmo divergentes. Assim, a capitã do Moçambique de Nossa Senhora das Mercês de Oliveira – MG, Pedrina de Lourdes Santos, afirma, taxativamente, que o congado não é católico e que há uma correspondência precisa entre os santos cultuados e alguns

iniquices. E, ainda, que a necessidade de ocultar esse conhecimento era tão estrita em algumas circunstâncias que acabou acarretando a interrupção da transmissão desse conhecimento em algumas guardas, que, desprovidas desse fundamento, acabaram se tornando católicas. Por outro lado, o capitão de Moçambique de Formiga – MG, Zé Rosa, próximo do movimento de Renovação Carismática Católica, não aceita em seu terno o que considera introdução inapropriada de elementos da umbanda ou da macumba no reinado, embora reconheça a presença dessas concepções em outros ternos.

E não se trata aqui de discutir qual concepção seria certa ou errada. Embora com eventuais críticas recíprocas, no geral os grupos entendem que aqueles que pensam e agem de forma diferente também fazem parte da festa e da irmandade. Não há uma ortodoxia e menos ainda qualquer instância que regule as práticas e os ritos e, no limite, pudesse reivindicar a exclusão de algum grupo. Assim, em que pese serem diametralmente opostas, ambas as percepções são legítimas, assim como é legítima a concepção imperante no Moçambique do Tonho Pretinho que, recusando a dicotomia origem africana **ou** católico se percebe como sendo, ao mesmo tempo, de origem africana **e** católico.

A manifestação velada dos pretos velhos, dos caboclos, das forças da natureza, dos ancestrais, das entidades e das divindades africanas nos rituais de rua do Moçambique do Tonho Pretinho não se deve, portanto, a uma simulação de crença católica, mas à necessidade de se precaver contra preconceitos externos. Quem é de dentro do Moçambique, “criado no Congo”, lida com essas manifestações de forma aberta e natural; geralmente desde criança. Quem não conhece essas manifestações, ao contrário, terá dificuldade de reconhecê-las na rua, o que faz com que passem despercebidas.



Antes de retomarmos a discussão das circunstâncias históricas do surgimento dos congados, vale mostrar, preliminarmente, como essas concepções híbridas e mestiças comparecem no entendimento que Tonho Pretinho tem da festa. “Para sair no Rosário”, o capitão explica que precisa invocar as proteções dos pretos velhos e dos caboclos, das matas e das águas. No sentido usado por Tonho Pretinho, o termo Rosário vai além do sentido da devoção católica canônica da reza do terço do rosário de Maria. Sua concepção do Rosário é inclusiva e incorpora histórias e sentidos que extrapolam a hagiografia católica oficial. Nossa Senhora do Rosário não é apenas a santa que apareceu para São Domingos de Gusmão (1170-1221), ensinando-o a rezar o rosário. É também aquela que apareceu para os negros, “na cidade de Angola” e, depois de muitas tentativas de párocos, banda de música, terno de vilão, terno de congada, decidiu acompanhar os pretos velhos, da guarda de moçambique.

Esses preto d'Angola, eles é lá da África. Então, a Nossa Senhora quando apareceu, ela foi encontrada numa água, numa pedra. Então, eles resolveram trazer a Nossa Senhora do Rosário pra igreja, pra ficar consagrada. Aí eles falou:

– Como nós vai trazer a Nossa Senhora do Rosário?

– Vamos lá com a banda de música.

Aí eles foi com a banda de música, mas Nossa Senhora não acompanhou, não. Aí eles falou:

– Vamos fazer um terno de congada.

Aí, eles formou o terno de congada, mas a Nossa Senhora também não acompanhou, não. Aí falou:

– Vamos fazer um terno de varinha.

Varinha é um vilão. Eles foram lá, dançou, dançou, pulou, bateu vara, bateu faca pra ela. Ela também não incomodou, não.

Aí, tinha uns preto velho da África e um falou assim:

– Vamo formar um corte pra nós ir lá na Nossa Senhora do Rosário pra ver se ela acompanha nós?

Então esses preto velho, quando saiu pra visitar Nossa Senhora, uns passou a mão no zabumba, outros passou a mão na patangome, pra ir lá louvar a Nossa Senhora, pra ver se ela acompanhava eles. Aí um nego mais velho passou a mão na bengala, que é o bastão. Eles pôs o xique-xique no pé, pôs carapuça no cabeça, mala no cacunda e percata no pé. Esses nego tinha o calcanhar rachado, cabelo enrolado, nariz esborrachado.

Então, pra eles ir aonde que a Nossa Senhora estava,

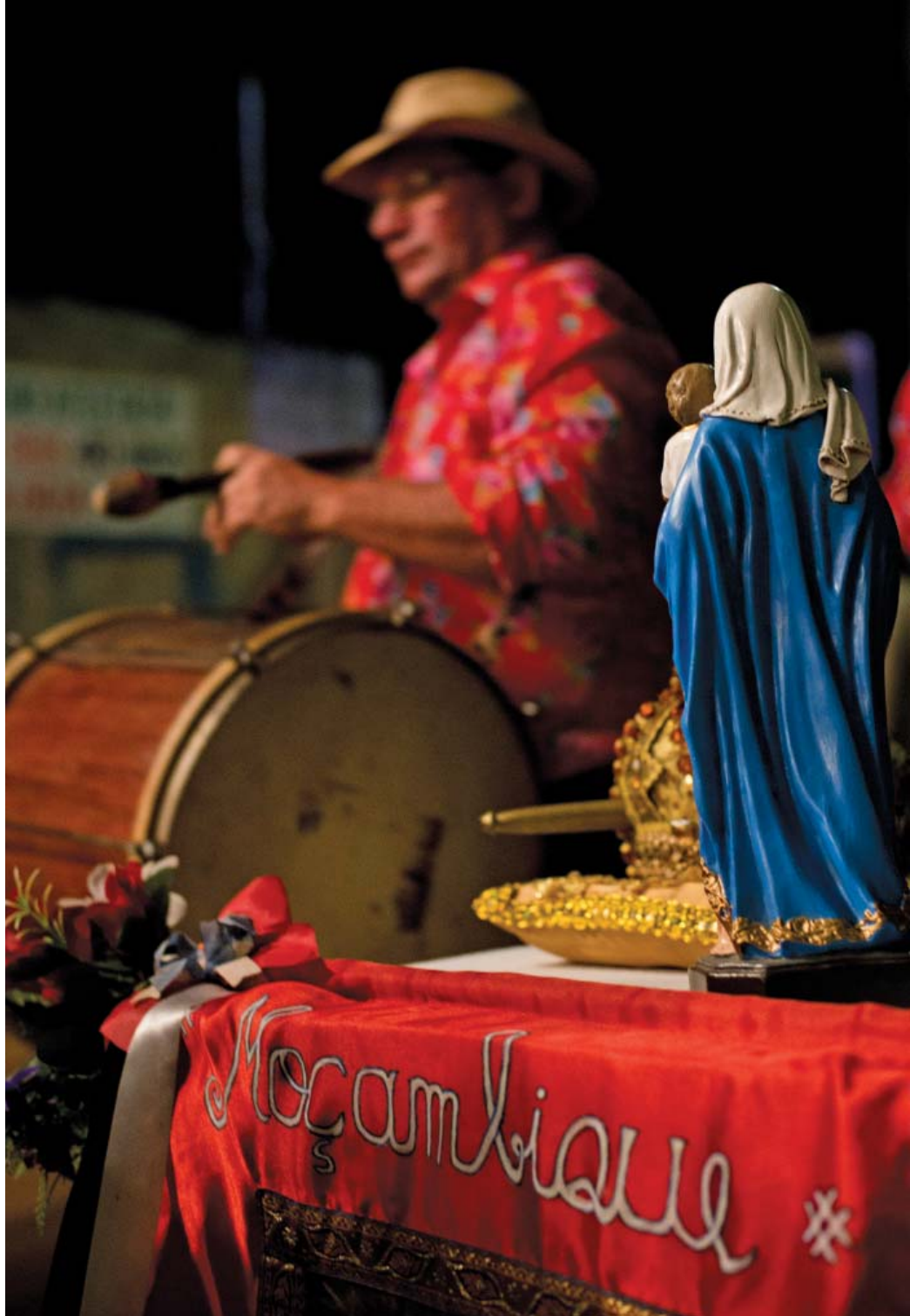
eles passou na cidade de Angola. Quando eles passou na cidade de Angola, foi uma novidade doida. Então, menino, cês sabe como é que menino é, né!? Menino chegava na janela, falava assim:

– Ô, mamãe, vem cá ver uma novidade na cidade de Angola.

Elas saíram tudo correndo. Tinha mãe de família que deixava até panela de arroz queimar pra ver esses nego, chocalhinho nos pés. Pra ver eles na rua: xique, xique, xique, que nem um cascavel quando bate chocalho. Então, aquilo lá foi um bismado.

Aí, quando eles chegou nas águas, que eles bateu, chacoalhou as gunga, chacoalhou a zabumba e aqueles nego pisou e o nego velho cantou, a Nossa Senhora ali deu uma continência. Aí eles cantaram pra ela. Cantou. Cantou um verso pra ela acompanhar os nego velho. Aí, ela acompanhou os nego velho até chegar numa igreja. //

Tonho Pretinho



A noção do Rosário e da figura de Nossa Senhora apresentada pelo capitão Tonho Pretinho não é apenas diferente da canônica. Ela remete à novidade histórica criada no processo de adoção do catolicismo pela realeza e pela elite do Congo, no final do século XV, com a emergência de toda uma nova, complexa e dinâmica cosmologia.

Da mesma forma, Angola também não é uma referência geo-política concreta, com coordenadas precisas. Nas festas de coroação de reis congos, comparecem tradições comuns a todo mundo banto, criando um elo entre a comunidade de negros e um passado idealizado, desprovido de particularidades históricas concretas. Os eventos ligados à história desses povos específicos são incorporados como símbolo de africanidade e a terra natal é vivenciada como lugar abstrato, geralmente um local de força espiritual. É o que se depreende de um canto do Deco no levantamento do mastro de São Benedito:

***É São Benedito / que vai me guiar / pra levar no Angola / lá pro
Angola que nós vai voltar / pra guiar no Angola / lá pro Angola preto
vai voltar***

E também de um canto do Tonho Pretinho, no percurso para cumprimentar o capitão-mor de uma festa:

***Hoje eu sou um nego velho / hoje eu ando devagar / hoje eu tavo em
Ngola / pois eu demorei chegar.***

Em uma explicação sobre os sentidos e motivações que levam uma pessoa a fazer um voto para vestir de rei ou rainha, Tonho Pretinho dá uma aula sobre a complexidade desta nova cosmologia.

V Porque talvez o sujeito tá numa hora de amargura aí. Alguma dor, um sofrimento da família, alguma coisa embarrancada. Talvez tá enrolado. Às vezes tá na escuridão. Aqueles que acreditam e aqueles que têm fé pedem pra Nossa Senhora iluminar o caminho deles, retirar aquela dor. Então, Nossa Senhora vai com o rosário dela no corpo daquela pessoa e retira aquele mal. E tem Nossa Senhora do Mar. É a sereia e a nossa mãe lemanjá. Ela pega no seu rosário aqueles males e vai pra cachoeira e, da cachoeira, aqueles males vão de tombo a tombo. Vão até parar na mão de nossa mãe lemanjá, a rainha do mar. E leva até o fundo do mar, onde tá aquela areia, aquela areia grossa. E aquele mal fica depositado lá. E de lá não sai mais. //

Tonho Pretinho

No depoimento de Tonho Pretinho é difícil separar Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Mar e nossa mãe lemanjá. E é impossível saber se são as três juntas, uma com a ajuda da outra, que retiram os males das pessoas com seu rosário, levando até o fundo do mar, ou se as três juntas são apenas uma e a mesma força, entidade, santidade ou divindade.

Na passagem, releva notar que lemanjá – um orixá nagô – é originariamente num tutelador do Rio Ogum, que banha as cidades de Oyó, Abeokutá e Lagos, na Nigéria. Nei Lopes (2006, p. 210) argumenta que sua transformação, no Brasil, em orixá das águas do mar é possível influência da Quianda, espírito das águas atlânticas de Angola. Como indícios dessa sobreposição, o autor apresenta a referência de Câmara Cascudo (1965, p. 16) de que as cerimônias do dia 2 de fevereiro (na Bahia, Porto Alegre e outros lugares) seriam uma recriação do banquete propiciatório oferecido anualmente à Quianda ou Sereia em

suas águas. A mesa posta na praia sobre esteiras, com os tambores anunciando à sereia e seu séquito que o banquete estava servido, e a presença de vinho doce e pentes identificando o caráter feminino da entidade (REDINHA, 2009) são traços dos rituais de Luanda encontrados nas festas de lemanjá, no Brasil.

Podemos ver aqui que essa nova cosmologia fundadora dos congados, no Brasil, passa a agrupar também elementos de distintas regiões e culturas da África com os elementos católicos, aumentando a complexidade já presente no encontro do catolicismo com a religião tradicional da região do Congo / Angola. Assim, uma dança de lemanjá aparece na performance dos Congos de Santa Ifigênia, de Niquelândia – Goiás. E Leda Martins (1997, p. 44), junto com o capitão João Lopes, da Irmandade do Jatobá, explicam que, em algumas comunidades negras em Minas Gerais, os congadeiros mais velhos saúdam Nossa Senhora do Rosário com a frase *undamba berê, berê, dionê de calunga uaiá*, que, num dialeto possivelmente derivado do quimbundo, significa “mulher bonita, senhora das águas do mar”.

Alguns cantos do Moçambique do Tonho Pretinho também indicam o agrupamento dessas entidades:

Moçambiqueiro na beira do mar / como balanceia / quem canta na beira do mar / é mãe sereia

Sereia / sereia / sereia vamos passear / sereia

Na beira do mar / na beira do mar / na beira do mar / a Nossa Senhora mandou me chamar

Para entender as linhas de força da criação desta nova cosmologia, faz-se necessário uma aproximação com o pensamento banto. A denominação banto vem do agrupamento, em uma mesma família, de povos que viviam na região da África Central – que engloba o antigo Reino do Congo e os países Angola e Moçambique – a partir de uma série de semelhanças linguísticas, em que era comum a quase todos a palavra “ntu” com o sentido de gente, indivíduo, pessoa, sendo “bantu” seu plural. Assim, banto designa um macrogrupo com características linguísticas e culturais semelhantes.

A organização social banta se dava através de linhagens, orientada pelo sentimento de pertencimento e ligação com os ancestrais: toda pessoa era, antes de tudo, membro de uma família e de um clã. As linhagens, as aldeias e os clãs teciam uma solidariedade fundada na etnia e na consciência de cada um descender do mesmo antepassado. As obras do escritor moçambicano Mia Couto, o documentário *Ngwenya o crocodilo* – sobre a obra e a vida do pintor moçambicano Malangatana (Direção de Isabel Noronha. Moçambique / Portugal, 2007) –, e os relatos etnográficos de Wyatt MacGaffey comparando a cosmologia do Congo na atualidade com o início do século XX e o século XVI (THORNTON, 2004, p. 331; SOUZA, 2002) levam a crer que a presença dos ancestrais continua sendo central na organização da vida social desses países.

MacGaffey apresenta a permanência, na cosmologia congoleza, de quatro categorias de seres do outro mundo: ancestrais, que são as almas dos antepassados; divindades territoriais, que podem ser até seres desencarnados, mas há tanto tempo que não possuem nenhum grupo específico de descendentes, chefiados por Nzambi a Mpungu; espíritos menos elevados; e espíritos perigosos, que vagam fora do caminho (fantasmas).

O elemento central da cosmologia banta é a divisão do mundo em duas partes complementares, representados na intersecção de um eixo horizontal e um eixo vertical. O plano horizontal é o da vida cotidiana, da produção, do trabalho. Da intervenção na natureza para garantir o alimento, a vestimenta, a moradia, enfim, a sobrevivência. Mas o trabalho e a vida cotidiana só funcionam bem, na cosmologia congoleza, se estiverem amparados nas forças espirituais, nas forças da natureza, dos ancestrais e das divindades, concebidas como um plano vertical (RIOS, 2014).

A cruz representa, assim, a importância do mundo espiritual, dos ancestrais, das divindades e das entidades ligadas às forças da natureza na harmonia e bom funcionamento do mundo físico. E essa representação permanece, em grande medida, nos ritos dos congados e também de outras manifestações da cultura afro-brasileira. Uma oferenda para uma entidade é feita na encruzilhada, porque ela é um símbolo do cruzamento do plano vertical com o plano horizontal. Pelo mesmo motivo, os ternos de congado realizam uma meia lua para passar um cruzamento de ruas. O mesmo vale para a ponte, que também perfaz uma cruz sobre o curso d'água; água que é igualmente transportadora desses seres espirituais e dessas entidades. Daí porque a cruz dos missionários foi tão rapidamente adotada pelos congolezes quando de sua conversão ao catolicismo: ela já preexistia em suas crenças, representando a in-

tersecção entre os dois planos do mundo.

A constituição do catolicismo negro é baseada em algumas trocas e reinterpretações nas quais predomina um paralelismo de sentido. E a cruz, por ser um símbolo central nas duas cosmologias, é provavelmente o melhor exemplo da permanência paralela dos sentidos originais. Em um fechamento de terno em 2009, Tonho Pretinho junta os dois sentidos no mesmo verso de uma embaixada:

***Nas horas que Deus começa / quero começar também
/ eu vou pedir Nossa Senhora / pra livrar dos mal
encanto***

***Nas horas que Deus começa / os nêgo vai começar / eu
vou pedir a Jesus Cristo / nessa hora abençoar
Eu tô rezando minha oração / com Jesus que está na
cruz / que me livra de todos mal que tira todos os
encruz***

***Eu tô rezando minha oração / para a Virgem Mãe
Imaculada/ e algum mal que vier / e vai pras ondas do
mar***

E a encruzilhada como local preferido de espíritos menos elevados ou de espíritos perigosos foi referida por Deco em sua explicação sobre a meia lua.

W Toda encruzilhada tem um dono. E tem muita gente que faz trabalho nas encruzilhadas. Para você atravessar,

you have to ask for permission for the owner. It is where the people make the half moon. The majority of captains go to the center, beat the staff and ask for a license to be able to pass. Because, if you don't ask, he enters the terno and gets in the way. Then everyone crosses, the porter, the carrier has to ask for a license to be able to pass.

When the people see the people already closed. It is where the people take more care for the terno to pass. Not all (captains) come. There are some who only see them there, but they don't look at them. Others already can look, they can even talk: "leave the people pass here, cumpade!"

Deco

A comunicação do plano divino espiritual com o plano horizontal, da materialidade e do físico, é realizada por pessoas dotadas de um dom especial, os feiticeiros – termo usado aqui como equivalente a sacerdote. A essas pessoas capazes de estabelecer a comunicação com o plano do sagrado, das entidades e divindades, dos ancestrais e, após a conversão, também dos santos cabe a tarefa de atrair espíritos benéficos e esconjurar espíritos maléficos. Boa parte da simbologia dos congados reside aí, remetendo a um sistema cultural em que os reis acumulavam funções que eram tipicamente do feiticeiro. Por isso as insígnias da realeza são tão louvadas nos congados. Levar uma coroa, levar um cetro, representa o poder de origem religiosa de restabelecer a ordem no mundo político, social e econômico, gerando abundância e harmonia (RIOS, 2014).

Esta visão do mundo não foi substancialmente alterada a partir do contato com os portugueses e a conversão do Reino do Congo ao catolicismo é bastante emblemática a este respeito. Portugueses e congolezes traduziram noções alheias para sua própria cultura, forjando

analogias que os levaram a achar que estavam falando das mesmas coisas, quando na verdade os sistemas culturais distintos permaneciam, como vimos no exemplo da cruz, bastante inalterados (SOUZA, 2002, p. 55).

Releva notar, entretanto, que, apesar de certas diferenças fundamentais, os sistemas religiosos do catolicismo português e das religiões tradicionais da região do Congo / Angola também guardavam algumas semelhanças importantes; o que é especialmente válido para o momento histórico da formação do mundo atlântico entre os séculos XV a XVII (THORNTON, 2004), anterior, portanto, ao maior controle sobre as crenças e práticas religiosas na Europa, que a igreja católica logra paulatinamente alcançar por meio dos tribunais da inquisição, nos séculos XVII e XVIII, e ao processo de racionalização da fé e do culto e de romanização da igreja, no decorrer do século XIX. Entre os elementos comuns, destaca-se o fato de ambas as culturas aceitarem a realidade básica da religião: havia outro mundo, além do mundo dos vivos, que não podia ser visto; e as revelações eram a fonte indispensável pela qual as pessoas poderiam tomar conhecimento desse outro mundo. Além disso, havia a crença na sobrevivência da alma após a morte, que marcava a passagem para o outro mundo, de modo que as almas dos mortos habitavam o mesmo espaço das entidades e divindades, dos santos, dos espíritos e dos ancestrais (THORNTON, 2004, p. 313).

Outra crença comum era na influência do mundo espiritual sobre o mundo físico e na concepção de que as revelações do mundo espiritual não se davam em condições normais. Elas são recebidas por meio de pessoas dotadas de um dom especial, profetas, santos e apóstolos, no caso do catolicismo, e os sacerdotes africanos. Além disso, ambas as culturas concordavam em que o outro mundo parece ter mais facilidade de comunicar-se com pessoas em estados alterados de cons-

ciência. Da parte dos missionários, isso era entendido como presságios, sonhos proféticos, inspiração ou possessão pelo Espírito Santo. Do lado dos africanos, também pelo transe induzido por substâncias psicoativas, danças, cantos ou tambores; trances em que os médiuns eram possuídos por ancestrais e outras entidades e ainda por santos, após a conversão.

Tanto o cristianismo como as religiões africanas foram constituídos por meio da interpretação filosófica das revelações – seja na forma de profecias, adivinhações ou presságios – e suas confirmações na forma de milagres, ou da efetividade das adivinhações e presságios. E a conversão do Congo, a partir de 1491, começa com uma série de co-revelações, isto é, revelações validadas tanto pelos missionários católicos como pelos sacerdotes tradicionais africanos. Duas co-revelações são particularmente importantes nesse período. Dois nobres congolezes sonharam simultaneamente com uma mulher bela que rogava aos congolezes que adotassem o cristianismo. E um deles também encontrou uma pedra preta, de um minério diferente dos existentes no país, em forma de cruz. Os missionários cristãos presentes na corte congoleza interpretaram que a mulher seria a Virgem Maria e que o sonho seria um presságio. Ambos os eventos foram vistos pelos padres como milagres e revelações e sinais de graça e salvação, sendo também aceitos como revelações pela nobreza e pelos sacerdotes africanos. Assim, a primeira igreja no Congo foi dedicada à Virgem Maria e a pedra colocada nela como objeto de veneração (THORNTON, 2004, p. 338).

Duas diferenças, entretanto, são marcantes nos dois sistemas religiosos. Na religião tradicional da região do Congo / Angola, as revelações são contínuas e sempre dependentes de comprovação. Assim, os sacerdotes que não acertam seus presságios ou não resolvem as demandas de seus clientes – particulares ou do estado – estão fada-

dos ao descrédito. Este fato debilita o clero enquanto instituição e dificulta a formação de qualquer ortodoxia nas religiões africanas tradicionais. A ausência de ortodoxia, por sua vez, torna o sistema de crenças mais permeáveis ao contato de outras religiões. A igreja católica, ao contrário, cedo privilegiou as revelações descontínuas – sistematizadas na bíblia –, embora admitisse revelações contínuas como o trabalho dos doutores da igreja e dos missionários, percebidos como inspirados pelo Espírito Santo, desde que sua validação estivesse submetida a seu controle.

E aqui tocamos uma segunda diferença fundamental entre os dois sistemas religiosos. O cristianismo europeu, após Constantino, se desenvolveu com um clero forte e com poderes políticos, que recrutava seus membros e tinha leis próprias, e que ocasionalmente chegou a ameaçar a autoridade do Estado, embora, em Portugal, a partir de meados do século XV, o clero estivesse submetido à coroa pelo regime do padroado. Em posição de segurança, o clero podia usar a força para garantir a ortodoxia, quando considerava a medida necessária. E o clero católico esteve em situação de poder na Europa e na América ibérica, onde podia rejeitar integralmente outros sistemas religiosos, desclassificados como pagãos, hereges ou infieis.

Esse não era o caso, porém, da Ásia e da África. E vale lembrar que os primeiros cristãos do Reino do Congo eram não apenas livres, mas também poderosos. Despro-

vido da situação de poder e envolvido em disputas entre colonos e Estados europeus, nobreza local e diferentes ordens religiosas, o clero missionário precisou, pelo menos em um momento inicial, aceitar algumas revelações das religiões tradicionais da região do Congo / Angola, tentando adaptá-las, porém, à sua própria crença.

Destarte, decorre a fusão de algumas divindades do Congo com os santos ou anjos católicos como uma das partes do diálogo aberto por uma série de revelações cristãs africanas. Além disso, o clero católico de alguma forma aceitou que algumas das revelações ocorridas antes da chegada dos missionários eram válidas. Quando, por exemplo, os missionários decidiram que o Congo conhecia o Verdadeiro Deus, a quem chamavam de Nzambi a Mpungu, eles admitiram implicitamente que Deus deve ter se revelado de alguma forma no Congo sob o mesmo nome (THORNTON, 2004, p. 341).

Essas trocas, entretanto, são praticamente uma constante na história de contatos entre religiões. O próprio calendário cristão traz as marcas de sua difusão pelo território do império romano. O calendário é organizado tendo em vista uma série de datas religiosas relacionadas à vida de Cristo. Essas datas, entretanto, são anteriores ao calendário cristão. Foram incorporadas pelo cristianismo a partir de religiões anteriores, que celebravam datas e divindades diretamente relacionadas ao calendário cósmico: 25 de dezembro, solstício de inverno no hemisfério norte, é estabelecido como a

data de nascimento de Jesus Cristo; 24 de junho, solstício de verão, é consagrado a seu primo João Batista, que prepara a vinda do Messias. As datas relativas à São José, pai de Jesus, e à Anunciação de Maria pelo Anjo Gabriel – 19 e 25 de março, respectivamente – seguem o mesmo esquema. Imediatamente antes e depois do equinócio de primavera, em que se celebrava o fim do *hibernus*, no hemisfério norte, quando a vida voltava a frutificar. Assim, quando uma folia de reis canta que Maria foi concebida em 25 de março, ela está cantando a fecundação; da terra e das mulheres (RIOS, 2014).

Essas trocas, portanto, ocorrem com frequência nos contatos entre religiões diferentes, mas não menos frequente são as relações de poder que estabelecem a orientação de sua acomodação. No caso específico da conversão do Reino do Congo, as revelações africanas não aceitas eram geralmente consideradas pelo clero cristão como efetivamente revelações do outro mundo, porém inspiradas pelo demônio; demônio, aliás, que é especialidade judaico-cristã, desconhecida das religiões africanas ou americanas. Principalmente as revelações trazidas por meio da incorporação mediúnica foram combatidas pelo clero missionário. Os africanos, entretanto, embora aceitassem o arcabouço geral da crença cristã, não apenas faziam pouco caso dessas admoestações do clero católico como tinham dificuldade em aceitar as revelações de um passado tão distante, como as das passagens bíblicas. E, sem prejuízo

da adoção do catolicismo, continuaram crendo em suas revelações contínuas trazidas por sonhos e presságios, incorporação mediúnica, e aparições e comportamento de determinados animais.

A plasticidade e maleabilidade característica do pensamento banto permitiu historicamente a incorporação de contribuições dos povos com os quais entravam em contato. E isso se aplica, como vimos, inclusive a rituais e objetos religiosos. Em decorrência desta característica, ao longo da história, a região do Congo / Angola vivenciou uma série de movimentos religiosos, ou seja, a adoção de novos ritos e objetos de culto em situação de contato ou dominação ou quando os antigos, em momentos de crise (seca, fome, guerra etc.), já não cumpriam satisfatoriamente sua função de ampliar a ventura e prevenir a desventura. A incorporação dessas contribuições, entretanto, dava-se pela leitura delas a partir de seu próprio instrumental cognitivo, aceitando-as em parte como próprias, mas resistindo a transformações radicais (SOUZA, 2002).

Outro aspecto dessa maleabilidade comparece na toponímia. Em suas migrações, que envolvem, ao longo de séculos, a extensa região que vai dos atuais Camarões e Nigéria à África do Sul, os povos bantos respeitavam os nomes e tradições dos povos que já habitavam as regiões a que chegam. Essa peculiaridade ajuda a entender, por exemplo, a pequena presença de topônimos bantos no Brasil. Nas terras onde não havia donos

ou proprietários, os bantos costumavam indicar sua presença pelo plantio de uma árvore. Assim, este tipo de denominação – Cedro, Gameleira, Mulungu etc. – pode indicar a presença banta na localidade, inclusive como áreas remanescente de quilombos.

A referida plasticidade e maleabilidade do pensamento banto, somadas à necessidade do clero católico de atuar de forma inclusiva no início de sua atividade de conversão na região do Congo / Angola, molda a constituição do cristianismo africano. E isso tem reflexos na constituição dos congados no Brasil por pelo menos três fatores. Primeiro, o processo de colonização da América portuguesa se dá na formação do mundo atlântico, com um intercâmbio ininterrupto com a África, com destaque para a região de Angola, que exportou contínua e crescentemente negros escravizados para o Brasil – e também América espanhola, Caribe e sul dos E.U.A. –, chegando a uma percentagem próxima de 65% do total de africanos exportados.

Segundo, porque, embora os africanos escravizados já convertidos ao catolicismo fossem relativamente poucos, muitos deles atuaram na América como catecúmenos, difundindo assim sua visão do cristianismo.

E terceiro, o espetacular acréscimo do número de importação de africanos escravizados da virada do século XVIII até a metade do XIX, somado à baixa reprodução natural – especialmente no trabalho de mineração –, freia a tendência de criolização e leva a uma reafri-

canização da América. O que tem por consequência a entrada de muitos indivíduos provenientes de uma região em que a igreja católica tem menos poder do que na América Latina, o que, por sua vez acarreta uma menor tendência para o estabelecimento da ortodoxia do culto católico. Uma reprodução natural, com implicações na criolização, só é observada, em Minas Gerais, no decorrer do século XIX, com a economia, paulatinamente, se redirecionando para a agricultura e pecuária. Esse movimento coincide com a cessação do tráfico em 1850, compensado em parte pelo comércio interno de escravizados.

No século XIX, entretanto, ocorre também a paulatina separação entre a cultura do povo e a cultura da elite, acentuada a partir do movimento romântico, que implicou, na longa duração, o afastamento da instituição eclesiástica de práticas rituais populares que ela mesma havia criado ou permitido que se criasse nas margens da instituição – como era o caso das irmandades leigas –, mas que já não conseguia submeter ao controle de seus sacerdotes. Assim, esse afastamento da igreja das formas de devoção popular – congados, folias de reis e outras – acaba por criar um estatuto especial para a religiosidade popular.

Nesse momento, ganha relevância a diferença entre o catolicismo romano e as religiões tradicionais africanas a respeito da proximidade e da permeabilidade entre o mundo físico, do trabalho cotidiano, e o mundo

espiritual dos ancestrais e das divindades. Com o processo de racionalização e romanização do culto católico, essa diferença específica começa a suplantar a base comum geral da crença de católicos e de praticantes das religiões tradicionais da região do Congo / Angola na divisão entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos; base comum que havia facilitado sua aproximação e diálogo no século XV.

O fato de a cultura europeia ocidental racional chamar o mundo espiritual de “sobrenatural” já implica uma percepção particular do “natural”, daquilo que geralmente se consegue explicar de modo cartesiano, numa relação de causalidade, normalmente física. Essa percepção tem como pressuposto uma concepção dualista que separa de forma mais rígida essas esferas. Essa separação das esferas se revela na tradição judaico cristã, por exemplo, na concepção do homem constituído de duas partes essencialmente diferentes: o corpo, a matéria feita de barro, e o espírito, o sopro divino. Os africanos não tinham esse pensamento dualista. Em suas concepções do mundo, o plano espiritual não seria algo “sobrenatural”, porque suas concepções de natureza e de natural são mais amplas, envolvendo as duas esferas, horizontal e vertical, física e espiritual. A cultura ocidental científica separa médico, que cuida do corpo e da mente, de padre ou pastor, que cuida da alma e do espírito. A cosmologia banto, ao contrário, integra essas esferas. Nela, raramente um mal físico é percebido sem relação com um mal

espiritual ou emocional (RIOS, 2014).

A proximidade entre o mundo físico e o espiritual, característica da concepção do catolicismo negro e do catolicismo popular, revela-se na prática de capitães de moçambique, benzedores, curadores, embaixadores de folia. Sua atuação para resolver problemas cotidianos, não raro por meio de incorporação mediúnica, passa a ser desqualificada como prática mágica e profanadora pela igreja católica. Esta condenação, entretanto, traz como consequência o estabelecimento de um sistema religioso autônomo, alternativo e com maior capacidade de penetração e reprodução entre as camadas populares. Assim, as festas religiosas conduzidas por beatos populares, rezadores, guias de folia, congadeiros e benzedores terminam por constituir rituais distintos e adquirem novas funções (RIOS e VIANA, 2015, p. 37).

No conjunto, as vicissitudes da criação do cristianismo africano e do catolicismo popular tornam os congados festas compostas de cerimônias assaz ricas em significados difíceis de serem desvendados, alguns inacessíveis aos não iniciados. A diáspora impediu que os complexos sistemas sociais, políticos e religiosos africanos fossem integralmente transpostos para as Américas. Contudo, se as relações sociais nas quais os indivíduos se inscreviam no mundo americano determinaram as feições das novas comunidades, a escravização não destruiu automaticamente hábitos, maneiras de pensar e sentir de suas vítimas; a bagagem cultural também influencia

as formas que essas comunidades adquirem, apesar de o monopólio do poder pelos europeus estabelecer tanto parâmetros e limites para a manutenção de continuidades sociais e culturais com a África como as formas das inovações.

Como as irmandades religiosas de negros e pardos, escravos, forros e livres, separadas das dos senhores, foram um dos principais meios encontrados para se organizarem em comunidades de alguma forma integradas à sociedade escravista, vários elementos das manifestações religiosas e da cosmovisão banto, em sua versão cristianizada, fluíram para as festas dos santos de devoção negra no Brasil (RIOS, 2006). Sendo o principal elemento dessa cosmovisão a grande importância da esfera espiritual para o equilíbrio e harmonia do mundo físico, onde se dá a luta cotidiana pela manutenção e abundância na vida, o culto aos ancestrais vai ganhar centralidade nas manifestações do catolicismo negro.

Os ancestrais africanos são, acima de tudo, pessoas mais velhas do grupo de parentesco. Assim, as pessoas mais velhas que estão vivas também são de alguma forma ancestrais. E, como a linha que divide os vivos dos mortos não afeta a estrutura dos relacionamentos, a ligação com os antepassados precisa ser mantida por meio de uma série de rituais. Nesses rituais – e ainda na vida cotidiana –, destaca-se, portanto, o respeito pelos mais velhos, que têm, normalmente, primazia nos cultos; sendo alguns exclusivos destes, como costumavam ser o *jon-go* e o *candombe*, conhecidos como festas de *nego velho* e de *preto velho*. Esse respeito aos mais velhos tem relação com o fato de eles terem vindo antes ao mundo, com a valorização de sua experiência e também com o fato de que eles, ao realizar a passagem – presumivelmente mais próxima –, assumirão o papel espiritual de guardião e protetor dos parentes vivos.

***Engenho tá moendo /
deixa moer / eu vou fazer
garapa / pro vovô beber***



ANA ELISA E DONA NENZINHA



GRAVAÇÃO DO CD NA ANTIGA SENZALA DA FAZENDA PALESTINA



Eu danço ali pensando na minha mãe. Ela que incentivou de seguir o caminho que ela tanto gostava. Porque, pra ela, o Moçambique era tudo. Tem hora que eu tô ali que nem parece que sou eu. Parece que é ela que tá ali comigo dançando. Então, eu danço por fé em Nossa Senhora, que eu tenho demais. E por ela. Parece que eu tô seguindo o caminho que ela trilhou pra mim. Por isso que, enquanto eu tiver vida e força, eu quero continuar. Se Deus quiser. //

Cilene

FIA

Em 2012, houve a coincidência de o segundo domingo de maio, dia das principais funções do Reinado da Boa Viagem e dia das mães, cair no dia 13, dia da comemoração da abolição do cativeiro negro. A sobreposição de escravidão e ancestralidade na encruzilhada da vida, no cruzamento dos eixos vertical e horizontal, gerou o fechamento do terno mais emocionante que já presenciámos, com uma sensação de especial proximidade das forças protetoras, entre elas ancestrais dos integrantes do Moçambique.

Ainda com relação à centralidade dos ancestrais na vida das pessoas de origens bantas – e africanas, de modo geral –, podemos destacar a tese de Roger Bastide (1971), de que a reunião em torno de um santo recria entre os irmãos uma espécie de parentesco étnico, a partir de um ancestral mítico comum. É ainda uma vez o culto aos ancestrais operando a recriação de laços de identidade para suprir os que foram rompidos pelo tráfico (étnicos, geográficos, culturais, políticos etc.). A ausência de laços familiares podia não ser tanto um problema para os crioulos, mas mesmo esses também podiam ser separados de suas famílias. Para a maioria dos africanos recém chegados, entretanto, a ruptura dos laços familiares era uma realidade dura e incontornável; e os africanos escravizados chegaram ininterruptamente a partir do final do século XVI, com grande acréscimo no número de importação no século XVIII e mais ainda no século XIX, até a extinção do tráfico, em 1850.

A centralidade do culto aos ancestrais ajuda a ex-

plicar, portanto, a integração de africanos em instituições católicas de cunho ibérico, regidas por normas da administração metropolitana, e que visavam, além da disseminação da fé cristã, o controle da comunidade negra. Basta lembrar a importância dos funerais nas sociedades africanas. Eles marcam o momento da passagem para o mundo dos ancestrais e dos espíritos da natureza; passagem que exige ritos especiais, acompanhados de cantos e danças. Não é mera coincidência que uma das justificativas mais recorrentes para a criação de irmandades negras seja exatamente a de dar um enterro digno e cristão para seus membros, muitos deles escravos que temiam ser abandonados pelos senhores na hora da morte.

Nosso caminho até aqui foi um pouco longo, mas não se entende o reinado do rosário sem uma reflexão mais ampla sobre a natureza da criação de uma cultura híbrida na América, a partir da diáspora africana, e sobre a formação do Brasil pelo tráfico de escravos no Atlântico Sul. No desenvolvimento dos congados, estão gravadas as transformações econômicas, sociais e culturais em escala mundial advindas com a colonização do Novo Mundo a partir do encontro / desencontro, assimétrico e desigual, de americanos, africanos e europeus. E, no sentido inverso, o entendimento da festa clareia muito sobre as implicações culturais e cotidianas desse processo.

O médico, botânico e naturalista boêmio Johann Emanuel Pohl (1976, p. 205), embora pródigo em restrições às danças dos Congos de Santa Ifigênia por ele observadas

no arraial de Traíras – Goiás, em 1819, termina sua descrição da festa com uma defesa veemente do direito e justeza de sua realização pelos negros africanos escravizados:

Os negros são grandes apreciadores desta festa, em que se exibem com grande ostentação, e não se poderia ferir e ofender mais esta população do que não lhes permitindo essa comemoração, que a tantos respeitos lhes recorda a pátria.

Mais do que a recordação da antiga pátria, entretanto, as festas realizadas pelos africanos e seus descendentes na América trazem elementos fundadores da nova pátria. Entre esses elementos, está o processo de formação das religiões de matriz afro-brasileira, como é o caso dos congados.

Grande parte da literatura sobre os congados e reinados indica a preponderância da influência banto em sua constituição. Esta influência não se limita às cerimônias de coroação de reis congos, mas se faz presente, principalmente, na configuração do cosmos – com espíritos ancestrais, pretos velhos e caboclos, escoras e forças – e na dimensão espiritual do moçambique, dos reinados e dessa devoção específica ao rosário – elementos que são muitas vezes invisibilizados pela presença, em primeiro plano, do culto aos santos católicos.

Este ofuscamento tem claras origens históricas relacionadas com a perseguição do clero aos cultos de matriz africana. No entanto, parece integrar também um processo mais amplo, interno às religiões afro-brasileiras, de invisibilização de elementos de origem africana banta. Nos estudos afro-brasileiros, comparece uma supremacia jeje, (fon, ewe, mina, fanti, ashanti) e ketu / nagô (iorubás), com a conseqüente maior visibilidade dos cultos de Vodun (predominantes no Maranhão) e dos Orixás (predominantes na Bahia e em Pernambuco), embora estes sejam demograficamente minoritários com relação aos bantos, especialmente na região mineradora e do café (Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo).

Segundo Nei Lopes, a historiografia anterior à década de 1970, em geral, procurou negar a hegemonia banta com o objetivo de “negar importância à regra,

à maioria, mitificando positivamente, de certa forma, apenas a exceção. Daí, o “negro tu”, sempre submisso e imbecilizado, contraposto ao “malê” ou “mina”, generalizadamente mostrado como rebelde, altivo e letrado” (2006, p. 09). Além de esbarrar no fato histórico de que a maior e mais duradoura resistência à escravidão foi empreendida por bantos no Quilombo dos Palmares, a idealização da minoria voltada para a desqualificação da maioria acaba funcionando como fermento para o racismo.

Como desdobramento do preconceito contra os bantos, o congado é muitas vezes desconsiderado como religião afro-brasileira, devido, como vimos, à presença de elementos do catolicismo, a religião do colonizador. No entanto, o que uma investigação mais profunda (e não centrada exclusivamente nas festas) revela, é que existe no reinado um complexo cosmológico que extrapola o catolicismo – sobretudo o hegemônico e institucionalizado –, contendo elementos de uma espiritualidade africana banta, encontrada igualmente nos jongos, caxambus.

A sistematização da umbanda, a partir dos anos 1930, também faz parte deste processo de obscurecimento da presença dos pretos velhos, dos caboclos, das forças, dos ancestrais e dos espíritos nos congados. Com sua institucionalização, especialmente nos grandes centros e nas capitais, ela absorveu, em parte, elementos antes dispersos em devoções e cultos não

institucionalizados (GOLTARA, 2014), acarretando sua identificação com ou sua adoção pela umbanda. Neste processo, oblitera-se a origem mais antiga dos congados e dos jongos ou caxambus como *locus* de preservação e exercício dessas concepções religiosas de origem africana.



MOÇAMBIQUE SAINDO PRA FESTA

W O terno não pode andar à frente da bandeira. A bandeira que tem que andar na frente deles, porque ela é a guia. Ela que abre o caminho. Ela é a proteção dos ternos. //

Dona Esmeraldina

EM 2004, AO SELECIONAR e transcrever os cantos do CD *Reinado do Rosário de Itapecerica: da festa e dos mistérios*, chamaram a atenção de Sebastião Rios uns versos de um capitão que estava dando um “dijutório” – adjutório, ajuda – no terno de marinheiro: “O pereto de Ngola / hoje que não chora à toa / o pereto de Ngola / ele é dono de coroa”. O acréscimo da vogal “e” em “pereto” evita o encontro consonantal “pr”, indicando uma das contribuições bantas ao português do Brasil. Como o acréscimo da vogal “e” aumentava uma sílaba no verso e resolvia também a métrica, perfazendo a redondilha maior, podia tratar-se de uma coincidência. Já a manutenção da pronúncia Ngola (aproximadamente ningola), sem a vogal “a”, acrescida pelo colonizador português no termo “Angola”, mostrava claramente um veio a ser explorado. Como e por que teria sido preservada uma pronúncia africana – provavelmente do quimbundo ou do umbundo – mais de 150 anos depois de cessado o tráfico de escravos? O caso valia uma investigação mais profunda.

O capitão que havia cantado esses versos era o Tonho Pretinho e a aproximação a ele levou ao Moçambique da Boa Viagem, que não conhecíamos, uma vez que o grupo não havia participado do registro musical de 2004, centrado na festa do centro da cidade / Alto do Rosário – que é a mais antiga e chamada Reinado Grande de Itapecerica. O grupo havia ficado de fora da gravação por causa de uma rígida divisão temporal e territorial entre as festas de reinado em Itapecerica, que à época ignorávamos.

O interesse pelos cantos na linha d’Angola, pela memória do grupo, pelos movimentos mais lentos e ligeiramente encurvados para frente – linha do preto velho – e o tempo de convivência foram, entretanto, abrindo paulatinamente as portas do grupo. O primeiro contato se deu em 2006, quando o grupo passou a atuar na festa do Alto do Rosário. A partir daí, Sebastião Rios começou a acompanhá-lo nessa festa.

Em 2008, Sebastião participou de um primeiro fechamento do terno em sua sede, na casa de Tonho Pretinho e Dona Lena. Nesse dia, logo foi convidado a passar da sala para a cozinha da casa. Mais tarde, durante o fechamento, depois de louvar os santos e pedir sua proteção, Tonho Pretinho parou o terno e, se dirigindo a Sebastião – o único “estrangeiro” no recinto –, pediu desculpas e rogou que não se incomodasse, mas que ele precisava também tomar as bênçãos dos pretos velhos e caboclos para sair pra rua.

No dia seguinte, chegando mais cedo e a conversa fluindo com Tonho Pretinho e Dona Lena na cozinha, motivada por algumas perguntas a respeito do que Sebastião vira e ouvira no dia anterior, Dona Lena perguntou se ele queria conhecer o quarto das orações. Aí foram da cozinha para o *injó* (do quimbundo, casa), o recinto que guarda as imagens e objetos sagrados do grupo e onde são realizados alguns rituais internos, vedados aos não iniciados. E quando foi levado a conhecer o *injó*, mal Dona Lena e Tonho haviam começado a apresentar o altar, Pai Benedito desceu. Dona Lena explicou-lhe o que estavam fazendo e Sebastião recebeu um passe, adentrando, naquele momento, um novo espaço do reinado do rosário em Itapecerica.

Talita encontrou a trilha de acesso à ancestralidade e às forças espirituais presentes no Moçambique aberta e foi benzida na primeira vez que esteve na casa de Dona Lena e Tonho Pretinho, em janeiro de 2009, numa noite em que eles, juntamente com outros médiuns e cambonas, estavam trabalhando.

Quando da publicação do edital CRESPIAL, a ideia de “sair do cantinho” – na feliz formulação de Mãe Efigênia / Mametu Muiandê da Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango – estava em vias de consolidação. Essa formulação traz a percepção cada vez mais compartilhada entre os praticantes dos cultos afro-brasileiros de que,

embora o segredo tenha sido fundamental na estratégia secular de resistência cultural, esta etapa está encerrada, ou ao menos se encerrando. E cumpre, hoje, dar um segundo grito de liberdade e enfrentar os preconceitos e perseguições às suas práticas de forma aberta e no espaço público.

Assim, foi construída uma proposta para participar do edital entre Tonho Pretinho, Dona Lena, Deco, Sebastião e Talita, visando valorizar a espiritualidade de origem africana no terno, o que passaria, forçosamente, pela necessidade de divulgá-la em alguma medida. E isso era um passo delicado, uma vez que o movimento de “sair do cantinho” precisava ser feito sem perder ou profanar o que é tão importante para os moçambiqueiros; uma vez que religião tem mistério e mistério não é aberto a não iniciados. Com o bloco na rua, a equipe do projeto – Diana, Marcelo e Carlos – também pôde conhecer esta dimensão da espiritualidade de origem africana logo em suas primeiras incursões de trabalho. O mesmo aconteceu com as técnicas e consultor do IPHAN – Sara, Vanilza e Marcos – na viagem que fizeram a Itapecerica para uma reunião com os moçambiqueiros sobre as ações do edital CRESPIAL.

Durante a execução, o projeto foi ganhando um maior envolvimento dos demais capitães e integrantes da guarda, o que implicou no aprofundamento dos diálogos sobre o que mostrar da atuação do Moçambique na festa. Um diálogo crucial se deu na casa de Dona Lena e Tonho Pretinho, quando precisávamos definir o argumento do filme e da exposição de fotografias. Nós havíamos registrado todas as etapas rituais da festa, incluindo atividades preparatórias, como a ida ao Rosário Velho para buscar os cipós e raízes para o preparo da amargosa e as orações dos capitães no injó, que antecedem o fechamento do terno. Restava saber, entretanto, se Dona Lena, Tonho Pretinho e Deco estavam também dispostos a mostrar publicamente as imagens registradas.





Cientes de que muitos elementos da espiritualidade do Moçambique tinham sua circulação e visibilidade restritos, selecionamos aquelas imagens que considerávamos mais delicadas e apresentamos para Tonho Pretinho, Deco e Dona Lena. Eles olhavam com atenção a sequência, até que Tonho, olhando a fotografia registrada no Rosário Velho, no momento em que recebia a benção de Pai Benedito, falou: essa foto tem que entrar no projeto! Dona Lena, quem sempre se preocupou mais com os impactos que a divulgação dessa espiritualidade poderia trazer para as relações de trabalho, mostrou-se de acordo. Tomamos essa fala de Tonho Pretinho como uma guia e, juntos, fomos definindo o argumento do filme, da exposição de fotografias e também deste livro. Esse diálogo e *acerto de marcha* entre Tonho, Dona Lena e Deco, principalmente, e nós, editores, curadores e escritores, teve também a presença dos pretos velhos: além de pajear nossa escrita e edição, no sentido de não permitir que escrevêssemos ou montássemos alguma passagem indevida, se manifestaram favoravelmente no dia em que mostramos a versão final do filme para os integrantes do terno; versão que ainda passou por pequenos ajustes, além do corte de uma fala considerada desnecessária pelos integrantes do terno.

O interesse em mostrar essa espiritualidade de origem africana no reinado, a linha da Angola, faz parte ainda de um movimento de marcar a posição deste Moçambique no conjunto da festa, contestando algumas tendências de carnavalização – consideradas negativas – em curso na região de Itapeçerica: incorporação de músicas sertanejas e de pagode no repertório de alguns ternos; o privilégio aos festeiros eletivos em detrimento dos reis congos e perpétuos, por parte da diretoria das festas e do público em geral; a priorização do caráter estético e de diversão por parte dos festeiros; e a amarração, prática recorrente em Itapeçerica e região, que consiste nos reis ou mesmo pessoas do público pararem

o cortejo, colocando uma cédula de dinheiro sob os pés para que o capitão cante para eles.

A priorização do caráter estético – a preocupação com as vestimentas, maquiagens, penteados – transforma o cortejo num desfile de moda. E a amarração, ao direcionar os cantos para agradar os reis ou pessoas do público, faz com que esses percam sua orientação vertical, voltada a rogar as bênçãos e proteções dos santos, divindades e forças espirituais, se nivelando no plano terreno. Deste modo, o desfile de moda e a amarração acabam relegando a devoção ao Rosário a um plano inferior, o que desagrade capitães e dançadores ligados aos sentidos originais da festa, além de a última causar tumulto e atrasos nos cortejos.

Nesse contexto de afastamento da festa de seus fundamentos, chama a atenção, no Moçambique do Tonho Pretinho, a sua preocupação e empenho na manutenção da linha do Rosário, dos cantos na linha da Angola, em estreita vinculação com a dimensão espiritual do reinado. “O reinado é uma brincadeira, mas é uma brincadeira muito séria”, explica Dona Lena. A festa potencializa a presença e a atuação dos ancestrais, dos santos, das entidades e divindades no plano terreno. Essas forças precisam ser colocadas em equilíbrio e em prol da proteção dos ternos e da comunidade. E há também que amansar e afastar as forças perigosas e negativas, igualmente intensificadas nesse período.

No panteão do Moçambique, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês estão juntos dos pretos velhos e pretas velhas – Pai Jacó, Pai Benedito, Pai Joaquim de Aruanda, Mãe Santana, entre outros –, das moças – pombagiras, – dos caboclos, dos exus, das escoras. Embora essas entidades possam influenciar ou mesmo eventualmente se comunicar com qualquer pessoa, é com aquelas que possuem um dom mediúnico – espiritual – que essas relações se aprofundam e se tornam perenes. As pessoas que desenvolvem e exercem esse dom, normalmente, assumem uma missão de ajuda ao próximo.

Intermediando a relação dessas forças espirituais e divindades com o plano terreno, os capitães do Moçambique as convocam para as funções que o terno realiza no reinado. Além das forças mencionadas, há também os “conjuntos”, plantas com status diferenciado, que muitas vezes coincidem com as próprias entidades – Pai Alecrim, Pai Arruda, Pai Guiné – e têm papel importantíssimo na guarda.

A capitã Pedrina, do Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, de Oliveira – MG, relaciona a presença das plantas e de outras forças da natureza à consciência cósmica imperante nos congados. Segundo ela, o sol, a água e a chuva, as pedras e as plantas são nossos irmãos. E nós precisamos deles para viver. Devem ser, portanto, venerados e respeitados. A capitã enfatiza que congadeiro não corre de chuva, já que a chuva é uma benção de uma di-



DONA LENA

vindade. E apresenta um canto de seu moçambique que marca essa percepção: “chuva não molha nego”. Este canto não deve, entretanto, ser tomado literalmente. Ainda que, surpreendidos por chuva em um cortejo, os integrantes do terno venham a ficar ensopados, isso não lhes causa nenhum mal. Ninguém fica resfriado ou gripado.

Essa consciência cósmica referida pela capitã Pedrina tem relação com a intersecção dos planos horizontal / físico e vertical / espiritual já mencionada. E comparece num canto que ouvimos com o Moçambique do capitão Zé Rosa, de Formiga – MG, incorporado também ao repertório do Moçambique do Tonho Pretinho:

O padre precisa do vinho / o vinho precisa da uva / a uva precisa da terra / a terra precisa da chuva

A importância da força das plantas, das matas e das águas foi tematizada por Tonho Pretinho em mais de um depoimento ao longo do desenvolvimento do projeto. Antes do Reinado da Boa Viagem, que abre o ciclo das festas na região, Tonho Pretinho vai com outros capitães ao Rosário Velho buscar as forças e as proteções. No local, existiu uma antiga capelinha de Nossa Senhora do Rosário, erigida antes do estabelecimento da Vila de São Bento do Tamanduá em seu sítio atual. Ali tem uma linda, antiga e enorme Gameleira – facilmente reconhecível nas imagens do filme – onde mora o Caboclo da Gameleira, entidade muito importante neste Moçambique.





Aqui tinha uma capelinha de Nossa Senhora do Rosário. Então, a capelinha acabou, mas ficou o ponto; mesma coisa, sabe!? Agora aqui tem outra protetora: das mata virgem e da água, a nossa Mãe Santana. Sem as forças das matas e das águas, nós não é ninguém.

Pra nós trabalhar no Rosário de Maria, pra nós abrir a festa, todo ano nós vem aqui, na Sexta-feira da Paixão, pegar os conjunto, pedir as força dos pontos, pegar as forças maior. E todos nossos guias de luz, todos guias protetores, e todas caboclada das matas e das águas, os caboclo da gameleira, os caboclo boiadeiro vem dar força pra nós nesse trabalho, abençoar esse trabalho.

Eu venho aqui não é só pra mim não. Eu venho aqui, eu peço a proteção pra festa toda. Peço proteção pros corte, pra diretoria, pros festeiro e pros romeiros. Nós vem buscar as proteção aqui. Aqui que é a força do Rosário. //

Tonho Pretinho







*O dia de hoje / é um dia tão bonito /
vou pedir a todo santo / festejar São
Benedito*

*No dia de hoje / ai de mim o que será /
eu saio pelo mundo / o nego tem que
rezar*

*Nego de Ngola / ele temo que rezar / no
trono de gameleira / o nego vai saravar*

*No dia de hoje / pois eu vou me saravar
/ todas as força do divino / nessa hora
vai me dar*

*Pois meu irmão / nós temos que saravá
/ o dono da gameleira / que ele é dono
do Rosário*



V O Moçambique, os pretos velhos dançavam nele. Eles que começaram o batuque do reinado. E os pretos velhos são eles que ajudam, que protegem as guardas. Protege das coisas ruins, do olho gordo, do mal olhado, inveja, quebrante e mais outras coisinhas. Aí é pedir mesmo a proteção. E eles não largam. Desde a hora que bateu o apito, quando eles não estão no meio, estão de lado. A gente pede para proteger a guarda toda, circulando tudo. Pede para fechar o cordão. A gente pede São Benedito pra vir circular o cordão para nada mal entrar nem arrebentar o cordão. Pede os caboclo pra ajudar fechar, pra não prejudicar nem acontecer nada de mal com nenhum companheiro, tanto dos pequenos até os mais velhos //

Deco



A busca das forças e da proteção se dá na mesma medida em que, no sentido inverso, busca-se evitar as forças maléficas – inveja, mal olhado, olho gordo, maldicência – na guarda, como uma corrente, mas também nas pessoas, individualmente. Potencializadas também pela festa, elas são particularmente perigosas durante alguns rituais, notadamente a levantação e a descida dos mastros. As forças malfazejas fazem parte do mundo, mas, acima de tudo e de todos, existe Deus, Nossa Senhora do Rosário e as proteções divinas, que cuidam de mantê-las afastadas.

Na sexta feira, é a levantação dos mastros. Aí sai daqui. Reza, a turma junta tudo aqui e vai pro pé do mastro. Vai lá pro convento, pega as bandeiras e vem. Aí tem a da Nossa Senhora, do São Benedito, da Santa Ifigênia. E vem pro lado da igreja pra poder levantar as bandeiras. Aquilo lá é uma tradição muito valiosa, uma tradição de muita fé. Tem o Antônio que carrega a luz divina de Nosso Senhor Jesus Cristo, do Divino Espírito Santo, que é a vela pra iluminar ali, pra ver tudo o que tá acontecendo no buraco. Aí levanta os mastros, o povo tudo ajudando com os bastões, com as varinhas.

Dona Lena

Uma pessoa central do Moçambique no que se refere ao equilíbrio das forças espirituais é Dona Lena. Embora, normalmente, não saia com o terno na rua para as funções externas e públicas, sem ela, e os papéis que desempenha, o Moçambique não sai. Considerada por alguns dançadores, especialmente os mais jovens, a mãe do terno, como chefe do terreiro possui uma responsabilidade central na espiritualidade da guarda, além de ser responsável por tarefas de ordem mais prática, como cuidar do fardamento e comunicar as pessoas dos compromissos, horários e locais de encontro etc.

Nos dias de festa, precedidos pelas visitas, Tonho Pretinho conduz, com a ajuda de Dona Lena, demais capitães e as proteções divinas, o fechamento do terno antes de ir para as funções públicas.







WEssa festa, ela é do princípio do mundo. Então esses nego, pra fazer essa festa, eles vai nas matas pra pegar os conjunto, arrancar raiz, pôr na marafa pra dar pros nego tomar. Pra fechar o corpo, nessa festa de Maria, pros nego pelejar. //

Tonho Pretinho



A amargosa ajuda a compor o fechamento do terno. Faz parte com a oração, os pedidos e o álcool. Porque os pretos velhos gostam de beber uma pinga preparada, uma amargosa. Aí na hora que tá repartindo, é a mesma coisa que tá dando a ele também. Ajuda a fortalecer. O álcool mais é pros caboclo. Chama álcool concentrado, pra livrar da dor de cabeça, da dor no corpo.

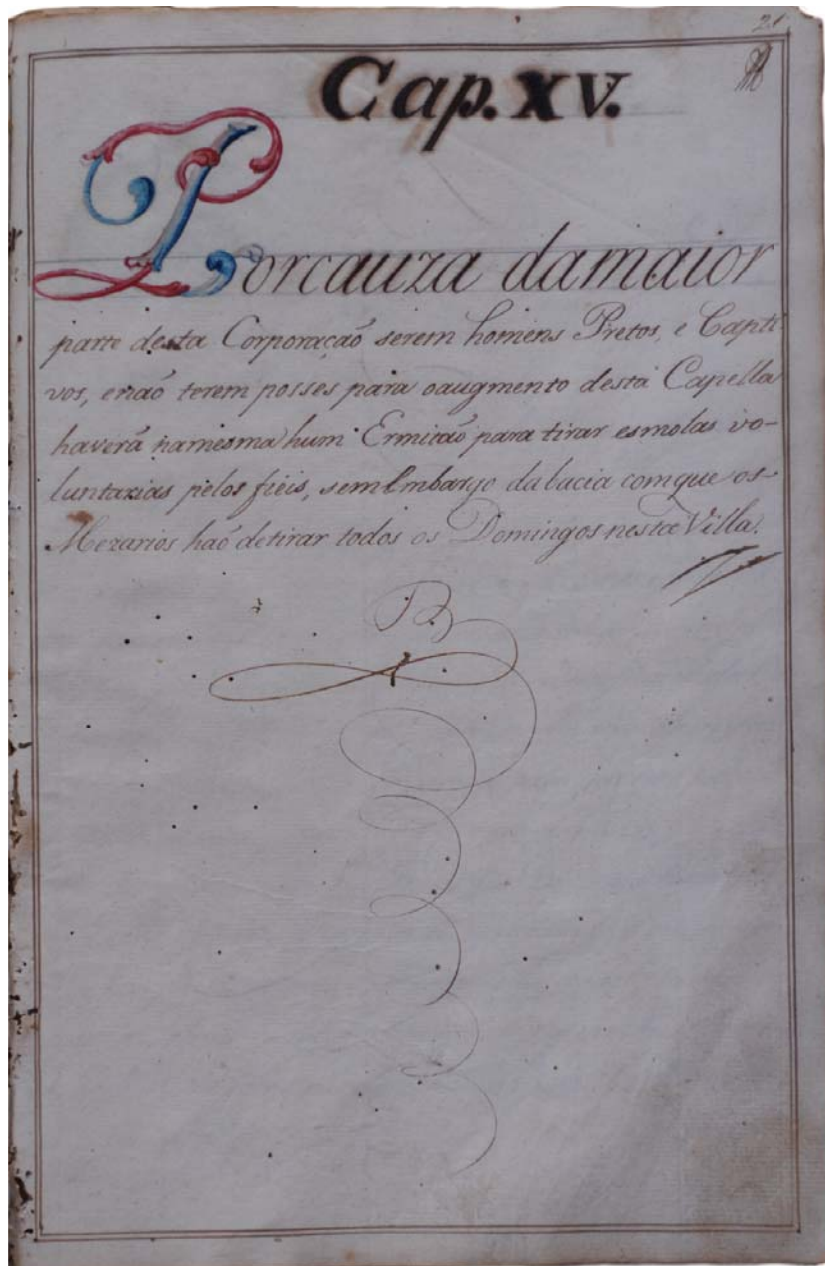
Deco





A (PRE)OCUPAÇÃO DO MOÇAMBIQUE do Tonho Pretinho com a parte espiritual do reinado o coloca numa posição diferenciada em razão do distanciamento de muitas festas e guardas dos fundamentos religiosos dos congados. É difícil precisar quando esse distanciamento começa a se evidenciar em Itapeçerica, mas é pouco provável que isso tenha ocorrido entre 1818, quando é criada a Irmandade do Rosário, e 1926, quando a festa foi interrompida em razão da proibição da realização da festa no interior das igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos pelo Bispo de Belo Horizonte. Temos, entretanto, pouca informação sobre a festa no período anterior a 1926. Zé Gominho (José Gomes Filho), que nasceu em 1895 e começou a participar da festa no decorrer da década de 1910, em entrevista a Maria Amália Corrêa Giffoni, em 1985, afirma que, antes da proibição, tomavam parte na festa pretos, cabritos (pardos) e brancos, mas a informação não é detalhada. Informa ainda que seu último capitão-mor – embora a denominação do cargo não fosse exatamente essa – foi seu pai, José Gomes (1989).

É provável também que a clara predominância de negros na festa, documentada em 1818, tenha se mantido até 1925, mesmo com a presença indicada por Zé Gominho de cabritos e brancos.



Cap. XV

Por cauza da maior parte desta Corporação serem homens pretos, e captivos, e não terem posses para o augmento desta Capella haverá na mesma hum Ermitão para tirar esmolas voluntarias pelos fiéis, sem embargo da bacía com que os mezarios hão de tirar todos os Domingos desta Villa.



O decreto episcopal, motivado pelas desconfianças do bispo a respeito da ortodoxia do culto a Nossa Senhora do Rosário pelos negros, fez com que a festa fosse encerrada em várias localidades da prelazia e que a festa da cidade / igreja do Rosário deixasse de ser realizada durante 22 anos. O restabelecimento da festa, em 1948, foi motivado pela premência de angariar recursos para uma reforma do telhado da igreja do Rosário, que ameaçava desabar. E a retomada foi viabilizada, em grande medida, pela continuidade da festa na zona rural, onde o controle do bispo e pároco era menos efetivo e pela memória de antigos capitães e dançadores.

Com a retomada da festa, sob o comando do capitão-mor Zé Gominho, há a incorporação progressiva de outros segmentos da sociedade. O rei e a rainha da coroa grande aparecem no mesmo ano da retomada, 1948. A personagem representando a princesa Isabel, em 1957. Dançadores mais antigos do Moçambique do Tonho Pretinho, como Juranda e Cicinho, são unânimes, entretanto, em afirmar que nas décadas de 1960 e 1970, essa dimensão religiosa da festa era muito presente e que seus principais capitães também eram pessoas dotadas de grande poder espiritual.

Muitas mudanças ocorrem, porém, como que num veio subterrâneo. E só se dá conta da nova situação quando ela já está em grande parte consolidada. Trata-se, de qualquer forma, de mudanças na festa que acompanharam mudanças mais gerais na sociedade, como a

urbanização, a secularização e a racionalização e a maior presença dos meios de comunicação de massa. Sendo um processo que envolve muitos agentes e fatores, é difícil saber exatamente em que momento essas mudanças ocorreram. E também quem seriam as pessoas que mais contribuíram para tanto. O certo é que a observação da festa na atualidade – pelo menos desde a virada do século XXI – mostra três alterações consideráveis: o abandono dos cantos na língua da costa; atribuição de maior importância aos festeiros eletivos e à princesa Isabel, em detrimento das coroas congas e perpétuas; e a disseminação da amarração.

Idioma outrora disseminado nas senzalas da região e hoje restrito a poucos falantes, a língua da costa tem base gramatical simplificada do português e vocabulário predominantemente de línguas bantas. A simplificação gramatical nota-se, principalmente, nos tempos verbais – sendo comum o uso do infinitivo ou da 3ª pessoa do singular para todas as pessoas da conjugação do verbo – e, na sintaxe, na tendência a não marcar o plural do substantivo no sintagma nominal – os menino(s), as casa(s) – o que, aliás, extravasa para o português do Brasil (PESSOA de CASTRO, 2012). Esse idioma era presente em várias comunidades negras, algumas remanescentes de quilombo, em alguns casos na forma de dialetos locais, variando de acordo com sua composição.

Sua origem pode ter relação com o estabelecimen-

to de uma língua franca no início do comércio transoceânico de escravos no Atlântico Sul, dominado pelos portugueses. Segundo Thornton (2004), a situação de muitas línguas em contato, dessemelhantes em estrutura e vocabulário, tem como resultado mais provável o desenvolvimento de uma língua franca, para que cada falante só precise aprender uma segunda língua para se comunicar com os outros. E isso aconteceu, especialmente, na colonização portuguesa das ilhas de São Tomé e Cabo Verde, com grande importação de africanos escravizados da região do Congo / Angola.

Consta entre os congadeiros mais antigos que Zé Gominho, embora famoso benzedor e curador e muito respeitado como entendido nas coisas do reinado, sendo de origem portuguesa, era contrário à realização de cantos na língua da costa, que ele não entendia. Esse fato pode ter relação com a descontinuidade desses cantos em Itapecerica, mais preservados, por exemplo, nos congados e nas cidades vizinhas de Oliveira e Bom Despacho.

A instituição da personagem representando a princesa Isabel e, especialmente, o cortejo, instituído em 1962, com todos os ternos, na manhã do domingo, revela uma mudança na relevância dos segmentos sociais que passaram a tomar parte na festa. Este cortejo termina com a encenação dos trabalhos e castigos do período da escravidão e a leitura, pela princesa, da Lei Áurea. O primeiro número da revista *O Tamanduá Desa-*

parecido – de agosto de 2012 –, dedicado integralmente ao “Grande Reinado do Rosário de Itapecerica MG”, enfatiza a figura da princesa Isabel. O periódico lista todas, com o nome dos pais, fotos, e breve descrição da festa no ano. Esse destaque dá bem a dimensão do sentido dessa mudança; o que as poses das fotos mais recentes confirmam. A publicação lista ainda boa parte dos reis eletivos a partir de 1948, algumas pessoas responsáveis pela confecção dos vestidos usados e pelo enfeite das coroas e, para o período mais recente, também pela maquiagem.

Do lado dos congadeiros, apresenta, com fotos, os principais capitães da festa da cidade no período da retomada e nomeia dançadores do moçambique, do marinheiro, do vilão e do catupé, sem, contudo, especificar a época daquela formação. Apresenta também, com fotos, senhoras que atuaram durante anos na encenação das “tristes cenas da escravidão”. Sintomaticamente, porém, nomeia e mostra a foto de apenas três rainhas congas. Uma delas, no entanto, na qualidade de excelente cozinheira e na página dedicada aos almoços. Outra, Dona Marcelina, que é rainha conga na Boa Viagem, como rainha perpétua e na página que trata da cena da escravidão, da qual participa, juntamente com Dona Esmeraldina. Nenhuma menção às demais rainhas ou reis congos. Nenhuma menção aos reis e rainhas perpétuos. E, em duas fotos da princesa Isabel em que as duas mucamas que as ladeiam são perfeitamente reconhecíveis

e identificáveis, essas crianças negras tampouco são nomeadas.

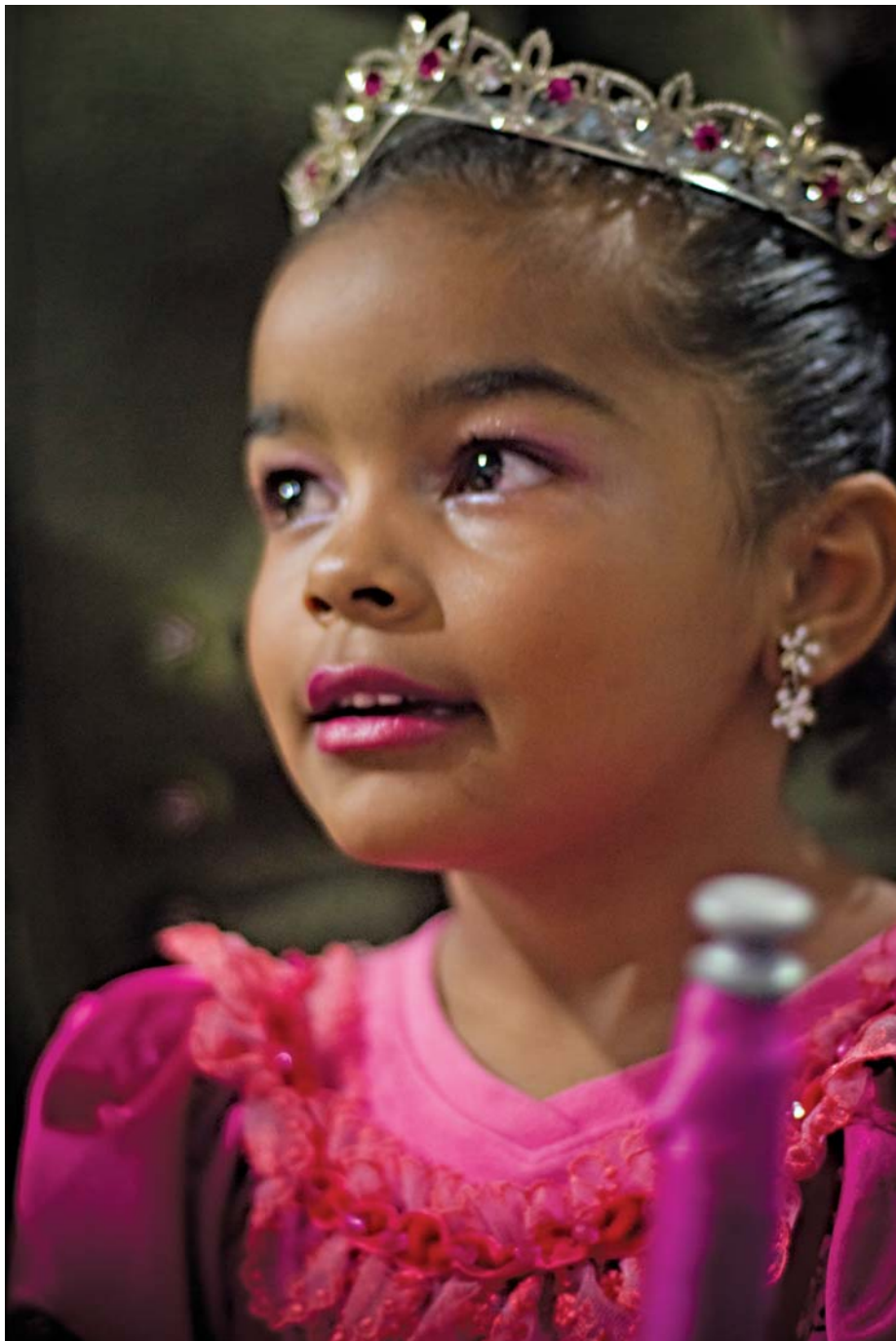
Embora seja uma percepção conservadora, que oblitera a participação ativa de ex-escravos, libertos e mesmo negros e mulatos livres na luta pela abolição, as homenagens à princesa Isabel em alguns congados têm seu sentido relacionado aos significados já mencionados da realeza africana: nos festejos da abolição, os negros comemoraram, em quase todo o país, a restituição, pela rainha, da harmonia e do equilíbrio natural, marcando a mudança do tempo em que o mundo estava torto – tempo do cativeiro – e que a rainha endireitou, concedendo a liberdade. Por que essas homenagens foram incorporadas em Itapeçerica 74 anos após a abolição e por que elegeram a figura de uma jovem para representar uma personagem histórica que, nascida no dia 29 de julho de 1846, tinha 42 anos incompletos em maio de 1888 e era mãe de três filhos, o mais velho com 12 anos e o mais novo com 7, já não é tão claro.

A descaracterização do sentido da festa pelo “desfile de moda” – a importância crescente dos trajes e maquiagem – é reverberada na tendência de vários capitães de cantar para agradar os reis eletivos, que dão sustentação material à festa e amarram os ternos com dinheiro. Nesse contexto, sendo mais negros, mais velhos, menos escolarizados e não raros menos favorecidos economicamente, os moçambiqueiros vivem às vezes a situação esdrúxula de não serem prestigiados na festa da qual são o principal esteio. Recentemente, uma jovem representando a princesa Isabel se recusou a ser conduzida pelo Moçambique, que seria, a seu ver, um terno de gente velha e desanimado. De outra feita, uma rainha da coroa grande chegou atrasada no local de onde seria levada ao convento. Preocupada com o horário e com o fato de os demais reis e rainhas estarem aguardando no convento, o capitão-

mor solicitou ao Moçambique, que também já estava de prontidão há algum tempo, que a levasse imediatamente. O Moçambique formou e começou o cantório para cumprimentar e retirar a rainha. A festeira, entretanto, ocupada com sua sessão de fotografias, ignorou o movimento do terno. Sem outra opção – pelo menos minimamente polida – o capitão resolveu parar o cantório e aguardar a rainha se prontificar a sair, o que gerou tensões no terno e deste com a diretoria da festa. Esta, entretanto, limitou-se a reclamar do e com o Moçambique, mas não tocou no assunto com a rainha.

A professora Leda Martins, rainha perpétua de Nossa Senhora das Mercês do Jatobá, em Belo Horizonte, preocupada com a discrepância entre a riqueza da tradição e as dificuldades sócio-econômicas do povo dos congados, propõe que, para enfrentar esse momento em que “os fundamentos estão modificando muito” é preciso o fortalecimento do negro nos níveis cultural, social, econômico e político. E afirma: rainha de reinado não é fantasia.

Essa afirmação remete às diferenças no entendimento do termo “vestir” em Itapecerica; forma simplificada significando vestir de rei ou de rainha no reinado como festeiro, ou seja, rei eletivo. A família de Tonho Pretinho tem muita tradição na festa. Seu avô era capitão-mor da festa dos Lameus, seu pai, Geraldo Nascimento, foi o primeiro rei congo da festa da Boa Viagem e seu tio, Bastião Preto, levantou o Moçambique hoje sob comando de Tonho. E sempre alguém da família veste na festa da Boa Viagem, inclusive filhos e netos de uma irmã e de um irmão de Tonho Pretinho que moram em outras cidades, mas vêm para a festa todo ano.



V A minha família tem muita fé. Nós tem aquela fé com a Nossa Senhora do Rosário e Senhora Aparecida. Meu pai era rei congo desta festa. Ele que ajudou a fundar esta festa. Então, não é nem um nem dois. Envém de geração. Todo ano um da minha família serve a Nossa Senhora do Rosário com fé. //

Tonho Pretinho

V Foi uma promessa de vestir a Vitória de princesa de Nossa Senhora Aparecida, em agradecimento pela interseção dela. Meu pai estava para aposentar, tentando arrumar os papéis. E não conseguia e demorava muito.

Não pode perder a fé. Tem que pedir e esperar que a graça venha. Pode demorar, mas ela vem. Porque Nossa Senhora Aparecida é a mãe, a madrinha, rainha. Tenho muita fé com ela. //

Fernanda





TINICO

V Eu tive uma hérnia de hiato, que é na boca do estômago. Aí eu passei mal. De tanta dor fui internado. Aí eu fiz essa promessa: “se for uma coisa grave, se tiver que operar, eu vou vestir de rei 3 anos”. Operei, Nossa Senhora me ajudou e, graças a Deus, não tive mais nada. Eu fiz essa promessa pra eu sair de rei de São Benedito 3 anos, aqui na Boa Viagem. E já vai pra oito anos que eu carrego essa coroa, porque hoje pra achar um festeiro assim que goste é difícil.

Lá na cidade, eu já sou rei perpétuo. O rei perpétuo, ele que manda a festa. Nós que somos obrigados a fazer a troca da coroa do rei e da rainha da coroa grande do próximo ano. Porque o rei grande é um ano só.

Meu pai era rei perpétuo. Antes era o primo do pai. Ele faleceu, passou pro meu pai. Antes dele morrer, ele já falou: “essa coroa não sai da família!” Porque nós já podia ter entregado a coroa. Aí é todo ano. Eu saio, meus outros irmãos, meus sobrinhos. Não pode sair da família. //

Tinico

Tinico, que é rei perpétuo de São Benedito na festa da cidade, saiu durante 8 anos como rei eletivo de São Benedito na festa da Boa Viagem. E suas explicações corroboram a concepção de Tonho Pretinho.

A ideia de servir a Nossa Senhora comparece ainda na percepção de Dona Nenzinha a respeito do sentido de participar do terno de Moçambique.

Hoje tô trabalhando pra Nossa Senhora. Porque eu não falo dançar não. Eu trabalho pra ela de ano em ano com fé, com gosto e alegria. E acho muito bom. Quando às vezes tá terminando, eu sinto aquela tristeza, mas passa. Depois vem mais //

Dona Nenzinha

As passagens supracitadas da princesa Isabel e da rainha da coroa grande mostram que vestir de rei ou rainha não significa necessariamente servir a Nossa Senhora do Rosário com fé, e menos ainda partilhar da cosmologia que engendrou a festa; cosmologia presente ainda, em grande medida, no Moçambique do Tonho Pretinho. As diferenças podem ser tão grandes a ponto de participantes dos mesmos rituais, na mesma hora e local, vivenciarem festas distintas. As diversas guardas, reis eletivos e reis congos e perpétuos, padres e grupos ligados à instituições religiosas, personalidades políticas, cada grupo confere um sentido distinto para

os rituais da festa, de acordo com sua visão do mundo e seus interesses. Em razão disso, boa parte do que é aqui relatado a respeito da atuação e experiências junto à guarda de Moçambique simplesmente não existe ou não faz sentido para muitas guardas, festeiros e outras pessoas que acompanham a festa.

A convivência de instituições, catolicismos e grupos sociais tão distintos na festa é constitutiva dos reinados. Deste modo, o congado – compreendido como forma social segmentada que inclui os vários ternos – não pode ser nem reduzido nem confundido com a festa, que é algo mais amplo (COUTO, 2003, p. 216). É importante não perder de vista, ainda, as assimetrias e tensões presentes nestas relações constitutivas dos reinados: para além de uma vivência de cosmologias e realidades distintas – entre reis eletivos e integrantes do Moçambique, por exemplo – vige, historicamente, um preconceito dos estratos sociais mais elevados (e geralmente branco) contra práticas circunscritas à parcela pobre e negra da população (VIANA, 2014).

Nesse contexto de várias festas na festa, o Moçambique do Tonho Pretinho se alinha às tradições mais antigas do Rosário, às origens da festa. Neste sentido, este terno é só aparentemente semelhante às demais guardas. As festas de reinado de Nossa Senhora do Rosário na região mantiveram, em alguma medida, cantos, danças, ritmos e melodias tradicionais, apesar das tendências de descaracterização já mencionadas: impor-

tância exagerada dos trajes dos reis eletivos, – o desfile de moda; cantório voltado quase exclusivamente para agradar reis eletivos, geralmente de fora da comunidade congadeira, inclusive adaptando, em alguns casos, letras de pagodes, axés ou canções sertanejas, aproximando os ternos de reinado a um bloco de carnaval.

O distanciamento da tradição é mais frequente nos ternos formados por congadeiros mais jovens, que têm, geralmente, mais contato com a cultura veiculada pela mídia e maior escolaridade que os integrantes do Moçambique do Tonho Pretinho. Alguns desses ternos costumam fazer mais sucesso com os reis eletivos, que, em muitos casos, também não têm vínculos com a origem africana da tradição e desconhecem, em grande medida, os sentidos espirituais originais da festa.

A resultante desses vetores é que os versos cantados nos cortejos pelos capitães vão também se distanciando da tradição. Isso vale tanto para os versos novos que vão sendo criados como para o conhecimento do sentido de boa parte dos versos antigos. A maioria dos capitães em atividade – vários deles jovens – são sinceros devotos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, bons músicos e cantores e, especialmente, grandes repentistas, mas foram perdendo ou sequer chegaram a ter o conhecimento dos fundamentos do Rosário.

Fé e festa popular, no Brasil, são praticamente sinônimos, indicando uma permanência das concepções barrocas na nossa cultura. As festas são, no geral, alegres, coloridas e

vibrantes, sem prejuízo de sua solenidade e de sua aura de sacralidade. E isso é especialmente válido para a forma que os congados adquirem no decorrer do século XIX.

Marcando os momentos de descontração nos congados, são comuns desafios entre capitães de um mesmo terno por divertimento. Este tipo de desafio difere do “ponto” (de demanda), que é uma provocação lançada geralmente a um capitão de outro terno, motivada por alguma querela entre eles. Além disso, há o ponto cantado para uma entidade.

Tradicionalmente, os cantos para puxar reis e rainhas costumavam ser solenes, não se admitindo brincadeira ou gracinhas. Aqui e acolá, admitiam-se outros cantos quando os ternos se dirigiam para um almoço ou à casa dos reis, mas ainda não estavam puxando a coroa. A amarração do terno – seja por reis congos e perpétuos, por festeiro, ou ainda pessoas do público –, normalmente, muda isso. Enquanto a pessoa que amarra o terno mantém o pé sobre a nota, o capitão – ou dois capitães em desafio – introduzem elementos jocosos no canto, saudando e enaltecendo aquela pessoa e, por fim, pedindo autorização para pegar a jóia do capitão – que é distinta da jóia que os reis dão para a festa, pois fica com o terno – e, com isso, liberar o cortejo amarrado.

Embora alguns integrantes do terno de Moçambique sejam apreciadores e praticantes da amarração, o “núcleo duro” do terno não a aprecia, alguns chegam mesmo a abominá-la.

As coroas conga é as coroas dos negos. É a maior. No meu ver, quer ver eu ter felicidade na minha vida é o sujeito chegar perto de mim, igual uma vez lá no convento: “olha, Pretinho, você puxou a coroa grande ontem, você não se incomoda de levar as coroas perpétuas, não?” Falei: “foi o prêmio melhor que você me pôs na minha mão”. Porque tem nego que até briga por causa das coroas grandes. É o caso que a Lena falou, por causa de dinheiro. Oh, eu não. Eu brinco porque eu tenho fé. Eu não brinco pelo dinheiro. Se não amarrar é até melhor. Eu não brinco pra fazer boniteza, pra ganhar prêmio. Eu brinco porque tenho fé. Onde é que as proteções divinas me abençoam. Todo lugar que eu vou, louvado seja Deus, a luz do Espírito Santo me ilumina que eu saio bem.

Tonho Pretinho e Dona Lena

Quando eu era novo, ninguém ligava pra esse trem de amarração não. Tinha, mas ninguém ficava interessado. Hoje virou comércio. Uma esganção por causa da esmola que dá no chão ali. Aí onde eu tô desanimado é nisso. Eu tô dançando pela Nossa Senhora do Rosário. Eu tenho fé demais na Nossa Senhora do Rosário. Tô com saúde. Tenho meu serviço. Tá faltando nada pra mim. Pra que eu vou pegar dinheiro? Aqui eu tô pela diversão e com fé.

Cicinho

É praxe na festa os reis darem um “passaporte” para o terno que vai buscá-lo em casa ou levar do convento para o palanque. É plausível que a forma atual da amarração derive daí. A análise comparativa com o jongo e com relatos antigos de outras festas leva a crer que a amarração fosse originariamente ligada a disputas de versos – amistosas ou nem tanto – entre aqueles capitães detentores de um dom espiritual, daquela faculdade de comunicação com o mundo das entidades e divindades, característicos de sua ligação com a ancestralidade africana.

O capitão Julinho (Júlio Antônio Filho) conta um caso de amarração em festa de reinado que presenciou quando menino. Ele é de 1940, então o caso deve ter se dado no final da década de 1940 ou início de 1950, na área rural de Perdões – MG. O caso envolve Timóteo, um dos fundadores do moçambique hoje sob seu comando, e Maria Tundá, negra forte nas rezas, benzeções e curas, que cantava eventualmente de capitã; ambos remanescentes do tempo da escravidão.

O caso se deu numa alvorada de uma festa que seu avô e seu pai faziam no Retiro dos Pimentas (município de Perdões). Era madrugada do domingo. Sua mãe havia levantado bem cedo e arrumado a meninada para ir a pé da Fazenda Cata Branca até o local da festa, com o intuito de chegar a tempo de pegar o café oferecido pela rainha conga. Atravessaram um pequeno córrego e seguiram no trilho que beirava um mato. Naquela hora da madrugada, era comum ter uma cerração muito forte. Assim, o grupo,

de repente, deu de cara com o velho Timóteo parado no trilho, saco nas costas, mexendo com o bastão no chão e olhando com atenção para alguma coisa em baixo. Sua mãe parou e a meninada também. A mãe esperou um tempo. Timóteo percebeu o movimento, virou-se e viu quem era. Sua mãe tomou a benção e pediu licença para passarem. Timóteo pediu para eles passarem fora do trilho para não pisar em um caramujo, que era em que estava reparando com tanta atenção.

Era ainda bem cedinho quando a turma chegou na casa da rainha conga e tomaram o café da alvorada. Por volta de nove horas da manhã, chegou o velho Timóteo, em seu passo lento, arqueado. Quando ele chegou, o terno já estava formando dentro da casa e batendo para sair. Timóteo chegou, pediu licença, entrou no meio do terno e logo levantou o bastão, pedindo para parar a cantoria. E falou pro capitão:

– Eu saí lá do *injó*, saltou *maza*. Chegou na beira de *senge*, topou pai pequeno com tapo no *cacunda*. Que coisa será?

Timóteo propôs um ponto que precisava ser desatado para a cantoria poder continuar. Embora o ponto traga alguns termos bantos, que marca a presença da língua da costa na região, todos eram de conhecimento geral entre os integrantes do terno. *Injó* significa casa, vem do quimbundo *njo* ou do umbundo *onjo*. *Maza*, água, em quicongo. *Senge* é mato e vem do termo umbundo *usenge*. *Cacunda*, que é termo amplamente incorporado

ao português do Brasil, significa costas e vem do quimbundo *kakunda*, corcova (LOPES, 2006). Os integrantes do terno, no entanto, pensaram, pensaram, mas ficaram meio calados, pois não estavam sabendo o que era aquilo. Nisso, Maria Tundá, saiu do terno e foi lá fora no lugar onde tinham acendido uma fogueira na porta da casa para passar o café. E começou a mexer e virar a cinza. Vô Zé Izar, outro fundador do terno, perguntou a ela: “que que a senhora tá fazendo aí na cinza”. Ele pensava que ela havia perdido alguma coisa e estava caçando. “Não, meu filho, tô caçando o ponto que o Timóteo mandou”. E continuou revirando a cinza.

Nisso, todo mundo quieto dentro da casa, Timóteo, em pé, encostado numa parede, bastão na mão, Maria Tundá veio pra dentro da casa. Entrou no terno e pediu licença a eles se podia bater. Timóteo olhou bem nela e falou que podia. Ela bateu o apito na boca, sapateou girando uma saia rodada e cantou, respondendo pra ele que era uma lesma com o caramujo nas costas que ele tinha visto de manhã, na hora que vinha pra festa.

Tundá deu a Timóteo a resposta. Parou, ofereceu o bastão e perguntou se ele queria cantar. Ele falou que não. E como a charada, em princípio, era dirigida aos capitães, apenas lhe disse: “é nega, do lado que gente não espera é que vem”. Desamarrado o ponto, o terno voltou a bater para terminar o fechamento e sair pra rua.

Na passagem, é interessante notar a ênfase que o capitão Julinho dá ao fato de Timóteo estar carregando

um saco nas costas; saco usado para carregar o que fosse precisar na festa. E o caramujo carrega a própria casa nas costas. Também é bastante frequente, nos cantos dos moçambiques a referência a vir devagarinho, com bastão na mão e a mala na cacunda. É, talvez, uma referência ao fato de ter à mão o que for preciso, estando, portanto, preparado para qualquer necessidade ou adversidade. Neste caso, a relação seria também com o fato de trazer seu conhecimento, seu dom e seu poder.

Esse é justamente o caso do africano escravizado, que é trazido para a América apenas com a (pouca) roupa do corpo, mas traz em suas lembranças e memórias um modo de ser e de ver o mundo. Neste sentido, vem logo à mente a composição “Pau de arara”, de Guio de Moraes e Luiz Gonzaga, que fala do nordestino que migra para o sul, com os poucos pertences num saco. Estes poucos pertences, entretanto, são os instrumentos e os ritmos que permitiram à Luiz Gonzaga alçar-se, no Rio de Janeiro, à condição de rei do baião:

***Quando eu vim do sertão / seu moço, do meu Bodocó /
a malota era um saco / e o cadeado era um nó***

Só trazia a coragem e a cara / viajando num pau-de-arara / eu penei, mas aqui cheguei

Trouxe um triângulo, no matulão / trouxe um gonguê, no matulão / trouxe um zabumba dentro do matulão

Xote, maracatu e baião / tudo isso eu trouxe no meu matulão

A referência a trazer a mala na cacunda no sentido de possuir um poder especial – de comunicação com o outro mundo – é reforçada pelo capitão Julinho quando ele arremata o caso afirmando que o povo que veio da África “era quase tudo feiticeiro”.

A amarração com o sentido de propor um ponto – uma charada em linguagem cifrada e restrita aos iniciados – para os companheiros decifrarem, desatando ou desamarrando o nó que havia sido dado, está documentado também no jongo, manifestação afro-brasileira com algumas semelhanças com o o congado, notadamente o candombe. Slenes (2007) mostra que é considerado um jongueiro “cumba” aquele capaz de, numa roda de jongo, propor ou decifrar um ponto. O termo vem do quicongo *kumba*, rugir, e/ou *kúmba*, fato miraculoso, prodígio, e associa o jongueiro cantador ao feiticeiro. Associação ainda mais forte quando se trata de um macota, homem de prestígio e influência pela idade, saber ou riqueza, do quimbundo *makota*, plural de *dikota*, mais velho, maioral.

Aqui releva notar a importância da palavra como símbolo criador, como energia que gera e cria dimensões e realidades novas entre os africanos, notadamente os bantos. Por meio da palavra se estabelecem também pactos e alianças, inclusive com as forças divinas e espirituais. Citando os estudos do padre Mongameli Mabona sobre os Nguni, nação banta da África do Sul, Nei Lopes (2006, p. 160) afirma que, em nguni, os ter-

mos *igama* (nome) e *ilizwi* (som, voz, fala) significam antes de tudo “força”.

A apresentação de alguns termos jongueiros feita por Robert Slenes (2007) – a partir do glossário elaborado por Maria de Lourdes Borges Ribeiro em *O jongo*, publicado em 1984 – ajuda a elucidar alguns versos do congado que têm relação com o poder da palavra cantada. Segundo este glossário, boiada são os pontos cantados. Carreador – os caminhos nas plantações de café, milho etc. – é a linha do jongo, isto é, seu fio condutor, seu argumento, implicitamente com sua seqüência de pontos. Candeeiro – o trabalhador que vai na frente da boiada, indicando-lhe o caminho – representa o jongueiro guia, o que puxa o jongo.

Para exemplificar o glossário, Borges Ribeiro apresenta um canto de demanda registrado em Cachoeira Paulista, na década de 1950:

Eu pegou minha boiada / e botou no carreador / por falta de candeeiro / boiada esparramou

O sentido do canto apresentado é que o jongueiro colocou os versos, mas por falta de companheiros à altura, que soubessem desatar os pontos, o canto não prosseguiu.

É documentada também uma variação do glossário acima em que o cantador de jongo é tratado por carreiro. Slenes (2007) refere um canto recolhido por Stanley

Stein em Vassouras, em 1948, em que este sentido é patente:

Aê mestre carreiro / que você vai se atrapalhar / larga de pegar boi / vou cangar meu marruá

Neste jongo, cangar meu marruá – touro bravio, violento – indica que o jongueiro que está cantando afirma ser mais poderoso e lançar pontos mais perigosos do que seu adversário na demanda.

O termo carreiro no sentido de cantador de jongo comparece ainda em versos muito disseminados como:

o regalo do carreiro / é ver o carro cantar

ou:

carreiro que tomba carro / não pode mais carrear

No segundo exemplo, temos que o jongueiro que não consegue manter seu canto, seus pontos, na linha estabelecida – no carreador, no trilho – não pode seguir no canto. Este sentido presente no jongo apareceu em um canto do capitão Olivério durante o fechamento de seu terno de moçambique, no reinado de Itapecerica, em agosto de 2004.

Como vimos acima, o fechamento do terno – quando ele se prepara espiritualmente para sair na rua – é um

dos momentos em que o poder dos capitães do congado é acionado. Em 2004, o capitão Olivério já estava um tanto debilitado e delegou o fechamento do terno a seu segundo capitão, Geraldinho Palmira. Geraldinho, entretanto, cantou um ponto para um capitão visitante, Zé Aníbal, porque este preferia deixar para ajudar no cantório uma vez na rua, se abstendo de cantar no ritual da saída. Provocado pela insistência do Geraldinho, Zé Aníbal resolveu, então, participar do cantório do fechamento.

Inicialmente, fez uma ríscita invocando a proteção de São Benedito, que também tem um papel muito importante na tarefa de lidar com o mal e mantê-lo afastado, deixando a corrente do moçambique protegida:

São Benedito fecha sete portas / São Benedito abre sete portas / São Benedito abre sete cadeados / São Benedito tem sete chaves / São Benedito feche nosso corpo / São Benedito jogou chave fora / A pois eu quero saber, ai meus irmãos / Quem vai achar ela aqui agora?

Em seguida, fez a seguinte embaixada, emendando num canto de moçambique:

A irmandade do rosário / vamos nós cantar bonito / pra louvar Santa Ifigênia / e também São Benedito Ô moçambiqueiro / segura o que tem / mistério do céu

/ se espera que vem

De Joelho se espera que vem / mistério do céu / se espera que vem / de Joelho procura lugar / olha capitão procura lugar

E, simulando um diálogo ríspido – como aconteceu num ponto de demanda – respondeu as provocações de Geraldinho, afirmando numa embaixada que faz jus ao bastão que carrega:

Ô capitão / capitão olha eu tava calado / se tava calado porque que não fala / quem quer matar cobra carrega bengala (capitão Zé Aníbal, Reinado do Rosário de Itapeçerica – MG, CD “dos mistérios”, faixa 10).

Percebendo a troca de farpas entre os capitães e ciente dos danos que isso poderia causar ao equilíbrio espiritual do terno, o capitão Olivério reassumiu o fechamento, inicialmente com uma embaixada:

Ei Benedito / sua porta tá fechada / você fechou a da frente / atrás ela deu risada

Com essa porta fechada / meu gado não sai da invernada / a minha invernada é capim grande / por isso mesmo eu quero me engordar boi / Benedito ir, benedito foi

Nesta embaixada, Olivério afirma seu poder de criar

os versos apropriados – bois – (meu gado não sai da invernada / a minha invernada é capim grande) e de consertar o canto (por isso mesmo eu quero me engordar boi) e conclui, no ritmo do moçambique:

Tá no tombador, tá no tombador / meu carro saiu da estrada / tá no tombador (capitão Olivério, Reinado do Rosário de Itapecerica – MG, CD “dos mistérios”, faixa 11. Áudios disponíveis em www.robertocorrea.com.br)

Nesses últimos versos, o capitão Olivério afirma justamente que a linha correta do canto para o fechamento do terno tinha sido perdida.

A capacidade de apresentar os versos corretos e apropriados para cada ocasião e função ritual da festa é também apresentada por Tonho Pretinho com a mesma metáfora do carreiro:

Eu mandei fazer meu carro / com madeira de aroeira / se meu carro não cantar / não carrego mais madeira

E, além da relação dos termos carro e carreador com caminho ou, mais explicitamente, com o trânsito e comunicação entre o mundo físico e o dos espíritos, divindades e ancestrais, nesses versos o capitão de moçambique sustenta que sabe o que está fazendo, pode garantir que os versos são pertinentes e bem feitos,

tanto na melodia, como na métrica e na rima – comparados à aroeira, madeira boa e resistente – e que, do contrário, ele preferiria, antes, largar o ofício.

A plausibilidade de a amarração em Itapecerica também ter sido originariamente ligada a disputas de versos entre capitães detentores de um dom espiritual, de uma força intimamente ligada à ancestralidade africana e que se expressa na faculdade de comunicação com o mundo das divindades, espíritos e ancestrais é corroborada ainda pelos versos cantados por Laci Rosa Silva e Luís Carlos Santos Vieira, do vilão de Santa Ifigênia, num desafio amistoso e levado na brincadeira no contexto da gravação do CD Reinado do Rosário de Itapecerica MG:

***E eu sou um preto velho / vivo pisando em macega / cascavel é perigoso / dá um bote e não me pega
Pois ele tá cutucando / que que havemos de arrumar / tem cuidado companheiro / com o bote que a cobra dá
Quem tem telhado de vidro / cuidado quando apedreja / sou uma cobra urutu / quando não mata, aleja
Pois eu falo com certeza / eu não quero enganar / urutu de cruz na testa / eu mato só no olhar*** (CD da festa, faixa 21)

O relato de Dona Josefa Cunha, de Niquelândia, Goiás, a respeito de um antigo dançador de congo de Santa Ifigênia – benzedor e conhecedor de ervas

e raízes – vai no mesmo sentido desses versos. Procurado para salvar alguém ofendido de cobra, por exemplo, este senhor ia até a sombra de uma árvore e, rezando, “desmarrava” o que de ruim houvesse, e a cobra, onde quer que estivesse, morria na hora. A pessoa se curava e não sentia mais nenhum sintoma da picada. Deste senhor se dizia também que matava cobra só no olhar, o que pode ser entendido como uma referência ambígua que tanto pode ser ao próprio animal como a uma alegoria da potência maligna. Num ou noutro caso, resta patente o correspondente poder do capitão de suplantar o mal, seja ele físico ou espiritual.

Relatos sobre o poder dos capitães antigos são também frequentes em Itapeçerica. São capitães que colocam outro terno pra andar em círculo, sem conseguir dar seqüência a seu cortejo, que fazem outro capitão dormir ou andar a pé na linha do trem até Lamounier, sem se dar conta. Cicinho narra um desses casos, acontecido com Zé Sabino, meirinho do antigo catupé do Humberto d’Alessandro. Ele mesmo, entretanto, adverte: às vezes, quando fala, a pessoa não acredita, acha que tá mentindo, que o cara não fez aquilo.

O terno do Humberto, irmão do Geraldo Porco Preto, vinha pra força e não chamou ele não. Ele era o meirinho do terno. Gostava de arrumar muito bem arrumadinho. Gostava de um espelho. E eles passaram pela casa dele, mas já tava atrasado: “ah, vamos embora, depois ele vai”. Aí, logo na frente, tem uma ponte. Quando o terno chegou lá, tinha um punhado de cascavel. E o Humberto não sabia desmanchar aquilo, o capitão. E tudo enrolado, batendo chocalho. Enquanto ele não chegou, eles não passou. Aí ele chegou e falou: “uai, mas vocês não me esperaram. Por que vocês tão parados aí?”. Aí eles falaram: “não tem jeito de passar aqui não, olha lá”. “Pois é, mas a pressa que vocês estavam pra ir lá pra baixo. Isso aí não é nada não”. Aí chegou com o bastão dele, fazendo assim [movimento de enxotar as cobras] e sumiu tudo.

Cicinho



O contato cada vez mais estreito com Tonho Pretinho e Dona Lena, Deco e outras pessoas que integram este Moçambique nos foi revelando o quanto elementos da cosmologia dos congados, dessa espiritualidade, estão presentes cotidianamente e não apenas no espaço-tempo das festas. Caboclos, pretos velhos, os *conjuntos* que ajudam na constituição da amargosa do terno, fazem parte da vida, do dia a dia, aconselhando, protegendo. Extrapolar o calendário festivo e conviver no cotidiano com estas pessoas nos levaram a uma compreensão de que existe uma espiritualidade, uma forma de estar no mundo, maior e mais abrangente que os sentidos e significados das etapas rituais da festa.

A relação perene entre entidades e seres humanos vivos permite, inclusive, que, fora do espaço-tempo das festas, os primeiros tragam cantos para serem executados nos próximos reinados.

Em uma das vezes que acompanhamos os capitães Tonho Pretinho e Deco ao Rosário Velho, Pai Benedito, após solicitar o canto de seu ponto – Pai Benedito é preto, sá dona / Ele mora no roseiral / Ele é preto e tem coroa, sá dona / ele é chefe de Congado –, ensinou dois novos cantos para o Moçambique:

A senhora do Rosário / quem me trouxe aqui / as águas do mar é santa / eu vim, eu vim, eu vim

e

Na Angola tem / na Angola tem / olha que beleza / na Angola tem

Este episódio, além de trazer alguma luz a respeito do processo de criação de cantos no Moçambique, problematiza ainda mais as questões relativas aos direitos intelectuais envolvendo criações individuais em manifestações tradicionais, coletivas e difusas, tratadas no livro *Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás: tradição, circulação e criação individual* (RIOS e VIANA, 2015).

Para além dessas situações explícitas de ensinamento de cantos pelos guias, Deco explica que ele sempre

pede pra eles, os pretos velhos e a caboclada, iluminar a nossa cabeça, pôr canto, uns canto bonito, uns verso bonito pra poder cantar para as coroas e louvar a Nossa Senhora do Rosário com São Benedito e Santa Ifigênia.

Deco

A presença, na festa, de cantos ensinados ou inspirados por preto velho ou caboclo dá bem a dimensão de como o universo congadeiro é habitado por outros seres, além dos humanos vivos. Pretos Velhos aparecem também em práticas de benzeção e de aconselhamento, que acontecem fora do período de festa. A esse respeito, é interessante notar que, em vários países da

África subsaariana, é comum as famílias terem um ancestral a quem as pessoas consultam. Esta marca das religiões tradicionais africanas permanece como substrato cultural comum, presente inclusive entre adeptos do islamismo e das diferentes denominações do cristianismo. No caso dos congados – fruto da diáspora africana – santos e pretos velhos assumem muitas vezes a posição desses ancestrais.

Essa centralidade da relação com os ancestrais na vida cotidiana comparece na constituição de muitas guardas dos congados. As relações de parentesco ocupam lugar de destaque em sua configuração, sendo a maior parte delas integrada por pessoas de um ou de alguns núcleos familiares. Além de amigos e vizinhos reunidos numa importante rede social, o Moçambique do Tonho Pretinho é estruturado em torno de quatro núcleos familiares: Tonho Pretinho e D. Lena; Deco e Déia; Dona Nenzinha; e Juranda.

Este livro – com o documentário, o CD e o registro fotográfico – sobre e com o Moçambique do Tonho Pretinho soma esforços pela preservação dos fundamentos da festa, centrada na tarefa – comum aos reis e aos congadeiros – de louvar e homenagear os santos católicos, as forças espirituais, as entidades e divindades e os ancestrais.

Ainda que seja um enclave nas festas, ligado às suas origens africanas, o Moçambique do Tonho Pretinho pode servir de farol para os que quiserem na-

vegar nessa corrente. E apostamos também na constituição de uma rede de apoio mútuo entre outros enclaves e faróis que permanecem, muitas vezes residualmente, nesse contexto de modificações no universo dos congados.

Exaltar as forças e as proteções divinas e ancestrais. Exclusivamente para este fim é que queremos sair pelas ruas: tocando, cantando, dançando e, sobretudo, louvando. Mesmo que a vitória seja incerta, vale lutar pelo que acreditamos. E, de qualquer modo, a ação cumpre a função de manter o Moçambique próximo de sua tradição.



JURANDA



GERALDO
E ANA ELISA



Marcos Vinícius adora. Agora ele tá querendo até pôr farda, pegar um apito. “Vó, me dá um apito pra mim apitar”. E vamos ver se Deus ajuda que continua, né!? Que cria nessa tradição que é do avô. Nessa influência, com essa fé. //

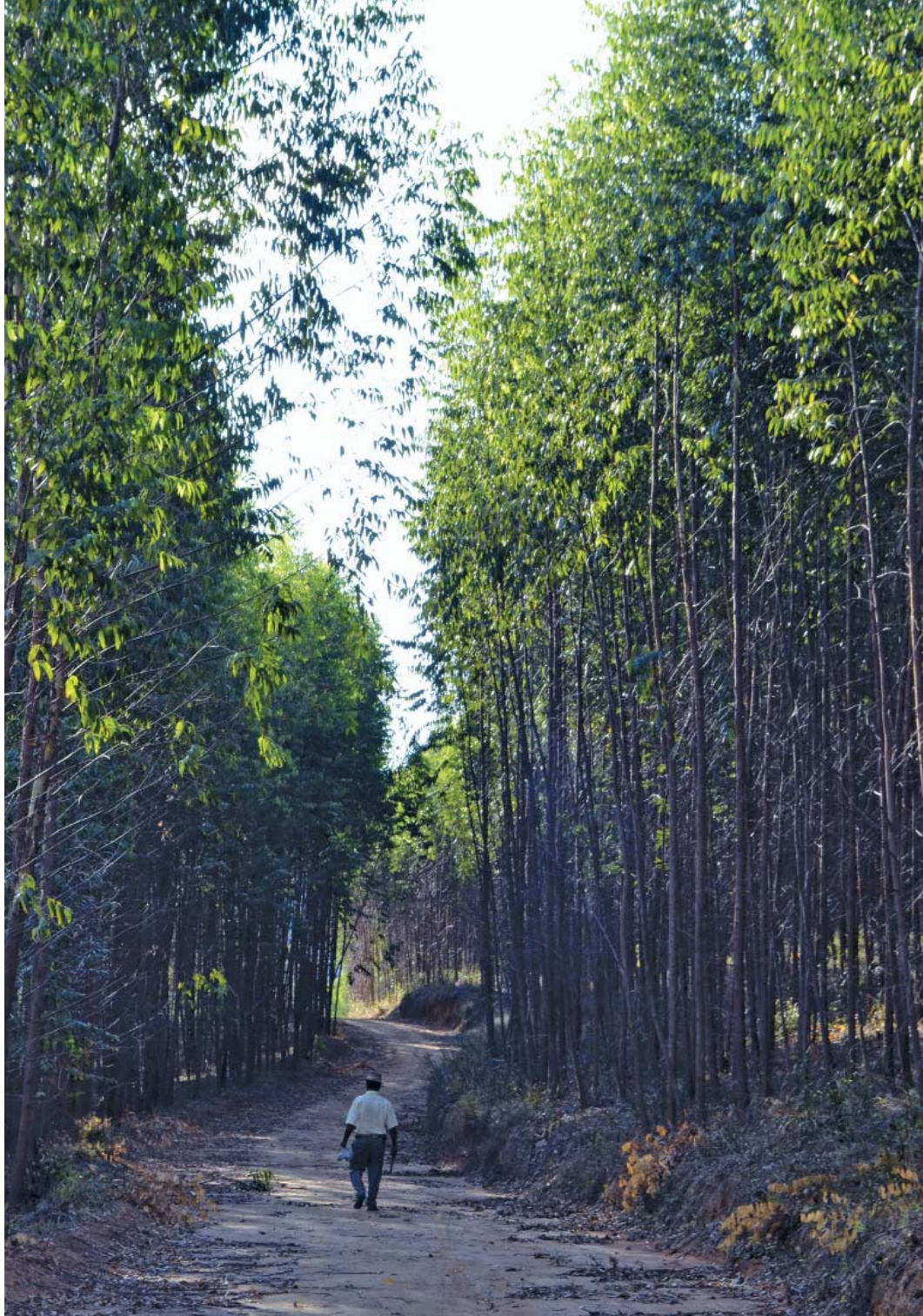
Dona Lena



MARCOS VINÍCIUS

VEntão nós vem tocando essa tradição; a tradição do meu avô, sabe? Que eu venho agüentando, com as forças dos meus irmãos. Quando eu ficar velhinho, eu já falei pra minha esposa que eu vou acompanhar Nossa Senhora nem que seja com bengala. Eu vou até o fim da minha vida, porque eu sou muito agradecido dela. Tem muitas graças que eu já alcancei. //

Tonho Pretinho



Discografia

Cantando e Reinando com os Arturos. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos. 2006.

Congado mineiro. Coleção Itaú cultural - Documentos sonoros brasileiros 1. Acervo Cachuera. Direção de pesquisa de Paulo Dias. Textos de Paulo Dias e Edimilson de Almeida Pereira.

Festa do Rosário - Serro MG. Nas Montanhas Studio. Produção e direção geral de Caxi Rajão.

Festa de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro. Nas Montanhas Studio. Produção e direção geral de Caxi Rajão.

Foi o que me trouxe: Moçambique do capitão Júlio Antônio Filho. Brasília: Viola Corrêa, 2008. Coordenação de Sebastião Rios. Direção musical de Roberto Corrêa.

Irmandade do Rosário de Justinópolis: tambores e vozes que chamam. Grupo A barca. Coleção Turista Aprendiz. Coordenação Renata Amaral. 2007.

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Carmo do Cajuru MG. CD comemorativo dos 120 anos. 2003.

Missa Conga. Moçambiqueiro, 2002. Pesquisa de Vinicius Peçanha.

Os negros do Rosário. Lapa Discos, 1999. Direção de produção e textos, pesquisa preliminar de Titane; pesquisa, textos e fotos de Carlos Rodrigues Brandão.

Reinado do Rosário de Itapeçerica: da festa e dos mistérios. Viola Corrêa, 2005. Coordenação de Sebastião Rios. Direção musical de Roberto Corrêa.

Tambor grande. Produção de Maurício Tizumba

Vídeos, filmes e acervo audiovisual

Cê me dá licença: Capitão Julinho e o congado de Fagundes – MG. Clube do Violeiro Caipira / Gaia Video, 2008. Direção: Wesley Zaremare. Direção musical: Sebastião Rios. Roteiro: Carolina Santos, Sebastião Rios, Talita Viana e Wesley Zaremare.

Dançantes. Festa do Rosário do Serro e de Milho Verde. Poesias sobre a festa e argumento de Adão Ventura. Direção de Elisa Gazzinelli.

Festa do Rosário dos homens pretos / Serro - MG. IPHAN / MinC. 1995. Direção de Rafael Conde. Roteiro de Márcia Nunes, Maria das Dores Freire e Rafael Conde.

Maçambique. Osório RS. UFRGS, 2004.

Ngwenya o crocodilo. Direção de Isabel Noronha. Moçambique / Portugal, 2007.

Registro Audiovisual da Congada de Santa Efigênia de Niquelândia – GO. Museu da Imagem e do Som de Goiás / Universidade Federal de Goiás / FAPEG, 2010. Coordenação de Sebastião Rios. Captação de áudio de Sebastião Rios e Talita Viana. Fotografia de Paulo Barreto.

Santo Forte. Direção: Eduardo Coutinho. 1999. 82 minutos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CsoHSrxtjvo>

Espetáculos

Galanga, Chico Rei. Texto e músicas: Paulo César Pinheiro. Direção: João das Neves. Direção musical: Titane. 2011.

Por cima do mar eu vim. Concepção e direção: Renata Lima. Núcleo de Dança Coletivo 22. 2015.

Fontes históricas

Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Vila de São Bento do Tamanduá, atual Itapecerica – MG.

Compromisso, livros de receita e despesa, de ingresso de irmãos e de termos da mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Serro do Frio. Arquivo da Mitra Arquidiocesana de Diamantina – MG.

Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Paróquia do Pilar. Arquivo da Paróquia do Pilar, Ouro Preto – MG.

Compromisso e livros de receita e despesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Ouro Preto – MG.

Bibliografia

AGUIAR, Marcos. M. de. Festas e rituais de inversão hierárquica nas irmandades negras de Minas colonial. Em: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Org.). *Festa. Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa* v. 1. São Paulo: Hucitec, EdUSP, FAPESP, Imprensa Oficial. 2001, p. 361 – 393.

_____. Tensões e conflitos entre párocos e irmandades na Capitania de Minas Gerais. *Textos de História*, Brasília, v. 2, p. 41-100, 1997.

AHLERT, Martina. *Cidade relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)*. Tese [Doutorado em Antropologia Social]. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes. A formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

ALVAREZ, Gabriel; SANTOS, Luiz. *Tradições Negras, Políticas Brancas: Previdência Social e populações afro-brasileiras*. Brasília: Ministério da Previdência Social – MPS, 2006.

ANDRADE, Mário de. *Música de feitiçaria no Brasil*. São Paulo: Martins, 1963.

_____. Os congos. Em: *Danças Dramáticas do Brasil* tomo 2. Belo Horizonte – Brasília: Itatiaia; Instituto Nacional do Livro, 1982, p. 9 - 105.

ANDRADE JÚNIOR, Adebald de; DELLAMORE, Carolina. *A voz dos tambores: uma história dos Ciriacos – Contagem/MG*. Contagem: Irmandade do Rosário Os Ciriacos, 2015.

ANTONIL, João André. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Paris: Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine, 1968.

ARGUEDAS, José Maria. *Qepa Wiñaq...* siempre literatura e antropologia. Madrid – Frankfurt am Main: Iberoamericana; Vervuert, 2009.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira; EdUSP, 1971.

BENJAMIN, Roberto. *Congos da Paraíba*. Cadernos de Folclore n. 18. 1977.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do santo de preto*. Rio de Janeiro – Goiânia: Funarte; Universidade Federal de Goiás, 1985.
- CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Madrid: Alianza Editorial, 2003 [1949].
- CARVALHO, José Jorge de. A experiência histórica dos quilombos nas Américas e no Brasil. Em: CARVALHO, José Jorge de; ZAMBROTTI, Dória; OLIVEIRA JR., Adolfo Neves (orgs.). *O Quilombo do Rio das Rãs*. Histórias, tradições, lutas. Salvador: EdUFBA, 1995.
- _____. Violência e caos na experiência religiosa: a dimensão dionisíaca dos cultos afro-brasileiros. Em: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *As senhoras do pássaro da noite*. São Paulo: EdUSP; Axis Mundi, 1994.
- CASCUDO, Câmara. *Made in Africa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- COMUNIDADE NEGRA DOS ARTUROS. Coordenação de Glaura Lucas e José Bonifácio da Luz. *Cantando e Reinando com os Arturos*. Belo Horizonte: Ed. Rona, 2006.
- CSERMAK, Caio. *Pro povo é festa, pra gente é outra coisa: cultura popular, raça e políticas públicas na comunidade negra dos Arturos*. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social]. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- COSTA, Élsie Monteiro da. *Balanceia meu batalhão: universo poético-musical dos congadeiros de Atibaia*. São Paulo: Editora do Autor, 2005.
- COSTA, Patrícia Trindade M. *As Raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do Rosário*. Tese [Doutorado em Antropologia Social]. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- COUTO, Mia. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- _____. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- COUTO, Patrícia Brandão. *Festa do Rosário: iconografia e poética de um rito*. Niterói: EdUFF, 2003.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. e notas Sérgio Milliet. São Paulo: Livraria Martins, 1940.
- DIAS, Paulo. *A outra festa negra*. Em: JANCÓS, István; KANTOR, Iris (Org.). *Festa. Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa* v. 2. São Paulo: Hucitec, EdUSP, FAPESP, Imprensa Oficial. 2001, p. 859 - 888.

FERNANDEZ, Rolando A. P. *La binarización de los ritmos ternarios africanos en America Latina*. Ciudad de la Havana: Casa de Las Americas, 1986.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo*. São Paulo – São Luís: EdUSP; FAPEMA, 1995.

FLORENTINO, Manolo Garcia. *Em Costas Negras*. Uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 12. ed., Brasília: EdUnB, 1963.

GIBRAN, Elias; MOYSÉS, Júlia (orgs.). *Percursos do Sagrado*: Irmandades do Rosário de Belo Horizonte e Entorno. Belo Horizonte: Canal C – Comunicação e Cultura, 2014.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. *Reinado do Rosário de Itapecerica*. São Paulo: Associação Palas Athena do Brasil, 1989.

GIOVANNI JÚNIOR, Oswaldo. A mineiridade no modernismo: Aires da Mata Machado e o registro dos vissungos. Em: *Revista Científica Vozes dos Vales*, ano III, n. 06, outubro de 2014.

GOLTARA, Diogo Bonadiman. 'Dá um S na corrente': a rede esotérico-umbandista às margens do Rio Itapemirim. Tese [Doutorado em Antropologia Social]. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras*. Os Arturos. Juiz de Fora: MinC; EdUFJF, 1988.

HEYWOOD, Linda (org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

KARASCH, Mary C. Centro-africanos no Brasil Central, de 1780 a 1835. Em Linda Heywood (org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 127 – 164.

LARA, Sílvia Hunold; PACHECO, Gustavo (orgs.). *Memória do Jongo*. As gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro – Campinas: Folha Seca; CECULT, 2007.

LOPES, Nei. *Bantos, Malês e Identidade Negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

_____. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. *Partido-alto*. Samba de bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MACGAFFEY, Wyatt. *Religion and society in Central Africa. The Bakongo of lower Zaire*. Chicago. The University of Chicago Press, 1986.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória. O reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo – Belo Horizonte: Editora Perspectiva; Mazza Edições, 1997.

MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares no Brasil*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1979.

MUKUNA, Kazadi Wa. *Contribuição bantu na música popular brasileira: perspectivas etnomusicológicas*. São Paulo: 3ª Margem, 2000.

ORTIZ, Fernando. Do fenômeno social da transculturação e sua importância em Cuba. Em: *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Tradução de Livia Reis. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/ortiz/ortiz.pdf>. Texto original de 1940.

PARÉS, Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia*. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 2007.

PAZ, Antônio Carlos Faria; ARAÚJO, Célia Lamounier de; SILVA, Severo Ribeiro da; D'ALESSANDRO, Anielo. O grande Reinado do Rosário: Itapeperica – MG. Em: *O tamanduá desaparecido*, ano 1, n. 1, agosto de 2012.

PAZ, Octávio. *El laberinto de la Soledad*. México: Fondo de Cultura Econômica, 2005 [1950].

PEREZ, Léa; MARTINS, Marcos; GOMES, Rafael (orgs.). *Variações sobre o reinado: um rosário de experiências em louvor a Maria*. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

PESSOA de CASTRO, Yêda. Camões com dendê. Em: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, n. 78, março de 2012.

POEL, Frei Francisco van der. Cronologia da devoção de N. Sra. do Rosário entre os bantos na África, em Portugal e no Brasil, nos séculos XV – XVII. *Revista da Comissão Mineira de Folclore*. Belo Horizonte, n. 20, p. 60 – 75, agosto 1999.

_____. *O Rosário dos homens pretos*. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1981.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo – Belo Horizonte: EdUSP; Itatiaia, 1976.

PRANDI, Reginaldo. *Encantaria Brasileira: o livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco*. A língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

REDINHA, José. *Etnias e culturas de Angola*. Luanda: Edição Comemorativa do XIX Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa; Banco Nacional de Angola, 2009.

RIOS, Sebastião. Cultura popular: práticas e representações. Em: *Revista Sociedade e Estado*, v. 29, n. 3, set. – dez. 2014, p. 791 – 820.

_____. Os cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis. Em: *Sociedade e cultura*, v. 9, n. 1, jan. – jun. 2006, p. 65 – 76.

RIOS, Sebastião, VIANA, Talita; SANTOS, Carolina. A performance do olhar: como e o que viu Pohl na Congada de Santa Ifigênia. Em: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. e VIANNA, Letícia C. R. *As artes populares no planalto central*. Performance e identidade. Brasília: Verbis Editora, 2010.

RIOS, Sebastião, VIANA, Talita. Fotografias de Rogério Neves. *Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás: tradição, circulação e criação individual*. Goiânia: Gráfica UFG, 2015.

RUGENDAS, João Maurício. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1967.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Tradução de Bárbara Sette. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SALLES, Fritz T. de. *As associações religiosas no ciclo do ouro*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1963.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Viajantes em meio ao Império das Festas. Em: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Org.). *Festa. Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa* v. 2. São Paulo: Hucitec, EdUSP, FAPESP, Imprensa Oficial. 2001, p. 603 – 622.

SLENES, Robert. “Eu venho de muito longe, eu venho cavando”: jongueiros cumba na senzala centro-africana. Em: LARA, Silvia Hunold; PACHECO, Gustavo (orgs.). *Memória do Jongo*. As gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro – Campinas: Folha Seca; CECULT, 2007. p. 109 – 156.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil*. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Tradução de Marisa Rocha Morta; Coordenação editorial de Mary del Priore; Revisão técnica de Márcio Scalercio. Rio de Janeiro: Editora Campus; Elsevier, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons negros no Brasil*. Cantos – danças – folguedos: origens. São Paulo: Art Editora, 1988.

VIANA, Talita. *Congados, capitães e curadores: males, proteções e práticas de cura em Itapeceira – MG*. Dissertação [mestrado em antropologia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermão XIV do Rosário. *Sermões* vol. IV. Porto: Lello e irmão, 1951.





BAIO E GERALDO.
FOTO DE VITOR
GABRIEL



DAVI



CAMILA



KEMINHO



WAGUINHO



LUIZ OTAVIANO





JOSÉ



ANA ELISA, MARINA E
VITOR GABRIEL



BAIANO



DARC













Deus Pai

Samba

Chicão

Ai pei-xe gran-de, ai sá ra - i - nha, pois e-le dá é na la - go - a

8 ai já to - mei - a su - a bên - ção ai vou bei - jar san - ta co - ro - a

16 Ó Deus, Deus Pai, o nos - so Deus é po - de ro -

24 so Ó Deus, Deus Pai, o nos - so Deus é po - de - ro - so

Todo mundo tomou bênção

Samba

Tonho Pretinho

To - do mun - do to - mou bên - ção, eu não To - do mun - do to - mou bên - ção, eu

6 *Solo* não Pra pe - le - jar mais co - es - sa gun - ga ei, ai e na paz do Se - nhor, ei ai

Vamos rezar Pai Nosso

Moçambique

Tonho Pretinho

177

Moçambique do Tonho Pretinho

Va - mos re - zar Pai — Nos - so va - mos re - zar A - ve Ma - ri - a

5
va - mos re - zar pra São Pe - dro Nos - sa Se - nho - ra, Es - tre - la da Gui - a

9 *Solo*
Ho - je ve - ja Be - ne - di - to E a San - ta I - fi - gê - nea

13
eu pe - ço por ca - ri - da - de vem fe - char nos - sa cor - ren - te —

Essa gunga foi formada

Samba

Tonho Pretinho

Ve - ja lá São Be - ne - di - to é que vai a - ben - ço - ar pra sa - ir pe - lo

6
mun - do pra fa - zer nos - so Rei - na - do Es - sa gun - ga foi for - ma - da pra pu - xar co - ro -

12
a Es - sa gun - ga foi for - ma - da pra pu - xar co - ro - a

Tá cumprindo promessa

Moçambique

Luiz Otaviano

O pre - to ve - io d'An - go - la e, a - go - ra che - gou a -

4 qui nos pé de Nos - sa Se - nho - ra su - as bên - çãos ve - io pe - dir

9 Tá cum - prin - do pro - mes - sa é de - va - ga - ri - nho

13 tá ca - in - do ro - sa no nos - so ca - mi - nho

Sabiá

Moçambique

Deco

Ê _____ sa - bi - á, _____ es - sa gun - ga me faz cho - rar

5 _____ sa - bi - á, o - le - lê me faz cho - rar Meus ir - *Solo*

9 mãos, o - lha meus ir - mãos, ai ai o - lha que é de, ar - ru - mar _____

13 o - lha per - ni - nha no chão, ai ai o - lha, a gun - ga ba - lan - çar _____

Quem é que vai

Moçambique

Tonho Pretinho

179

Moçambique do Tonho Pretinho

Quem é que vai _____

8 quem é que vai _____

16 quem é que vai no Ro - sá - rio de Ma - ri - a quem

21 é que vai Ho - je a Ma - mãe San - ta -

27 na _____ e - la, e ne - ga - ca - ti -

34 vei - ra _____ que a - ben - ço a nos - so Bra -

41 sil o - ra vi - va mi - nha mãe e tam - bém mo - çam - bi - quei - ra _____

Que santo é esse?

Moçambique

Deco

É São Be - ne - di - to, ai ai — que vai me gui - ar ê ê —

4 pra le - var no An - go - lá pro An - go - lá que nós vai vol - tar ê ê

8 gui - ar no An - go - lá lá pro An - go - lá pre - to vai vol - tar

12 Que San - to, é es - se que vem a - go - ra

16 É São Be - ne - di - to e Nos - sa Se - nho - ra

Pai da Cachoeira

Samba

Juranda

A pe-dra ro - lou lá na la - dei - ra a pe-dra ro - lou

7 lá na la - dei - ra oi se - gu - ra, Pre - to Ve - lho, o meu Pai da Ca - cho -

12 ei - ra oi se - gu - ra, Pre - to Ve - lho, o meu Pai da Ca - cho - ei - ra Vou pe -

17 dir Nos - sa Se - nho - ra eu pe - ço de co - ra - ção Vou pe - dir Nos - sa Se -

22 nho - ra eu pe - ço de co - ra - ção pois a gun - ga de Ma - ri - a e - la

27 não ca - iu no chão pois a gun - ga de Ma - ri - a e - la não ca - iu no chão

Não deixa o reinado acabar

Moçambique

Chicão

Ho - je eu vou no Ro - sá - rio — ho - je eu vou de - va - gar —

5 vou le - van-do, é a co - ro - a — e - lá, é nos - sa ma - io - ral, aí —

9 Ei mãe, — não dei - xa seu fi - lho cho - rar — não

13 dei - xa a co - ro - a ca - ir — não dei - xa o rei - na - do, a ca - bar

Na beira do mar

Moçambique

Deco

Na bei - ra do mar na bei - ra do mar —

4 na bei - ra do mar Nos - sa Se - nho - ra man - dou me cha - mar —

8 *Solo* Pre - to de An - go - la — lá vai tra - ba - lhar —

12 bus - car a co - ro - a por is - so mes - mo nos - sa ma - io - ral —

Eu mandei fazer meu carro

Moçambique

Tonho Pretinho

Eu man - dei fa - zer meu car - ro com ma - dei - ra de_a - ro -

ci - ra se meu

car - ro não can - tar não car - re - go mais ma - dei - ra não car - re - go mais ma -

dei - ra *Solo* O - ra vi - va meus ir - mãos pe - ço_a vos - sa pro - te - ção

se_o Ro - sá - rio de Ma -

ri - a é da nos - sa de - vo - ção é da nos - sa de - vo - ção

Mandou me chamar

Moçambique

Deco

Man - dou me cha - mar man - dou me cha - mar

a Vir - gem Ma - ri - a man - dou me cha - mar

Solo Man - dou me cha - mar, a iá ta - va no An - go - la

fá - zer es - sa fes - ta por is - so mes - mo. é de Nos - sa Se - nho - ra

Ô, mãe querida

Samba

Tonho Pretinho

Ô, mãe que - ri - da ô, mãe a - ma - da quem tem ma - mãe tem

Solo tu - do quem não tem mãe não tem na - da Com li - cen - ça de Je - sus eu sa - io da por - ta pra

fo - ra eu sa - io com Je - sus Cris - to com a Vir - gem Nos - sa Se - nho - ra

Essa terra tem coroa

Moçambique

Tonho Pretinho

Es - sa ter - ra tem co - ro - a

7
es - sa ter - ra tem ban - dei - ra a Se -

15
nho - ra do Ro - sá - rio é a nos - sa pa - dro - ei -

23
Solo
ra Ho - je as co - ro - a, é Con - ga

31
co - ro - a mas de N - go - la pra fa - zer a nos - sa

39
fes - ta da Vir - gem Nos - sa Se - nho - ra, ___ ei á

Peixinho do mar

Moçambique

Tonho Pretinho



Sem-pre nas ho - ras de Deus, ô ____ Sem-pre nas ho - ras de Deus, ô ____



pois e vai a - ben - ço - ar ____ a Se - nho - ra do Ro - sá - rio ____



os seus passos que vai gui - ar a Se - nho - ra do Ro - sá - rio ____ os seus passos que vai gui -



ar Quem me en - si - nou a na - dar quem me en - si - nou a na - dar



foi, foi, ma ri nhei ro, foi os pei - xi - nho do mar

Louvado seja

Moçambique

Tonho Pretinho

Pra nos - sa fes - ta

6
pe - ço pro - te - ção

12
Pa - pai de N - go - la vim pa - nhar bên -

18
ção, ei á Lou - va - do se - ja

24
lou - va - do se - ja

30
nas ho - ras de Deus

36
lou - va - do se - ja, oi á

Na Angola tem

Moçambique

Tonho Pretinho

Na An - go - la tem na An - go - la tem

o - lha que be - le - za na An - go - la tem O

Pa - pai Be - ne - di - to ai de nós o que se - rá sem

a vos - sa pro - te - ção ho - je o ne - go não sai

Solo

Moçambique vai embora

Moçambique

Tonho Pretinho

Mo - çam - bi - que vai em - bo - ra, vai em - bo - ra

prá vol - tar no ou - tro a - no com fé em Nos - sa Se - nho -

ra Sem - pre nas ho - ras de De - us, vou em - bo - ra pa - ra o

ano se Deus qui - ser por a - qui tor - no vol - tar, ai ai

Solo

Engenho tá moendo

Samba

Tonho Pretinho

En - ge - nho tá mo - en - do dei - xa mo -

er eu vou fa - zer ga - ra - pa pro vo - vô be -

Solo

ber Ho - je, eu sou um ne - go ve - lho ho - je, eu an - do de - va -

gar ho - je, eu ta - vo em N - go - la pois eu de - mo - rei che - gar





SEBASTIÃO E DONA MARCELINA



TALITA, DONA NENZINHA, TONHO PRETINHO E DONA ESMERALDINA



SEBASTIÃO, DONA DIVINA,
MARCELO FEIJÓ E TALITA



DIANA



TALITA, DIANA, SEBASTIÃO E JURANDA

01 Vamos rezar Pai Nosso / Tonho Pretinho

Nas horas que Deus começa / Pai e Filho e Espírito Santo / nas horas que Deus começa / quero começar também / eu vou pedir Nossa Senhora / para me benzer também / e pra livrar de todos mal / de todos mal que vier

Oi, meus irmãos / e tudo que é bom eu guardo no cachola / tudo que é ruim eu pego e jogo fora

Olelê ai olelê ai

De joelho eu pego jogo fora / tudo que é ruim eu pego jogo fora

Pois que tudo que é ruim / pois eu pego e jogo fora / ai eu jogo mas bem pra longe / pra ninguém poder achar

Eu pego bem pra longe / pra ninguém poder achar / de todos mal que vier / e vai pras ondas do mar

De todos mal que vier / e vai pras ondas do mar / o que tiver seu olho gordo / e de nós não enxergará

O que tiver seu olho gordo / e de nós não enxergará / no rastro desses crioulo / nada vai nos pegar

Vamos rezar Pai Nosso / vamos rezar Ave Maria / vamos rezar pra São Pedro / Nossa Senhora, Estrela da Guia

Ô Mamãe do Rosário / eu peço proteção / sempre nas horas de Deus / minha mãe, abençoa meus irmãos
Sempre no dia de hoje / eu peço proteção / a Nossa

Senhora / vem fechar nosso cordão

Hoje veja Benedito / e a Santa Ifigênia / eu peço por caridade / vem fechar nossa corrente

Veja Pai Benedito / eu peço proteção / sempre nas horas de Deus / reforçar os meus irmãos

Reforçar os meus irmãos / no momento nessa hora / esses crioulo de Ngola / filho de Nossa Senhora

Viva o Rosário de Maria

Viva Deus lá no céu

Viva Cristo

Viva Nossa Senhora do Rosário

Viva São Benedito

Viva Santa Ifigênia

Viva Nossa Senhora das Mercês

Viva Nossa Senhora da Guia que guia todos os passos nossos

Viva todas as Proteção Divina

E por que que não viva?

Uma salva de palma pra Nossa Senhora

02 Peixinho do mar / Tonho Pretinho

Quem me ensinou a nadar / foi, foi, marinheiro, foi os
peixinho do mar

Sempre nas horas de Deus / pois vai abençoar / a Se-
nhora do Rosário / os seus passos que vai guiar

O crioulo de Ngola / ele sai fora de hora / pra fazer a
nossa festa / de São Benedito e Nossa Senhora

03 São Benedito tempera esse gungo / Tonho Pretinho

São Benedito foi lá na mata

São Benedito arrancou calunga

Santa Rita já buscou lenha

Santa Ifigênia já acendeu o fogo

São Benedito pôs cozinhar / tempera esse gungo,

tempera esse gungo

Veja lá São Benedito / pois tempera esse gungo / que
abençoa esse povo pra sair pelo mundo

04 Essa gunga foi formada / Tonho Pretinho

Essa gunga foi formada pra puxar coroa

Hoje não saber não é tudo / hoje não saber é mal / ora
viva meus irmãos / ora vocês como está?

Sempre no dia de hoje / vocês como está? / veja lá

São Benedito / meus irmãos vai abençoar

Veja lá São Benedito / é que vai abençoar / pra sair
pelo mundo / pra fazer nosso Reinado

Da cidade de Ngola / veio o cravo e veio a rosa / veja
lá São Benedito / junto com Nossa Senhora

Hoje mistério de Deus / quem espera logo envém /
ora viva meus irmãos / cês está de parabéns

Ora viva seu doutor / ai de mim o que será / ele veio
de Aruanda / ele veio para gravar

Ele veio bem de longe / ele veio pra gravar / pra dei-
xar recordação / nós aqui nesse lugar

05 Que santo é esse / Deco

Que santo é esse que vem agora? / É São Benedito e
 Nossa Senhora
 Que santo é esse que vem lá do céu / é Nossa Senhora
 / e São Benedito descendo na terra
 São Benedito, peço proteção / moçambiqueiro / por
 isso mesmo é de tradição
 São Benedito era cozinheiro / hoje tá no céu / por isso
 mesmo é santo verdadeiro
 São Benedito, tempera meu terno / tira todos mal / por
 isso mesmo que tiver na terra (retira esses mal / por
 isso mesmo que tá nessa terra)
 É São Benedito que vai me guiar / pra levar no Angola
 / lá pro Angola que nós vai voltar (guiar no Angola / lá
 pro Angola preto vai voltar)

06 Deus Pai / Chicão

Pois no dia de hoje / a sá rainha eu venho buscar /
 pois me dá uma licença / quero acabar de chegar
 Ó Deus, Deus Pai, o nosso Deus é poderoso
 Pois olha, sá rainha, / quero entrar no seu salão / se
 você me der licença / vou entrar com meus irmãos
 Pois olha que beleza / a coroa tá na mão / ponho o
 meu joelho em terra / quero a sua proteção
 Pois a benção que vós me deu / pois tá cheia de ale-
 gria / vou pedir Nossa Senhora / que ela seja sua guia
 Peixe grande, sá rainha, / pois ele dá é na lagoa / já
 tomei a sua benção / vou beijar santa coroa
 Vamos, vamos, sá rainha, / vamos na rua passear /
 ai quem quiser ir junto com nós / vocês podem me
 acompanhar

07 Tá cumprindo promessa / Luiz Otaviano

Vai cumprindo promessa / por isso mesmo é devagarinho / tá caindo rosa / no nosso caminho
Tá cumprindo promessa / é devagarinho / tá caindo rosa / no nosso caminho
O preto veio d' Angola / e agora chegou aqui / nos pés de Nossa Senhora / suas bênçãos veio pedir
Pegou a Nossa Senhora / colocou lá no altar / no seu trono ela governa / e esses negros abençoar
Pra fazer festa bonita / vamos agora, meus irmãos / ajuntando as nossas forças / pra cumprir obrigação
Essa festa de Maria / ela não é todo dia / quando não tem nego chora / quando tem, só alegria
Ontem era de manhã / já ouvi caixa malhar / porque os nego foi pra rua / para a festa começar
Minha festa começou / agora eu vou levar coroa / porque a bandeira santa / tá no céu e lá abençoa
Quem tem fé e acredita / sabe tudo essa verdade / não tem rei nessa bandeira / e a bandeira é majestade
Reuniu seus congadeiros / com Zambi eu fui temperar / pra fazer, Nossa Senhora, / nossa festa do Rosário

08 Sabiá / Deco

Ê sabiá, essa gunga me faz chorar / ê sabiá, olelê me faz chorar
Ê rei e rainha / olha acabei de chegar / olha Virgem Maria / ela manda te chamar
Ê é Virgem Maria / ela manda te chamar / olha coroa santa / lá no Rosário preto vai levar
Ê é moçambiqueiro / olha ele não chora à toa / olha pra levar coroa / olha Virgem do Rosário
Todo santo lá do Angola / olha veio pra me ajudar / olha lá Benedito / minha gunga temperar
Ê olha Benedito / veio pra temperar / olha levar moçambique / pra ir lá pro Rosário
Meus irmãos, olha meus irmãos, / olha que é de arrumar / olha perninha no chão / olha gunga balançar
Ô beleza, ô beleza / olha louvado seja / Virgem Maria me trouxe / é ela que vai me levar
Preta velha, olha, preta velha / olha, procura lugar / olha, eu canto daqui / vocês responde de lá
Essa festa do Rosário / é mesmo uma bizarrria / olha, só vejo alegria / no Rosário de Maria
Olha, que beleza / olha, é que emoção / olha, bandeira santa / olha, guia meus irmãos

09 Engenho tá moendo / Tonho Pretinho

Engenho tá moendo / deixa moer / eu vou fazer garapa / pro vovô beber

O anjo cantou no céu / Maria rezou na glória / hoje ser abençoado / eu vou rezar aqui agora

Hoje ser abençoado / eu vou rezar aqui agora / eu vou pedir São Benedito / pra Virgem Nossa Senhora

Coisa boa nesse mundo / vou cantar em terra boa / vou fazer festa bonita / vou cantar pra gente boa

Hoje não saber não é tudo / hoje não saber é mal / meus irmãos mas de Ngola / vocês como está?

Sempre no dia de hoje / vocês como tá? / vou pedir a Jesus Cristo / é que vai abençoar

Hoje eu sou um nego velho / hoje eu ando devagar / hoje eu tavo em Ngola / pois eu demorei chegar

10 Louvado seja / Tonho Pretinho

Louvado seja / louvado seja / nas horas de Deus / louvado seja

Nas horas de Deus / acabo de chegar / Papai de Ngola / senhor como tá?

No dia de hoje / vocês como tá? / é São Benedito / que vai abençoar, ô ingoma

Pra nossa festa / peço proteção / Papai de Ngola / vim panhar benção

Papai de Ngola / peço proteção / pede Jesus Cristo / abençoar meus irmãos, ô ingoma

Papai de Ngola / tá muito contente / São Benedito / abençoa essa corrente, ô ingoma

11 *Eu mandei fazer meu carro / Tonho Pretinho*

Toda Proteção Divina / peço a vossa proteção / que
abençoa o nosso povo / e também os meus irmãos
Eu mandei fazer meu carro / com madeira de aroeira /
se meu carro não cantar / não carrego mais madeira
Sempre nas horas de Deus / abençoa meus
irmãos / pra mim sair pro mundo afora / pra cumprir
nossa missão
Hoje eu sou moçambiqueiro / sou galinho de Ngola /
pra cumprir todas promessas / da Virgem Nossa Senhora
Ora viva meus irmãos / peço a vossa proteção / se o
Rosário de Maria / é da nossa devoção
Preto Velho saiu pro mundo / carapuço no cabeça /
pois mala no cacunda / pois bengala na mão

12 *Todo mundo tomou benção / Tonho Pretinho*

Todo mundo tomou benção, eu não
Papai de Ngola / ele sempre me falou
Pra pelejar mais com essa gunga / e na paz do senhor
Preto Velho é Preto Velho / ele nunca trabalhou
Ele sentava no toco / nessa hora nesse momento
Ele pitava no cachimbo, ô mamãe / e na paz do senhor
Todo crioulo de Ngola / é da nossa proteção
Sempre no dia de hoje / é da nossa proteção

13 *Essa terra tem coroa / Tonho Pretinho*

Hoje eu sou moçambiqueiro / hoje que não chora à
toa / pra fazer a nossa festa / festejar santa coroa
Essa terra tem coroa / essa terra tem bandeira / a Se-
nhora do Rosário / é a nossa padroeira
Hoje é rei perpétuo / ai de nós que será / sem a vossa
proteção / hoje a festa não sai
Hoje as coroa é conga / coroa mas de Ngola / pra fazer
a nossa festa / da Virgem Nossa Senhora
Hoje as coroa é conga / pois queira perdoar / hoje eu
sou um nego velho / pois eu ando devagar

14 Não deixa o reinado acabar / Chicão

Ei mãe, não deixa seu filho chorar / não deixa a coroa cair / não deixa o reinado acabar
 Pois olha meus irmão / hoje nós vai devagar / essa festa do Rosário / ela não pode acabar
 Pois olha rei, rainha / vamos, vamos acompanhar / pois falta um bocadinho / pra nós acabar de chegar
 Hoje eu vou no Rosário / hoje eu vou devagar / vou levando é a coroa / ela é nossa maioral
 Pois escuta, sá rainha, / pra você eu vou falar / amanhã levanto cedo / pois eu tenho que trabalhar
 Pois olha, sá rainha, / pois nós já tá chegando / pois eu te levo no palanque / devagar nós vai passeando
 Essa festa de Maria / pois é festa de união / pois eu levo a sá rainha / junto com os meus irmãos

15 Pai da Cachoeira / Juranda

A pedra rolou / lá na ladeira / segura, Preto Velho, / o meu Pai da Cachoeira
 Vou pedir São Benedito / a Virgem Nossa Senhora / a gunga da Virgem Maria / ela não fica de fora
 Vou pedir Nossa Senhora / eu peço de coração / pois a gunga de Maria / ela não caiu no chão
 Eu fiz minhas oração / pra Virgem Nossa Senhora / vou pedir São Benedito / que mora no reino da glória
 Terminar a nossa festa / com Deus e Virgem Maria / pois o meu São Benedito / que traz muita alegria
 Eu quero conversar com Deus / com a Virgem da Conceição / vou pedir Nossa Senhora / que te corra uma benção
 Eu já fiz minhas oração / entreguei Nossa Senhora / agora eu peço desculpa (licença) / meu irmão que é lá da Angola

Quem é que vai – Moçambique / Tonho Pretinho

Quem é que vai / quem é que vai / quem é que vai no
Rosário de Maria / quem é que vai

Hoje a Mamãe Santana / ela é nega cativeira / que
abençoa nosso Brasil / ora viva minha mãe / e também
moçambiqueira

Na Angola tem – Moçambique / Tonho Pretinho

Na Angola tem / na Angola tem / olha que beleza / na
Angola tem

Papai Benedito / ai de nós o que será / sem a vossa
proteção / hoje o nego não sai

Papai Benedito / peço a vossa proteção / ponho meu
joelho em terra / vou tomar santa benção

Papai Benedito / que é da minha devoção / já me deu
sua proteção / vamos levantar do chão

Sempre nas horas de Deus / vamos levantar do chão
/ com a benção do senhor / pra cumprir nossa missão

Ô, mãe querida – Samba / Tonho Pretinho

Ô, mãe querida / ô, mãe amada / quem tem mamãe tem
tudo / quem não tem mãe não tem nada

Os anjos cantou no céu / Maria rezou na glória / há de
ser abençoada / eu saio da porta pra fora

Com licença de Jesus / eu saio da porta pra fora / eu
saio com Jesus Cristo / com a Virgem Nossa Senhora

Ô que hora tão bonita / abençoando meus irmãos / pra
sair pelo mundo / pra cumprir todas missão

Hoje não saber não é tudo / hoje não saber é mal /
meus irmão mas de Ngola / ai vocês como tá?

Sempre no dia de hoje / ai de mim o que será / no dia
de hoje / nós temos conta que dar

Sempre no dia de hoje / olha vocês como está / vou
pedir São Benedito / é que vai abençoar

* As faixas 05, 06, 11 e 12 do CD constam também do DVD

Na beira do mar – Moçambique / Deco

Na beira do mar / na beira do mar / na beira do mar / a
 Nossa Senhora mandou me chamar
 Preto de Angola / lá vai trabalhar / buscar a coroa / por
 isso mesmo nossa maioral
 Preto de Angola / vamo trabalhar / pra Virgem Maria /
 por isso mesmo que vai me guiar
 É São Benedito / nosso maioral / peleja peleja / São
 Benedito é dono do Rosário

Mandou me chamar – Moçambique / Deco

Mandou me chamar / mandou me chamar / a Virgem
 Maria / mandou me chamar
 Mandou me chamar / tava no Angola / fazer essa festa /
 por isso mesmo é de Nossa Senhora
 Pra fazer a festa / da Nossa Senhora / chamar esses pre-
 to / por isso mesmo busquei no Angola
 Rosário de Maria / nosso maioral / é São Benedito / por
 isso mesmo é louvado seja
 Buscar no Angola / pra Virgem Maria / é Nossa Senhora
 / por isso mesmo que seja nossa guia
 Minha mãe me trouxe / e vai me levar / pra levar no
 Rosário / festa bonita Senhora do Rosário

Moçambique vai embora – Samba / Tonho Pretinho

Moçambique vai embora, vai embora / pra voltar no ou-
 tro ano / com Deus e (fé em) Nossa Senhora
 Sempre nas horas de Deus, vou embora / para o ano, se
 Deus quiser, / por aqui torno voltar
 Se eu não cantei do seu gosto / cê queira me desculpar
 Oi lá vamos pra boa viagem / tenho pena de deixar
 Se o doutor for deste terno / vamos juntos viajar
 Por aqui é por aqui / ora adeus muito obrigado
 Sempre nas horas de Deus / vou deixar o meu abraço





- 01 Vamos rezar Pai Nosso** | Moçambique BR VWR-16-00001 05:28
Tonho Pretinho
- 02 Peixinho do mar** | Moçambique BR VWR-16-00002 02:00
Tonho Pretinho
- 03 São Benedito tempera esse gungo** | Récita BR VWR-16-00003 00:53
Tonho Pretinho
- 04 Essa gunga foi formada** | Samba BR VWR-16-00004 03:06
Tonho Pretinho
- 05 Que santo é esse** | Moçambique BR VWR-16-00005 03:47
Deco
- 06 Deus Pai** | Samba BR VWR-16-00006 04:25
Chicão
- 07 Tá cumprindo promessa** | Moçambique BR VWR-16-00007 03:20
Luiz Otaviano
- 08 Sabiá** | Moçambique BR VWR-16-00008 03:57
Deco
- 09 Engenho tá moendo** | Samba BR VWR-16-00009 02:13
Tonho Pretinho
- 10 Louvado seja** | Moçambique BR VWR-16-00010 05:05
Tonho Pretinho
- 11 Eu mandei fazer meu carro** | Moçambique BR VWR-16-00011 04:07
Tonho Pretinho
- 12 Todo mundo tomou benção** | Samba BR VWR-16-00012 02:00
Tonho Pretinho
- 13 Essa terra tem coroa** | Moçambique BR VWR-16-00013 04:38
Tonho Pretinho
- 14 Não deixa o reinado acabar** | Moçambique BR VWR-16-00014 02:49
Chicão
- 15 Pai da Cachoeira** | Samba BR VWR-16-00015 04:22
Juranda

Faixas 02, 03 e 04 gravadas na sala de Dona Lena e Tonho Pretinho, no Bairro da Boa Viagem, Itapeçerica – MG, em agosto de 2009. Faixas 09 e 10, no Congado de Fagundes, Santo Antônio do Amparo – MG, em setembro de 2012. Faixas 01, 05, 07 e 11, na antiga senzala da Fazenda Palestina, em outubro de 2014. Faixas 06, 08, 12, 13, 14 e 15, na varanda de Dona Lena e Tonho Pretinho, em janeiro de 2015.

Gravador Tascam HD P2, de dois canais, e microfones Schoeps MK6, captando simultaneamente todos os instrumentos no modo *omni*. Conceito de gravação ao vivo, com interferência mínima na organização espacial do grupo, desenvolvido por Juliana Saenger e Roberto Corrêa.





apoio



realização

MOÇAMBIQUE
do Tonho Pretinho



FUNAPE
Fundação de Apoio à Pesquisa - UFG



Organización
de las Naciones Unidas
para la Educación
la Ciencia y la Cultura



Patrimônio
Cultural
Imaterial



Centro Regional para
la Salvaguardia del Patrimonio
Cultural Inmaterial de América Latina
bajo los auspicios de la UNESCO



Ministério da
Cultura

